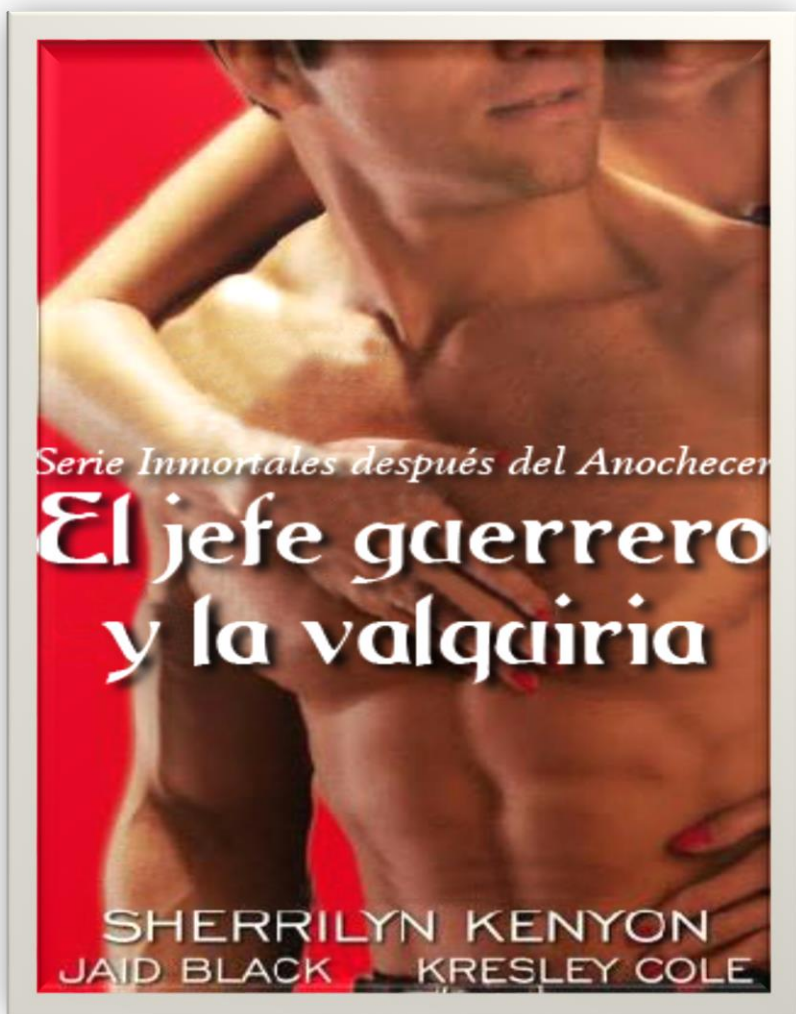


Série Imortais Depois do Anotecer
'IAD'

O Guerreiro e a Valquíria

Kresley Cole



Nikolau Wroth, que uma vez foi um impiedoso guerreiro humano em 1700 e agora é um dos generais do exército rebelde dos vampiros, tem que encontrar a sua noiva, a única mulher que pode lhe devolver à vida. Como humano convertido em vampiro, não possui coração e, por conseguinte, é mais fraco que os vampiros originais. Por esta razão quer encontrar a sua companheira, pelo poder que esta lhe outorgará... mas fica assombrado quando seu coração começa a pulsar por Myst, a Cobiçada, uma louca criatura mitológica.

Myst é conhecida em todo mundo como a Valquíria mais formosa. É uma feroz guerreira e possui uma parte extremamente sedutora que faz com que ele a deseje inclusive quando está terminando com sua vida, e que dedicou toda sua existência a



proteger uma antiga e poderosa jóia e a batalhar contra os vampiros. Agora viu a oportunidade de atormentar a um de seus inimigos... posto que a ressurreição do coração do Wroth vem acompanhada de um ardente desejo sexual que só sua companheira — ela — pode saciar.

Durante cinco anos pôde lhe evitar, mas finalmente ele a deu caça e lhe roubou a jóia que a domina lhe outorgando um poder absoluto sobre sua pessoa. Enquanto este a tenha em seu poder, pode obter que ela faça algo e a fará experimentar de primeira mão a agonizante e infinita luxúria a que lhe teve submetido durante meia década. Mas muito em breve Wroth se dá conta de que quer algo mais dela, não só seu desejo sexual, e termina libertando-a.... voltará Myst a seu lado?



Digitalização: Nutri Rosangela
Revisão e formatação: Vicky

A Origem das Valquírias

Na neve salpicada de sangue, a solitária guerreira caiu sobre um joelho e tremeu com debilidade. Mesmo assim, uma mão saiu disparada para elevar uma espada contra a legião que se aproximava.

Seu peitilho amolgado se tragava sua pequena forma.

Os ventos uivavam, açoitando seu cabelo, mas ela ouviu o som vibrante de uma corda de arco soltar-se. Gritou com fúria; a flecha alcançou o centro de sua armadura, o golpe a mandou voando para trás.

A flecha tinha atravessado metal, depois apenas seu esterno, justo o suficiente para que seu coração encontrasse a ponta com cada pulsado. O batimento de seu próprio coração valente a estava matando.

Mas seu grito tinha despertado a dois deuses próximos, dormindo juntos durante uma década brutal e glacial. Estiraram-se e baixaram a vista para a donzela, vendo em seus olhos a coragem brilhando intensamente. Valentia e determinação tinham marcado toda sua vida, mas a luz diminuía com a morte e eles se lamentavam.

Freya, a deusa feminina, sussurrou que deveriam agarrar sua coragem e preservá-la para a eternidade por quão valioso era.

Wóden esteve de acordo, e juntos deixaram que raios cortassem através do éter e alcançassem à donzela quase morta.

A luz foi violenta e demorou para passar, e fez ao exército tremer.

Quando a escuridão se fechou novamente, a donzela curada despertou em um lugar desconhecido. Estava intacta, sua mortalidade humana sem trocar. Mas logo uma filha imortal nasceria dela... uma filha que possuiria sua coragem, o ardiloso brilhantismo do Wóden, e a alegria e mágica beleza do Freya. Embora esta filha desfrutasse do poder do raio para o sustento, também tinha herdado a arrogância do Wóden e a cobiça do Freya, o que simplesmente fez que a quisessem mais.

Os deuses estavam contentes e a donzela adorava a seu novo bebê. Depois de que uma idade passasse piscando, os deuses escutaram outra chamada feminina de coragem, enquanto morria em uma batalha contra um inimigo escuro. Não era uma humana, a não ser uma Fúria, uma dos Lore, esse estrato de seres preparados que tinham convencido aos humanos de que só existiam na imaginação. Escassos momentos teve a criatura; na congelada noite, suas respirações já não voltaram a ser visíveis.

— Nossos salões são estupendos, e ainda assim nossa família é pequena — disse Freya, seus olhos brilhando tanto que um marinheiro no norte foi cegado brevemente pelas estrelas e quase perdeu o rumo.

Wóden, carrancudo, tomou sua mão, incapaz de lhe negar nada. Aqueles que rodeavam à Fúria agonizante, viram raios atravessar o céu uma vez mais.

E voltariam a cair outra e outra vez nos seguintes anos, continuando muito depois de que fêmeas guerreiras (fossem humanas, demoníacas, sereias, mutantes e qualquer criatura valente do Lore) soubessem rezar por isso quando morriam.

Dessa forma nasceram as Valquírias.

Capítulo 1

Cinco anos atrás.

Castelo do Monte Oblak, Rússia

Se o enorme vampiro não deixasse de olhá-la fixamente, inclusive seu incrível talento com a espada, não ia manter lhe por muito tempo a cabeça sobre os ombros.

O pensamento fez a Myst (uma imortal conhecida como a Gananciosa), sorrir amplamente enquanto se aninhava no batente de sua cela. Apoiando-se contra as barras reforçadas, olhou aos dois exércitos de vampiros lutarem mais abaixo, como faria com um ruído surdo na parte de trás de uns degraus.

O pobre chefe guerreiro, com seus amplos ombros e cabelo negro azeviche, estava a ponto de unir-se à legião de outros homens, cuja última imagem na terra tinha sido a cara sorridente de Myst...

Franziu o cenho quando agachou a cabeça e passou por cima de seus inimigos. Era um homem grande, pelo menos dois metros de altura, mas era surpreendentemente rápido. Inclinando a cabeça, estudou-o. Era bom. Ela sabia de luta e gostava de seu estilo. Sujo. Cortava com sua espada e logo golpeava com o punho, ou esquivava um golpe e logo lançava um cotovelo. Divertia-a olhar, mas o que não daria para estar lá abaixo lutando. No meio. Contra ambas as partes. Contra ele.

Brigava mais sujo.

O olhar do homem continuava vagando para ela, e uma vez inclusive matou quando seus olhos ainda estavam nela. Myst lhe tinha mandado um beijo, escolhendo vê-lo como um tributo.

Ele teve tempo de voltar a vista atrás, inclusive quando lançou ordens ao comando do exército de vampiros de seu redor, mostrando brilhantismo em estratégia. Ela examinou tudo como se visse Batalhas Decisivas no A&E¹, e a contra gosto notou a efetividade das granadas ácidas e pistolas de seu exército.

As criaturas do Lore desprezavam armas humanas como essas. Aos únicos que essas armas podiam matar eram humanos, o que não servia muito. E ainda assim o bom das balas, a parte de danificar uma perfeita e boa costura, era que doíam e podiam imobilizar a um imortal durante muito pouco tempo. Suficiente para que um lutador brigando sujo te cortasse a cabeça. Feito suficientes vezes, podia te ajudar a tomar um “invulnerável” castelo como o do Ivo o Cruel.

A Myst apenas importava que Ivo, seu carcereiro e atormentador, estivesse a ponto de ter o traseiro pego por este chefe guerreiro, com armas modernas proibidas. Sua situação não mudaria, já que estes rebeldes humanos convertidos, conhecidos como *Forbearers*, ainda eram vampiros. Um idiota de sangue é um idiota de sangue...

Uma explosão sacudiu o castelo, e faíscas e partes de escombros chegaram até o teto da cela do Myst. As criaturas dos úmidos receptáculos inferiores, uivavam no corredor com fúria impotente, aumentando em urgência com cada sucessiva explosão, até que... acabou. Silêncio. Uma réplica aqui e lá, uma choramingação baixa...

¹ A rede da A&E (Artes & Entertainment) é uma emissora de cabo e satélite americano, focalizada originalmente aos documentários, às biografias e à série do drama, que expandiu se expandiu aos reality shows.

Já não havia defesa neste castelo, seus habitantes tendo desaparecido (riscando, como o Lore chamava teletransportar-se) deixando não mais que um ligeiro rascunho e os registros queimados de sua Horda.

Podia ouvir os rebeldes procurando nas vísceras do lugar, mas lhes poderia haver dito que não encontrariam nada de seus inimigos. Os moradores aqui não tinham sido do tipo “luta até a morte”, mas bem do tipo o que “luta e escapa, vive para escapar outro dia”.

Pouco depois, ouviu pesadas botas ressonando no chão de pedra da cela, e soube que era o chefe guerreiro. Cruzou diretamente até sua cela, e ficou parado diante dela.

Desde sua posição elevada, encolhida na janela, examinou ao vampiro de perto. Tinha cabelo negro grosso e liso, que caía sobre seu rosto em seções desiguais, que sem dúvida tinha aparado com sua espada meses atrás, e depois não tinha pensado em cortá-lo. Algumas mechas estavam separadas de seu campo de visão, com aquelas pequenas massas de tranças como as que os berserkers estavam acostumados a levar. Tinha cicatrizes nas mãos, e seu corpo grande era poderoso e cheio de músculos. Myst queria ronronar, porque aparentemente era o centro da inspeção que realizava o consumado e viril chefe guerreiro.

— Desça daí e se mostre. — Sua voz era profunda. Sotaque russo, endinheirado, aristocrático.

— Ou o que? Me deixaria encerrada em uma masmorra?

— Poderia te liberar.

Estava nas barras antes que ele tivesse tempo de baixar seu olhar da janela. Sua quadrada mandíbula se afrouxou justo um pouquinho? Ela escutou procurando a aceleração de seu coração, mas não encontrou nenhuma porque não tinha pulso. Então o vampiro estava sem par? Seus olhos estavam claros sem a neblina vermelha que assinalava sede de sangue, o que significava que nunca tinha bebido de um ser até a morte. Por outro lado, um *Forbearer* prescindia totalmente de tomar sangue vivo através da carne.

Quando ele viu sua cara de perto, a chave não esteve imediatamente na fechadura como habitualmente teria estado, mas seus lábios se abriram, mostrando suas presas para que ela os visse. É obvio que os seus seriam atrativos... não muito proeminentes ou inclusive não muito mais compridos que os caninos humanos.

Quando Myst viu a pequena e esplêndida cicatriz que cruzava ambos os lábios, caiu um relâmpago no exterior, mas ele não saltou ante o raio nem levantou a vista... estava muito ocupado olhando-a fixamente.

Cicatrizes, a evidência externa de dor, atraíam Myst. A dor forjava a força. A força engendrava eletricidade. Esta podia dar a ela.

Era possível que inclusive lhe faltasse um olho sob a grossa mecha de cabelo.

Myst conteve um grunhido gutural quando inclinou a mão para lhe jogar o cabelo para trás. Mas ele foi rápido, lhe agarrando o pulso. Ela curvou um dedo em um gesto de bem-vinda, e depois de um momento ele a soltou, lhe permitindo aproximar a mão. Jogou-lhe o cabelo para trás, descobrindo um masculino rosto de feições duras, coberta de terra e cinza da batalha.

Ainda estava em posse de ambos os olhos, e eram intensos. Cinza metálico.

Quando sua mão caiu, as sobrancelhas do vampiro se juntaram, possivelmente por seu descarado interesse, ou possivelmente por seus dedos acariciando já as barras em convite, enquanto lhe olhava fixamente a boca. Myst estava surpreendida por quão carnal se encontrava, especialmente porque o vampiro podia usá-la para lhe fazer dano.

A suave corrente de ouro que tinha levado na cintura durante milênios, agora se sentia pesada.

— O que é? — perguntou em sua agradável voz baixa. Myst se deu conta então de que seu sotaque não era russo, mas sim da vizinha Eesti. O general era estoniano, o que o fazia uma espécie de russo nórdico, embora estivesse segura de que ele não gostaria dessa descrição.

Franziu o cenho ante sua pergunta, e jogou o cabelo para trás para lhe mostrar sua orelha bicuda.

— Nada? — Myst abriu os lábios e passou a língua por suas pequenas presas inativas. Não houve reconhecimento.

Aparentemente, os rumores eram certos. Havia um líder neste exército, um general mais provável, que não tinha nem idéia de que era sua inimizada mortal. Pensaria que era uma fada ou uma ninfa. Ela preferia fada porque morreria de vergonha ser confundida com uma dessas pequenas prostitutas...

Sacudiu a cabeça. Enquanto não soubesse que era Valquíria, a coisa ia bem.

Matar aos inconscientes *Forbearers* seria fácil para suas irmãs e ela. Muito fácil. Quase como ter seu próprio presente secreto.

Myst acabava de confirmar os rumores no Lore que sussurravam sobre trabalho duro, e a inabilidade desta Horda de diferenciar entre as duas raças.

— O que você é? — exigiu outra vez Nicolau Worth, surpreso de que sua voz soasse acalmada.

Quando a tinha visto na luz, havia sentido como se deixasse sair um fôlego aturdido (se sua espécie respirasse) já que era surpreendentemente preciosa, com uma beleza só insinuada da distância do campo de batalha. Havia se sentido atraído por esse rosto, para seu imprudente perigo.

Embora ela tivesse esperado que ele reconhecesse sua espécie, tudo o que podia determinar era que não era humana, e que não tinha nem idéia do que poderia ser. Suas orelhas diziam fada, mas também tinha as presas pequenas.

— Me solte — disse a criatura. Pele impecável, lábios rosados coralinos, cabelo vermelho fogo. Os olhos que o percorriam avaliando-o eram de um verde impossível.

A forma em que sujeitava as barras era insinuante, tudo sobre ela era... insinuante.

— Jura lealdade a meu rei, e te liberarei.

— Não posso fazer isso, mas não tem direito a me reter aqui.

Nesse momento seu irmão Murdoch passou por ali, levantou as sobancelhas ante o descobrimento do Wroth e murmurou em estoniano:

— Doce Cristo! — Depois continuou andando. Por que Worth era incapaz de fazer o mesmo?

— Como se chama? — não estava habituado a que suas perguntas ficassem sem responder.

Outra carícia às barras.

— Qual quer que seja?

Ele franziu o cenho.

— É uma vampira?

— Não a última vez que o comprovei. — Sua voz era sensual. Wroth não podia localizar seu sotaque, mas era arrastado, meloso.

— É inocente de maldade contra nós?

Ela agitou uma mão desdenhosa.

— Oh, bom Deus, não! Eu adoro, adoro, adoro matar sanguessugas.

— Então apodreça aqui. — Como se ela pudesse matar a um vampiro. Media apenas um metro e meio e tinha constituição delicada... além dos generosos peitos que marcava sua ajustada camiseta.

Justo antes de que se desse a volta, viu como os olhos da mulher se estreitavam.

— Cheiro a fumaça, — disse-lhe — Ivo o Cruel queimou seus registros antes de fugir, não é mesmo?

Worth ficou quieto, apertando os punhos porque teria que voltar.

— Sim. — retornou à cela uma vez mais.

— E o exército deste novo rei está cheio de Forbearers... humanos convertidos? Pouco importa. Estou segura de que o rei tem muitos conhecimentos sobre a extensa lista de inimigos da Horda dos vampiros entre o Lore. Não necessitaria dos valiosos registros milenares deste castelo. De fato, estou segura de que não há nenhuma razão pela que escolheram este forte por cima dos outros quatro, incluindo o assentamento real.

Como ela conhecia tão bem seus planos?

Wroth podia planejar batalhas e assédios, tinha ganhado sua fila só por esta vitória, mas não sabia nada deste novo mundo para fazer avançar o exército. Infelizmente, não era o único.

“O cego liderando ao cego”. Quando encontraram os registros reduzidos a um montão de brasas e cinzas, era o que Kristoff tinha murmurado.

— Pensa negociar por sua liberdade? Se resultar que tem informação, posso lhe arranjar isso.

— Tortura? — Perguntou ela com uma risada — A primeira peça de informação que te divulgarei? Não te recomendaria tentar me torturar. Eu não gosto, e me ponho zangada sob alicates. É uma falha.

As coisas nas celas, muitas das quais Worth nunca tinha ouvido falar e nunca teria imaginado, uivaram e grunhiram ante isso.

— Vamos, não brigemos, vampiro. Me deixe livre, e iremos a sua habitação para falar. — Lhe ofereceu sua mão de aspecto frágil. Uma mancha de cinza contrastava contra sua pele de alabastro.

— Acredito que não.

— Chamará por mim. Estará sozinho em seus novos aposentos e se sentirá fora de lugar. Posso-te deixar acariciar meu cabelo até que fique dormido.

Wroth se aproximou mais e baixou sua voz para perguntar totalmente sério:

— Está louca, não é?

— Como... uma... cabra — lhe sussurrou ela em tom conspirador.

Sentiu uma ponta de compaixão pela criatura.

— Quanto tempo estive aqui?

— Durante quatro compridos... intermináveis... dias.

Olhou-a ameaçador.

— Por isso é que quero que me leve contigo. Não como muito.

A cela irrompeu outra vez em risadas.

— Espera sentada.

— Com certeza não como você, *Forbearer*.

— Como sabe quem sou?

— Sei tudo.

Então, se era certo, tinha uma riqueza que eles não possuíam.

— Deixa-a — disse Murdoch da entrada da cela. Suas sobrelhas estavam levantadas, sem dúvida desconcertado ante o interesse de seu irmão. Wroth nunca tinha açoitado às mulheres. Como humano, ou elas foram até ele

ou passava sem elas. Não tinha tido tempo em época de guerra. Como vampiro, não tinha essa necessidade. Não até que encontrasse a sua Noiva.

Wroth sacudiu a cabeça para a louca e mágica criatura, depois se forçou a seguir caminhando, embora lhe pareceu ouvi-la murmurar “me chame, General”, fazendo que o cabelo de sua nuca se levantasse.

Seguiu a seu irmão até a nova antecâmara do Kristoff e encontrou seu rei olhando para a clara noite através de uma ampla janela, que seria fechada durante as horas anteriores ao amanhecer. Quando se girou para eles, seu rosto gasto se via cansado.

Wroth suspeitava que tivesse sido difícil matar a outros vampiros naturais, nascidos como tal, sua própria espécie, sem importar os loucos que se tornaram, e sem importar se seguiam a seu tio Demestriu, que lhe tinha roubado a coroa fazia séculos. Wroth não tinha esses pesares. Estava cansado mas só por feridas, e seu braço bom tinha sido usado em excesso ao golpeá-los.

— Alguns dos registros puderam ser salvos? — perguntou Worth com pouca esperança. Se os vampiros deste castelo tinham gasto tanta energia lutando como queimando, poderia haver ficado com o Oblak. Para seu desgosto, tinham fugido. Não entendia. Quando defendia sua casa, fazia-o até a morte.

Ele o tinha feito.

Kristoff respondeu:

— Nenhum.

Sem os registros, sua própria ignorância os mataria. Kristoff, o legítimo rei, tinha sido criado por humanos longe do alcance do Demestriu. Durante séculos, tinha vivido entre eles, escondendo sua verdadeira natureza e aprendendo pouco sobre o Lore. Seu exército consistia em guerreiros humanos que tinha convertido quando morriam em campos de batalha, por isso não sabiam nada. Antes que Wroth visse o Kristoff parado frente a ele como um anjo da morte, lhe oferecendo vida eterna em troca de eterna lealdade, Wroth tinha pensado que os vampiros eram meros mitos.

As regras deste novo mundo eram complexas e freqüentemente pouco razoáveis, e sua ordem sabia pouco mais que conjeturas e o que tinham aprendido em dolorosas provas durante séculos. Estavam apanhados em uma espécie de crepúsculo, não humanos e ainda universalmente rechaçados por todas as facções do Lore. Esses seres se escondiam nas sombras, escapando de qualquer terra que o exército do Kristoff ocupava, trabalhando juntos para estar sempre um passo a frente. A experiência humana do Wroth lhe dizia que já deveriam ter sido capazes de obter informação, mas a realidade era que isto era um plano totalmente diferente. O mesmo esforço que ocupava ao esconder o Lore dos humanos durante séculos, foi em manter também aos soldados do Kristoff na escuridão.

— Algum sinal do Conrad ou Sebastian? — perguntou Kristoff.

Wroth negou com a cabeça. Não tinha visto seus irmãos desde pouco depois de que fossem convertidos, mas tinha ouvido que estavam em uma batalha com vampiros naturais. Embora Murdoch e ele não tivessem esperado encontrar a seus irmãos aqui, tinham esperado que possivelmente estivessem nas masmorras do castelo que estrategicamente tinham que tomar.

— Possivelmente no seguinte forte das Hordas.

Wroth assentiu, embora o duvidasse. Sentia que seu irmão menor, Bastian, estava morto, e suspeitava que a mente do seguinte maior, Conrad, estava inacessível embora o pudesse encontrar. Nenhum dos dois tinha apreciado a vida eterna que seus irmãos maiores lhes tinham forçado a tomar.

Murdoch examinou uma ferida em seu braço, parecia despreocupado pelo golpe, mas por outro lado, normalmente parecia indiferente a tudo. Embora eram fisicamente muito parecidos, ele e Wroth não poderiam ser mais

diferentes em personalidade. Wroth acreditava na causa do Kristoff, vendo muitos paralelismos com seu próprio passado, e queria continuar lutando. Ao Murdoch não importava muito. Wroth suspeitava que seu irmão lutasse só como um favor a ele... ou porque agora não tinham outra coisa.

— Wroth encontrou um ser nas celas —disse Murdoch— Parece ter um extenso conhecimento do Lore.

— Que tipo de ser?

Wroth respondeu.

— Não tenho nem idéia. Parece uma fada, delicada, com orelhas bicudas. Mas tem presas pequenas e suas unhas parecem, bem... garras. Não é vampira. Kristoff franziu o cenho ante isso.

— Possivelmente tenha nascido de mais de uma espécie?

— Possivelmente — mais especulação. Wroth estava farto dela. Queria saber as regras do jogo para poder dominá-lo.

— Lhe tire tudo o que possa.

— Não falará. Interroguei-a o suficiente para saber que dará indícios, mas nunca revelará informação claramente. E odeia aos vampiros.

Kristoff esfregou a testa.

— Então amanhã à noite se não obtivemos informação do resto dos presos, a trataremos como o faria a Horda que odeia. Tortura-a para lhe tirar informação se não a pode obter de nenhuma outra forma.

Wroth assentiu, mas a idéia não lhe sentou bem. Como humano, não tinha tido compaixão com seus inimigos, mas nunca tinha torturado a uma mulher. Mas ela não era realmente uma mulher, recordou-se. Era uma fêmea do Lore, e a sobrevivência de seu exército podia depender dos conhecimentos que guardava.

Possivelmente nunca tinha torturado a uma mulher porque não o tinha necessitado.

A criatura tinha tido razão, pensou Wroth enquanto um guarda o conduzia a suas novas habitações. Ia chamá-la.

Embora o que faria com ela, não sabia.

Capítulo 2

— Sentiu minha falta? Porque eu o fiz. — disse quando o guarda a escoltou dentro do quarto do Wroth. Este por costume levantava-se quando entrava uma dama. Lançou-lhe um sorriso brilhante. — Um guerreiro cavalheiro. Que boa imagem. — Se abanou com a mão. — Acredito que estou apaixonada.

Ele não respondeu, e a ela não pareceu lhe importar enquanto examinava despreocupadamente o quarto.

— Um pouco antiquado ao estilo Drácula. Não necessariamente o que eu teria feito, mas depois de tudo não necessito dispositivos resistentes ao sol como podem necessitar vocês, — encolheu-se de ombros e depois se dirigiu em direção ao quarto de banho. — Se não se importar, vou me dar uma ducha, — disse-lhe rapidamente por cima do ombro, lhe fazendo levantar as sobancelhas.

Na soleira, desabotoou-se a apertada blusa e a tirou, deixando somente um sutiã negro transparente. Deu-se a volta, para o Wroth, revelando seus seios mal cobertos, só para que pudesse ver a carne cremosa transbordando do encaixe, quando se agachou para tirar as botas. O que Wroth não sabia era porquê.

Estava realmente louca? A maioria da gente que o estava não pensava que fosse, mas ela parecia estar orgulhosa disso. Normalmente Wroth era rápido em determinar os motivos das pessoas. Sim, ela queria sua liberdade, mas por alguma razão, o vampiro soube que não dormiria com ele para consegui-la.

Se tivesse que adivinhar, diria que simplesmente não lhe parecia estranho despir-se diante dele e comportar-se como em casa, no quarto de um estranho. De fato, suspeitava que não os visse como estranhos.

Enquanto estava quieto, escondendo sua surpresa, ela abriu o fechamento da saia de seda em seu quadril, e esta também caiu ao chão.

Uma magnífica corrente de ouro ao redor da minúscula cintura captou sua atenção. Era incomum, o desenho parecia muito velho, mas brilhava como nova quando a mulher se movia. Uma vez que pôde apartar os olhos da corrente, concentrou-se somente naquele minúsculo prendedor e na escassa roupa interior negra, tão intrincada que de novo ficou assombrado. Era como uma obra de arte... ou como uma cinta adornando uma...

Lançou-lhe um sorriso provocador.

— O vampiro gosta? — Ronronou, desabotoando a parte dianteira de seu prendedor para lançá-lo com suas outras roupas.

Wroth franziu o cenho, porque sim, gostava. Muito. Passou-se uma mão pela boca, perguntando-se se seus peitos altos e abundantes poderiam ser mais formosos. A mulher tinha mamilos rosados coralinos, que ele poderia passar horas lambendo, e carne de alabastro que desejava sustentar e tocar. Wroth começou a falar, mas teve que tossir em seu punho para continuar.

— Se despe diante de um vampiro mesmo quando não sabe seu nome? Ofegou com falso horror e se cobriu os peitos com as mãos.

— Tem razão! Assim, qual é seu nome?

— Minha resposta virá logo como a sua. Qual você gostaria que fosse?

Sorriu ante isso, mas depois respondeu à pergunta.

— Algum tipo de nome adequado para um chefe guerreiro vampiro, maior que o normal e marcado por batalhas.

Marcado por batalhas? Maior que o normal? Perguntou-se porquê demônios lhe importava como o via. Estava divinamente formada, mas louca. Ele ficaria com suas cicatrizes e sua prudência.

— Nicolau Wroth — soltou irritado.

Por um segundo breve acreditou ver uma piscada de reconhecimento. Mas então o olhou arqueando as sobrancelhas e sussurrou:

— Oh! Isso sim que é bom. Wroth, a antiga palavra para fúria? É uma idéia perfeita para um nome. — Baixou as mãos. — Simplesmente te chamarei dessa forma — disse. Depois lhe jogou uma segunda olhada, sacudindo a cabeça com um sorriso pesaroso, como se não pudesse acreditar que fosse tão preparado.

... louca como uma cabra.

A mulher se apoiou contra a soleira, elevando os braços dobrados por cima da cabeça para agarrá-los cotovelos. Exibindo uns peitos que lhe enchiam a boca d'água e lhe lançando um sorriso coquete que teria posto à maioria dos homens de joelhos, perguntou-lhe com sua voz de uísque:

— Você gostaria de se unir a mim, Wroth? —lhe piscou um olho quando disse seu nome, e lhe apresentou os quadris apartando do marco da porta.

—Não — soltou a palavra com dificuldade. Não queria que soubesse que seu corpo não responderia ante ela. Sua mente o fez, as vagas memórias de haver sido humano o fizeram. Mas não seu corpo. Era um morto andante. Nenhuma respiração, nenhum pulsado do coração, nenhuma necessidade sexual... ou habilidade. Não até que encontrasse a sua noiva predestinada e ela

o “sangrasses” completamente. Com seu sangramento, algo em seu interior, uma certa essência, possivelmente inclusive sua alma, a reconheceria como dele. A veria como aquela com a que estava destinado a passar a eternidade, a mulher que poderia amar sem limite, se podia acreditar nisso, e seu corpo despertaria para ela.

No passado tinha suspirado por sua Noiva devido à energia que lhe traria, finalmente seria tão forte como os vampiros sangrados, seus sentidos tão agudos como os deles, mas nunca tinha sentido falta do sexo antes disto. E Wroth soube depois desta exibição que não era ela. Porque isto teria sangrado a qualquer vampiro.

Ela se encolheu de ombros, o simples movimento, uma vista para admirar, depois girou na esquina de volta para o quarto de banho. Quando saiu quinze minutos depois vestida com uma toalha, cruzou até o armário do Wroth. Este esteve quase seguro de que tinha utilizado sua escova de dente.

E que... adorava por alguma razão.

A toalha caiu, deixando-a somente com a corrente e com uma visão perfeita de seu traseiro.

Wroth tragou.

— Não tem nenhuma modéstia? — Nunca na vida tinha encontrado uma mulher tão rápida em ficar nua. É obvio, nunca tinha encontrado uma mulher que devesse estar tão absolutamente nua em qualquer ocasião.

— Não na minha idade — disse enquanto começava a explorar a roupa do vampiro recentemente desempacotada. Que estranho era lhe ouvir dizer isso quando parecia tão jovem. Encontrou-se inclinando a cabeça para manter o olhar fixo nela enquanto se movia e dobrava. A corrente se sacudia em sua cintura, e seu cabelo comprido e úmido descia em cascata sobre seus peitos. Sufocou um gemido ante um olhar particularmente proveitoso. Uma verdadeira ruiva. Fechou os olhos. E não podia tê-la.

— Quantos anos têm? — perguntou irritado, abrindo os olhos.

— Fisiologicamente, tenho vinte e cinco. Cronologicamente... não.

— Assim é uma imortal?

Um sorriso divertido jogou nos lábios da mulher.

—Sou. — colocou uma de suas camisas, embora lhe caísse muito longe de um ombro e bastante abaixo pelas pernas.

— Por que parou de envelhecer aos vinte e cinco?

— Porque é quando era mais forte. Não pela mesma razão que congelaram aos... — interrompeu-se, observando-o — Trinta e quatro?

— Trinta e cinco. E então, por que pensa que parei de envelhecer?

Ela o ignorou e continuou rebuscando. Ao cabo de um momento, tirou uma velha cruz incrustada da bolsa do Wroth. Apertou a relíquia, sujeitando-a longe, evitando olhá-la.

— É católico?

— Sim. Foi um presente de meu pai. — Para ajudá-lo a manter-se vivo em tempo de guerra. Wroth sacudiu a cabeça ante a ironia de quão bem tinha funcionado. — Acreditei que era eu o que devia ser repellido por ela.

— Somente um ser humano convertido diria isso. Além disso, de nenhuma forma estou repelida. Com jóias como estas? Se a olhasse, a desejaria.

— Assim suponho que não a queria porque é católica?

— Minha família era pagã ortodoxa. Posso tê-la? — Ela a sustentou diante, ainda sem olhá-la — Posso, posso, Wroth?

— Ponha onde estava — disse ele, lutando contra o impulso desconhecido de sorrir. Fazendo uma careta, ela a devolveu, resmungando algo a respeito de vampiros miseráveis. Depois colocou os pés nas botas do Wroth. Quando se girou para ele com as mãos nos quadris, os lábios do vampiro quase

se torceram pela imagem que apresentava: uma pagã louca e imortal tragada por suas botas.

— Com o que te alimentou sua mãe? — Brincou ela — Anabolizantes do renascimento?

Seu impulso de sorrir se desvaneceu.

— Minha mãe morreu jovem.

— Ao igual à minha, — pareceu-lhe ouvi-la murmurar.

— E nasci depois do renascimento.

Tirou os pés de suas botas e se distanciou dele.

— Mas não por muito.

— É certo. E por que pensa que parei de envelhecer aos trinta e cinco? — perguntou-lhe outra vez.

Ela franziu o cenho como se não soubesse de onde tinha vindo a pergunta. Depois disse:

— Porque o peralta Kristoff te encontrou morrendo em um campo de batalha, decidiu que seria um excelente recruta, e depois te fez beber seu sangue. Abriu-se um pulso, possivelmente? Então com seu sangue vampírico vodu em suas veias, deixou-te morrer. A menos que tivesse pressa, com o que te teria matado. De uma a três noites depois e *voilà*, te levantou da morte... e o mais provável, com um cenho franzido ao pensar “Santo Deus, funcionou!”

Ele ignorou o último comentário e perguntou:

— Como sabe sobre o ritual de sangue? — pensava que somente os vampiros sabiam a maneira verdadeira de converter a um ser humano. Em filmes e livros, a mudança sempre vinha como consequência da mordida de um vampiro, quando de fato um ser humano tinha mais possibilidades de converter-se se mordida a um vampiro.

— Como te disse, sei tudo.

Sim, mas ele estava aprendendo, embora esporadicamente. Ela era uma imortal, que tinha sido congelada fisiologicamente aos vinte e cinco. Se era pagã, pelo menos tinha algumas centenas de anos. Conhecia o ritual de sangue e que Kristoff “recrutava” os seus soldados diretamente do campo de batalha.

Quando recolheu suas roupas, abriu a porta e depois estalou os dedos a um guarda no corredor, Wroth simplesmente observou como um espectador.

— Pssst. Lacaio. Preciso isto lavado e engomado. Muito pouco amido. Não fique aí parado com a boca aberta ou zangará meu bom amigo e inimigo, o general Wroth. Estamos assim.

Não podia vê-la mas sabia que estava entrelaçando dois dedos.

Uma vez que lhe tinha dado o recado, fechou a porta inclinando-se dramaticamente contra ela... como dizendo que agora não poderia livrar-se de sua presença... depois se deslizou para o Wroth.

Como regra, este observava, calculava e esperava, mas nunca tinha desfrutado de muito ficando sentado e ver desenvolver os acontecimentos, não tanto como com ela. Imprevisível não começava a descrever...

Agarrou-lhe os ombros e o montou escarranchadamente.

Não havia nada entre eles salva suas calças e alguns centímetros. Inclusive pôde sentir o calor da mulher quando se ajoelhou sobre ele. Definitivamente não era sua noiva ou teria destroçado a cremalheira para meter-se dentro dela. Seu coração pulsaria, respiraria pela primeira vez em trezentos anos, e no espaço de um desses fôlegos estaria tão profundamente enterrado em sua estreiteza, atirando-a para abaixo dele... Mas nada próximo a isso aconteceu.

— Agora, Wroth, precisamos resolver um pouco de logística. Quando me mantêm como uma mascote, meu cuidado está muito comprometido.

As sobrancelhas do vampiro se juntaram.

— Não tenho nenhum desejo de te manter como uma mascote.
— Me mantém presa. Pensa em me dar ordens. No que se diferencia isso?
— Não é uma mascote — insistiu ele. Não podia pensar... seus olhos eram hipnotizadores, seu sexo estava a centímetros do dele, e seu agradável sotaque acalmou-o.

Inclinou-se sobre seu ouvido e murmurou:

— E se desejo ser sua mascote? Você gostaria disso, vampiro? — Seus dedos procuraram o caminho ao torso do Worth, lhe desabotoando a camisa. Agarrou-lhe as mãos uma a uma e as pôs nos apoyabrazos, lhe dando a cada uma um apertão como lhe indicando que queria que permanecessem dessa maneira.

Com as sobrancelhas levantadas, deixou-a fazer. Não pensava mover-se, e não podia imaginar o que ela faria depois.

— Se fosse sua mascote, podia me ter para seu prazer, e te serviria de qualquer maneira que desejasse. — Abriu-lhe a camisa, claramente admirando seu torso. — Duro. — sua voz era um sussurro. — Cicatrizes. — umedeceu os lábios — Me esforçarei por te sangrar para que possa despertar ao pôr-do-sol com minha boca ambiciosa em ti, enquanto agarra minhas coxas para beber delas. Irias dormir ao nascer do sol ainda profundamente dentro de meu corpo. — Sua mão estava arrastando-se para baixo, seus olhos absortos seguiam a cicatriz dentada produto de um golpe mortal. — Estou aqui para ser tomada e estou ansiosa por seu tato.

Chegou abaixo e o apanhou em sua mão antes que ele pudesse lhe agarrar o pulso. Em um instante seu olhar sedutor desapareceu, embora não mostrou nenhuma surpresa ao ver que não estava duro. Percorreu-lhe o pênis, depois arqueou uma sobrancelha para dizer:

— Bom, tudo bem, Wroth. Se estivesse duro, não saberia se me sentiria tentada ou aterrorizada.

Então com velocidade incrível passou dele à cama e se tombou sobre o estômago, com o queixo apoiado nas mãos. Não estava nada afetada pelo que acabava de ocorrer, enquanto ele estava zangado e... envergonhado por como o tinha feito sentir. Queria lhe ensinar com dureza...

— Como tem pensado me manter aqui durante o dia? Um *Forbearer* não sangrado não deve ser tão difícil de vencer.

Vencido por ela? Divertido.

— Te enviarei de novo à cela. Quer ser minha mascote? Te tirarei e te porei de volta em sua jaula quando me agradar.

Olhou-o piscando.

— Não quer me mandar de volta. Quem te entreterá? Posso jogar pôquer e faço sombras com forma de animais.

Sacudiu-se. Isto era só outro caso do *Lore* que jogava com eles. Ela não era normal. Sabia que tudo o que tinha aprendido sobre mulheres não podia aplicar-se a ela.

Se ela podia não estar afetada, ele podia fingi-lo.

— Preciso que responda a algumas perguntas. Preciso saber o que é e qual é seu nome.

— Responderei a suas perguntas se responder as minhas.

— Feito — disse ele rapidamente — Pergunte.

— Estava assustado quando Kristoff te encontrou?

— Estava... cansado. — Pergunta estranha.

— A maioria dos mortais teriam se aterrorizado ao ver o Caminhante entre Tumbas.

— É assim como lhe chamam? — Kristoff acharia isso divertido. Ante seu assentimento, Wroth disse: — Bom, nesse momento já tinha visto muitos.

— Qual é seu plano? Quer substituir ao Demestriu?

Wroth vacilou, depois respondeu com honestidade, esperando que ela fizesse o mesmo.

— Deseja sua coroa de volta, mas só quer governar sobre nossa facção, não as outras.

— Mmm. —levantou uma sobrancelha como se não lhe acreditasse, depois perguntou: — Aquele na masmorra era seu irmão?

— Murdoch, sim.

— Normalmente os vampiros convertidos não têm família dentro das Hordas.

— Murdoch morreu na mesma batalha. Também tenho outros dois irmãos que foram convertidos mais tarde.

— É jovem, e ainda assim é um general. Como o conseguiu?

Tinha ao redor de trezentos anos. Jovem comparado com ela?

— Rejeitaria o presente das trevas se não se cumpriam certas condições.

Os olhos da mulher se voltaram brilhantes com novo interesse, e golpeou a cama para que se sentasse com ela. Wroth sentiu que estava a ponto de aprender algo, assim obedeceu, reclinando-se contra o cabeceira para olhar a de frente, estirando as pernas. Quase riu. A primeira vez que estava na cama com uma mulher em séculos, que facilmente era mais formosa que qualquer uma das anteriores... e não podia fazer nada com ela. Nem sequer podia bebê-la, embora suas presas morressem de vontades por perfurar a coluna pálida de seu pescoço. Graças a Deus que se alimentou antes que a houvessem trazido.

— Wroth, opôs-se ao Kristoff enquanto jazia morrendo?

Quando o punha assim, soava mais imprudente do que tinha sido. Quando Wroth tinha jazido em seu próprio sangue que se esfriava, quase liberado da luta constante, a guerra em curso, e a fome e a praga, havia dito ao Kristoff: “ — Você me necessita mais do que eu preciso viver.”

Kristoff o tinha visto em muitas batalhas e tinha estado de acordo.

— Sim, opus-me. Estava acostumado a dar ordens e não as receberia de ninguém salvo as de um rei poderoso. Quis meu irmão convertido se morria, e também a compatriotas em quem confiava. Kristoff aceitou.

Isso não foi tudo. Wroth tinha pedido sessenta anos para que ele e Murdoch pudessem vigiar ao resto de sua família viva... seu pai, quatro irmãs e outros dois irmãos.

Somente tinham necessitado três meses.

—Sabe, ouvi falar de você quando era humano. Não lhe chamavam o Senhor?

Isto o surpreendeu.

— Em línguas mais amáveis. Como pôde ouvir falar de mim? Seu sotaque não é das terras do norte.

Ela suspirou.

— Já não mais. Ouvi falar de você porque estou interessada em tudo que é marcial. Sem dúvida foi um líder cruel.

Sentiu sua expressão voltar-se fria.

— Estávamos nos defendendo. Eu fui algo que precisei ser para consegui-lo. — Wroth podia dizer por sua reação, que gostava de sua resposta. Os lábios da mulher se abriram quando inclinou a cabeça para ele. Então se deslizou com sigilo mais perto dele, como se não pudesse evitá-lo.

Com voz mais amável, disse:

— Mas ao final perdeu.

Olhou fixamente além dela.

— Tudo. —A batalha somente tinha sido como o golpe final para um homem que morria. Antes disso, o inimigo tinha queimado e salgado as terras. Seguiu-se a fome e não houve defesas quando os assolou a praga.

— Wroth — disse em voz baixa. Ele girou o olhar para ela. Seus olhos eram tão cativantes em seu rosto élfico, tão claros e lúcidos neste momento—. Façamos um pacto, você e eu. —Abriu-lhe as pernas para ajoelhar-se entre elas. — Prometamos não nos fazer mal neste quarto. —Empurrou-o para trás até que ficou totalmente convexo sobre o travesseiro enrolado. O que faria depois?

Quando lhe deu um assentimento rápido, lançou-lhe um sorriso amável que, de alguma forma, o fez sentir-se elogiado. O cabelo úmido da mulher se derramava sobre suas pernas, e com a parte posterior da mão, apartou-o a um lado, descobrindo seu tentador pescoço. Uma rajada do aroma natural de seu cabelo o varreu, como uma droga. Doce e sutil, justo como sua pele. Se cheirava desta maneira, Wroth não podia imaginar como seria seu sabor. Desejava que tivesse descoberto sua carne para oferecer-lhe .

— Wroth, isto é embaraçoso — murmurou com voz sensual—, mas acredito que te peguei olhando fixamente o meu pescoço.

— O fiz — admitiu, estranhamente sem sentir vergonha ao contemplar o crime mais injurioso de sua classe.

Ela se passou as gemas dos dedos pela pele.

— Está tentado a beber de mim?

Da pior maneira.

Perguntou-se quantas vezes a teria tomado Ivo, e sentiu a ponta de uma sensação desconhecida cravando-se na tripa.

— Não bebemos de seres vivos. É como conseguimos nosso nome. —Era o compromisso de sua classe, seu pacto. Wroth nunca tinha provado carne enquanto bebia. Mas por outro lado nunca havia sentido o mais mínimo indício de tentação antes dela.

— Por quê?

— Para que nunca tenhamos tentação de matar — disse, lhe dando a versão oficial, que era verdade, mas a completa verdade era mais complicada, e eles mantinham em segredo os detalhes que conseguiam aprender. O sangue vivo, o sangue não separado de sua fonte, trazia consigo efeitos secundários. Um vampiro sofreria torturas com ele, como por exemplo memórias de sua vítima. Kristoff acreditava que estas memórias eram as que levavam vampiros nascidos como tal à loucura, e faziam que seus olhos se voltassem permanentemente vermelhos. Até o que tinham podido determinar, a única maneira de não colhê-los era beber sangue que tinha morrido, evitando os males... e os benefícios.

— O que aconteceria se bebesse de um imortal que não poderia ser morta por isso? — perguntou, suas palavras de novo calmantes. Wroth não parecia capaz de apartar os olhos dos seus.

Uma pergunta difícil de responder sem dizer que o imortal também teria muitas memórias tormentosas, múltiplos em número às de um mortal. Respondeu a sua pergunta com uma própria.

— Você gostaria que tomasse sua carne, criatura? — A mera idéia fez que as palavras saíssem ásperas, que as presas morressem de vontades.

Ante seu excitado olhar, temeu que dissesse que sim, desafiando-o a cumpri-lo. O que faria então?

— Em outra ocasião — respondeu ela radiante. Então, para seu assombro, se afundou entre suas pernas, com o rosto roçando brandamente seu torso descoberto, e envolveu os pálidos e delicados braços e mãos ao redor de sua coxa.

— Não fiz minhas perguntas — disse, olhando fixamente o teto, tentando soar despreocupado sobre o que estava ocorrendo. Havia visto muitas coisas incríveis em sua vida, mas esta fêmea o estava deslocando.

— Temos todo o tempo do mundo para isso, não é mesmo?

Pareceu-lhe que lhe beijava a cicatriz da parte baixa do estômago com os lábios... e uma pequena e lenta lambida. Worth permaneceu tenso, e raspou: — Ao menos me diga seu nome, criatura.

— Myst — sussurrou e depois ficou dormida.

Myst². Era apropriado que fosse chamada por algo tão intangível e caprichoso.

Bastante tempo depois, Wroth ainda estava agitado. Em sonhos, sua pequena pagã lhe agarrava a perna com suas garras rosadas. E eram garras, agudas e dobradas, embora de alguma forma elegantes. Ignorou a dor, porque era pouco comparado com a estranha satisfação de pensar que o agarrava para seu consolo.

Simplesmente saboreou descansar com ela, não fazendo nada salvo olhar como o cabelo se secava em grandes cachos vermelhos brilhantes, que se pulverizavam sobre seu peito. Durante séculos seu exército tinha estado constantemente em movimento, oculto nas sombras das terras do norte, freqüentemente em condições muito duras, mantendo seu crescente número em segredo. Tudo tinha sido pela guerra, tudo somando para este ataque, para assegurar sua causa.

Aproximou-se um cacho ao rosto para roçá-lo com os lábios. Tão suave, como sua imaculada pele. E amanhã de noite, se não lhe desse informação, e de algum jeito sabia que não o faria voluntariamente, poderia açoitá-la sua pele para conseguir seus segredos? Depois de que Myst tivesse se pegado a ele com tanta confiança? Poderia romper algum de seus delicados ossos e a ter olhando-o fixamente com esses olhos verdes com dor? Se ela tivesse sido sua Noiva não teria que machucá-la, inclusive teria proibido lhe fazerem dano... sua vida estaria entregue a protegê-la.

Passou a parte de atrás dos dedos por sua sedosa bochecha, sentindo sua luz, e respirações rápidas e cálidas no estômago. Nunca havia sentido verdadeiramente a dor aguda da inveja em sua vida, nunca tinha invejado a outros homens salvo aos que gozavam de paz na terra. Tinha nascido rico, sua família aristocrática, e a sorte o tinha seguido até os últimos anos de sua mortalidade. Invejar era carecer.

Então, por que queria destruir a qualquer vampiro que pudesse ser sangrado por ela?

Capítulo 3

— *Onde demônios está meu maldito chefe guerreiro?*

Myst se incorporou de repente, despertando do primeiro sonho verdadeiro que tinha desfrutado desde que tinha sido capturada pela *Horda* quatro noites atrás. Estava sozinha na cama de Wroth, suas roupas lavadas e dobradas ao pé desta. Sorriu ao dar-se conta que a havia coberto com uma manta.

Precisava continuar em contato com Wroth até que suas irmãs a tirassem desta prisão. Voltou a jurar que era a última vez que fazia de isca... e esta vez falava sério. Abundavam os rumores no *Lore*, mas as histórias de Ivo o Cruel fazendo escuras alianças eram o bastante preocupantes para que fossem reconhecer o terreno ou empreender a Operação: Myst é Seqüestrada. Ainda

² Myst é uma palavra muito parecida com *mist*, que significa bruma.

não tinha aprendido muito sobre Ivo, apesar de todos os apuros que tinha passado, atuar, aproximar-se bastante perto e depois deixar-se apanhar, etc., definitivamente planejava algo importante.

Riu entre dentes... isto é, até que o General Wroth tirasse seu traseiro do castelo.

Não, não tinha aprendido muito sobre Ivo, mas este Kristoff e o general fariam um bom papel. E se este rei realmente queria matar ao Demestriu e deter os vampiros que aterrorizavam ao resto? Era possível que nem todos os vampiros tivessem predisposição a padecer de sociopatia? E se as Valquírias não tivessem que guerrear com estes *Forbearers*? Entretanto, era duvidoso. Suas irmãs não discriminariam entre as duas facções de vampiros. Primeiro matar e depois dizer: “Caramba! Em realidade era bom? Que tola fui!” Os vampiros como espécie eram simplesmente muito poderosos para seguir andarem livremente.

Demestriu e sua *Horda* de vampiros tinham sido brutais com todo o *Lore*, mas especialmente com as Valquírias. Há cinquenta anos atrás, Furie, sua rainha, a mais forte e feroz de todas elas, tinha tentado assassiná-lo. Nunca havia retornado. Abundavam as histórias que diziam que Ivo a tinha acorrentado ao fundo do mar para afogá-la repetidamente, só para que sua tenaz imortalidade a devolvesse à vida para mais tortura. Quando os *sabás* a encontrassem e finalmente liberassem, Furie seria como nenhuma outra na terra, alagada de raiva. Não comprovaria a filiação dos vampiros antes de matar, e esperaria que seus *sabás* seguissem seu exemplo.

Assim, até que os *sabás* do Myst decidissem sobre o plano de ação com este novo poder, continuaria com seus assuntos como de costume, o que queria dizer que precisava encontrar Wroth. Antes de que ele viesse, Myst tinha estado impotente. Podia dirigir as armas tão bem como a maioria no *sabá*, embora a espada e o arco não fosse seus fortes.

Sua arma preferida eram os homens. E agora tinha um em suas garras... um grande, marcado com cicatrizes e com olhos magníficos, e com uma pele que desejava lambar até que sua língua se cansasse.

Ou o havia tido.

Manipulá-los, jogar com eles, lhes fazer acreditar que vivia só para eles, para conseguir que seguissem suas ordens, era seu *modus operandi*. Furie lhe tinha perguntado uma vez: “— Por que sempre envia a um homem a fazer o trabalho de uma mulher?”

Confusa, Myst tinha respondido: “— Porque posso.”

O problema com os vampiros do Oblak era que não lhe tinham apreciado. Pelo menos Wroth gostava de olhá-la.

Para eles, o sangue substituíra a tudo, e ela não podia nem retê-la nem aproveitá-la. Embora os olhos de cada criatura do *Lore* se voltavam de uma certa cor relacionada com sua espécie quando tinham intensas emoções, os destes vampiros sempre eram totalmente vermelhos, por aspirar a vida de suas vítimas até o tutano, não simplesmente por beber como temiam estes *Forbearers*. Uma matança os tinha levado a uma espiral descendente, porque com ela veio a sede de sangue que os impulsionava a repeti-la uma e outra vez. Depois, a subsequente acumulação de memórias de suas vítimas durante anos, tinha levado a muitos à loucura.

Ainda assim durante as quatro noites anteriores, Ivo e seus homens nunca tinham bebido dela; tinham vacilado, examinando-a até que tinha bocejado de aborrecimento. Myst tinha dito ao Ivo: “— Me crave os dentes ou não, mas decide de uma maldita vez.” — Os olhos do vampiro se haviam entrecerrado ameaçadores, o olhar fixo vermelho em contraste com a cara pálida e a cabeça barbeada. Ao final, tinha evitado seu sangue, pensando que a

loucura de Myst podia ser contagiosa. A ela serviu. De fato, nunca tinha sido mordida.

Myst se perguntou como teria sido se Wroth tomasse seu pescoço a noite anterior, quando suas pupilas tinham oscilado negras de desejo. Era uma pessoa horrível, sabia, fraco com perversão inclusive para albergar estes pensamentos. Provavelmente a única Valquíria da terra que fantasiou alguma vez com um vampiro. Myst franziu o cenho. Não. Tinha havido outra...

Myst se golpeou o queixo, perguntando-se se deveria dizer aos *Forbearers* que passavam sem isso por nenhuma razão em realidade.

Nah.

Possivelmente se o delicioso general continuava sendo agradável com ela, lhe daria alguma pista. Tinha ouvido falar dele por aqueles dias. É obvio, tinham tido uma correspondente no campo de batalha seguindo essa guerra e lhes tinha informado que Wroth era grande e valente e deliciosamente desumano com seus inimigos. Embora ao final o Senhor tivesse perdido contra uma força muito maior, pelo menos lhe tinha comprado a sua gente uma década de proteção.

Myst e suas irmãs se sentaram ao lado da chaminé, suspirando sobre histórias de suas façanhas como se estivessem comendo com os olhos um número do *Tiger Beat*³. Myst recordou que se havia sentido perdida ante as notícias de sua derrota no campo, porque sabia que significava a morte de um grande homem. Mas tinha reaparecido, e em pessoa, não a tinha decepcionado. Salvo pelo fato de que agora era um inimigo mortal... ou melhor, um inimigo mortal imortal. Oh! e um sanguessuga.

Myst provou a porta da habitação, só se por acaso tivesse decidido confiar nela, mas estava fechada... embora não misticamente reforçada como tinha estado sua cela. Teria podido rompê-la facilmente, mas não tinha que voltar para a masmorra até o amanhecer. Por isso teve tempo para vestir-se e pentear o cabelo de uma forma que pensou gostaria Wroth, e ainda teve tempo para pinçar entre suas coisas, embora apartasse a vista da brilhante cruz cravejada, para que não acabasse em suas mãos.

Revolvendo as roupas do Wroth, deu-se conta que gostava de como se vestia, seu estilo moderno mas de algum jeito ainda aristocrático. E adorava seu aroma e seu cabelo descuidado mas atrativo. Myst rodou na cama com um de seus grandes jérseis de ponto, com o rosto enterrado nele, sem se importar que voltasse e a encontrasse assim. Mas nunca apareceu, e em seu lugar outros dois guardas chegaram para escoltá-la de volta abaixo seguindo suas ordens.

Não a olhavam aos olhos.

Bom, merda, sabiam algo que ela não. Wroth não se ficou com ela como Myst tinha esperado. Tinha um problema, e suspeitava que soubesse por quê. “Se resultar que tem informação, lhe posso tirar isso” havia dito.

Quando fecharam a porta da cela detrás dela, e se deu conta que estava sozinha na masmorra, seus temores se confirmaram. Aqui os seres inferiores, esses que compunham o grupo de criaturas do *Lore* com características do sábado noite, tinham sido levados, sem dúvida para ser torturados e mortos.

Ela era a única moça que ficava na pista de baile, mas sabia que não por muito tempo, porque nenhum dos outros falaria. É obvio, Myst tinha ameaçado esfolando-os, e as suas famílias, se revelavam qualquer informação, e havia uma razão para que “E que nunca sofra o fôlego de uma Valquíria a suas costas” fosse um brinde no *Lore*. Os vampiros poderiam vir a tomar uma aldeia, mas as

³ Revista americana para adolescentes, fundada em 1965, dedicada a filmes, música e moda.

Valquírias se deslizariam, ocultando-se debaixo de uma cama para tomar a cabeça de um de seu travesseiro. Sua palavra era lei.

O que a deixava... levantou a cabeça ao escutar passos de botas sobre a pedra.

— Escuta com atenção, Myst — disse Wroth quando um guarda abriu a cela antes de deixá-los — vou te fazer perguntas sobre sua espécie e a respeito das diversas facções do *Lore*. Ou as responde, ou me ordenaram conseguir a informação pela força.

— Tortura? Ordenado? Não pode desobedecer ao Kristoff por mim?

— Myst, sabe que estaria morto de não fosse por ele. Meus irmãos e amigos também. Minha vida não me pertence desde essa noite.

Foi realmente sério sobre isto. Mas tampouco Myst tinha brincado quando disse que a tortura realmente a enchia o saco. Estava dando ao Wroth tratamento preferencial porque era uma espécie de celebridade em círculos militares, mas agora se havia mergulhado no vampirismo... e ela precisava recordá-lo. Pressionaria e enrolaria até o final, mas depois disso... *atreva-se com o que seja, sanguessuga*. Ainda borbulhante e amistosa, disse:

— Wroth, poderia me ajudar a escapar...

— Jurei minha fidelidade e levarei a cabo a ordem. Responde ou enfrente às conseqüências — disse. — Começarei com o mais básico. O que você é?

— Uma boneca idiota? — Perguntou ela, imediatamente sacudindo com lentidão a cabeça ante seu olhar — Juiz, jurado e carrasco. — Wroth franziu o cenho. Os olhos do Myst se acenderam — Algo temporal! O que? De verdade. Não? Um bebê no País dos Brinquedos?

— Maldita seja, Myst, simplesmente responde às perguntas. Depois pode voltar a subir a meu quarto. — Baixou a voz e curvou um dedo sob o queixo da mulher — Podemos dormir juntos outra vez como fizemos hoje...

— Mas não entende que a tortura seria mais fácil para mim que voltar para o *Lore* como uma informadora. — Ela deixaria de ser representante da E, do tipo de inimizada a “evitar a todo custo”. Perderia seu status como criatura com a que não se metiam.

— Meu irmão tentou obter informação dos outros...

— Mas tampouco falaram, né? — Soava paga de si mesmo?

Ele pareceu sacudir-se, endurecendo sua resolução.

— Está-me deixando pouca opção.

Bem. Myst estava a ponto de experimentar de primeira mão a crueldade do Senhor que tinha admirado, porque ao parecer tinha decidido que era uma inimizada justo quando tinha pensado que se estavam tornando algo assim como íntimos.

— Boa maneira de machucar meus sentimentos, Wroth. — Choramingou — Agora de verdade terei que te matar.

Com os pensamentos constantemente nela durante a noite, Wroth procurou evasivas durante horas, tanto como pôde, esperando até quase o amanhecer, assegurando que pelo menos seria breve.

— De verdade vais fazer isto? — perguntou Myst ao girar-se lhe dando as costas, movendo-se à esquina traseira.

Seus ombros se sacudiam, com aquilo que Wroth suspeitou ser risos. Quando cruzou até onde estava, agarrou-lhe o braço e lhe virou, ficou comovido ao encontrar lágrimas genuínas fluindo por seu formoso rosto angustiado.

— Wroth, pensei que tínhamos um acordo. — jogou um olhar de traição com as sobrancelhas separadas.

Myst não estava fingindo isto. Em sua mente selvagem e confundida, tinha pensado que eram... amigos?

A cela tremeu e Wroth se sujeitou, franzindo o cenho ao ver que ela parecia não dar-se conta. Simplesmente era uma reação tremente da noite anterior.

Não queria que Myst se sentisse ferida. Mas seus olhos ardiam de dor, cru, verdadeiro e nu. Estava vendo-a de verdade... a Myst com sua fanfarronice e jogo falsos se estava desprendendo. Esta era uma faceta dela, mas finalmente era Myst. De repente encontrou que não podia suportar cada lágrima que caía. Retrocedeu quando uma caiu na bochecha da mulher, como se tivesse sido golpeado. Sentiu outra sacudida a seu redor.

Myst lhe deu as costas e pareceu limpar o rosto. Quando se girou de novo, tinha uma atitude evidentemente sexual, como se uma vez mais se pôs uma máscara.

— Myst, não quero te machucar, mas deve responder as minhas perguntas. Isto não é um jogo.

Dirigiu-lhe um olhar de completa incredulidade.

— Isto é exatamente o que é. Quer saber sobre o *Lore*? Aprende bem esta lição... todos somos peões.

O castelo se sacudiu ao redor do Wroth, e enquanto o vampiro olhou grosseiramente ao redor, ela permaneceu imperturbável. Não, não era o exterior o que se sacudia.

O som retumbando em seus ouvidos como um terremoto vinha de... de seu interior.

— O que você é? — exigiu outra vez.

O rosto de Myst não perdeu sua expressão de vaga aversão mesmo quando sua mão pressionou brandamente contra o peito masculino... para sentir seu coração gaguejar e então voltar à vida ensurdecidamente. Porque de verdade a tinha visto e reconhecido pelo que era...

— Ao parecer, sou sua Noiva. Pergunto-me se poderia conseguir que te excitasse por mim — ronronou-lhe Myst, enquanto ele lutava para ocultar sua comoção.

Tinha-o encontrado sendo um homem frio e disciplinado, mas tinha escutado que um novo batimento do coração era ensurdecido para os vampiros não sangrados, as repentinas rajadas de desejo sexual entristecedoras, as respirações sem prática e ásperas ao princípio. Com carícias suaves, apoiou-o contra a parede. Tinha os olhos entrecerrados enquanto lhe acariciava o peito de cima a baixo.

— Como sente o ar nos pulmões?

Inalou profundamente.

— Frio. Com pressão, mas me sinto bem. — Olhava-a com tanta gratidão por havê-lo sangrado.

Sempre o faziam.

— Como sente o sangue, esquentando-se e movendo-se?

— Mais forte. Está-se... queimando.

Myst lhe tocou a ereção através das calças, e o corpo do vampiro se sacudiu ao dobrar a cabeça para trás para gritar. Ela estava quase igualmente comovida. Sabia que Wroth era muito bem dotado, mas duro, ele era demais.

Dotado como um demônio ou um *Lykæ*.

Wroth lhe deixou a mão colocada sobre seu membro, lhe fazendo curvar os dedos ao redor enquanto empurrava lentamente contra sua palma. O corpo do Myst se abrandou quando imaginou o ataque de necessidade que o invadia. Em um sussurro sensual, perguntou-lhe:

— E como se sente quando se endurece e dilata?

— Bem — respondeu com um estremecimento — Tão malditamente bem.

— Foram três séculos? Bom, suponho que já era hora. — Desabotoou-lhe as calças o suficiente para introduzir seu polegar e lhe esfregar a ampla cabeça de seu pênis, voltando-a escorregadia. Worth pôs os olhos em branco. — Só posso imaginar o quão pesado e tenso se sente, palpitando com pressão, a ponto de explodir.

— Por que me está fazendo isto?

Porque posso.

Logo ele não teria mais pensamento que um animal. Seus olhos se estavam voltando negros. Myst acariciou sua longitude através das calças, aliviada de que nunca teria que tomar dentro de seu corpo seu incômodo tamanho. Cinco, quatro, três, dois...

Wroth atacou, gemendo, e foi assombrosamente forte quando lhe sujeitou os braços sobre a cabeça. Beijou-a, profundamente, possessivamente, parecendo marcá-la com seu beijo. Deixou-a ofegando quando se dobrou para lambe seus mamilos, chupando-os através da blusa. A outra mão cavou seu sexo.

Com um grunhido, separou-se de um puxão e a agarrou por cotovelo.

—Vêem comigo.

Maldição, aproximava-se o amanhecer. Onde estavam? Tinha que mantê-lo aí.

— Não, Wroth — disse ela.

— Não reclamarei a minha Noiva em uma masmorra.

— Mas não posso esperar! — gritou ela— Diga ao guarda que se vá.

— Não...

— Wroth — agarrou com força seu membro enquanto lhe sussurrava ao ouvido —, meu corpo chora por isso empurrando dentro de mim.

Wroth bramou essa ordem, depois lhe rasgou a blusa e prendedor, chupando e lambendo violentamente seus mamilos. Ela arqueou involuntariamente as costas, pressionando os peitos em seus magníficos lábios. Quando tinha começado a ondular os quadris para ele?

— Esperei-te — soltou — Te esperei faz tanto tempo.

Uma mão lhe sujeitou os pulsos para cima, a outra lhe arrancou a saia e rasgou totalmente a calcinha. Seus dedos vagaram, quentes e lentos sobre ela, atormentando. Sabia exatamente como pô-la ardendo, usando a umidade de seu próprio corpo para deslizar o polegar ao redor de seus clitoris em círculos lentos, suaves, que lhe nublavam a mente.

— Tão úmida, — sussurrou contra seu peito — Quando te vi, quis que fosse você. — Seus lábios tomaram um mamilo endurecido, chupando-o até que palpitou. Passou ao outro com a mesma atenção.

Então Myst tomou uma decisão. De nenhuma forma perderia isto.

Gemeu de verdade, incapaz de controlar-se quando um relâmpago caiu fora conjuntamente com a emoção em seu interior. Quando Wroth lhe afundou um dedo no corpo, retirou-o, depois empurrou dois profundamente, desejou explodir a seu redor. Deslizou-os sem pressa, mas com bastante força para estremecê-la cada vez até os dedos dos pés.

Ela arqueou as costas ainda mais, desejando lhe oferecer os seios. Separou as pernas, aceitando seu tato feroz.

— Não pare — ofegou, tão perto, morrendo por alcançar seu membro. Mas lhe capturou as mãos por cima da cabeça.

— Nunca. —Wroth empurrou mais forte, até que ela não soube se os dedos de seus pés tocavam o chão. Depois separou os dedos dentro dela como preparando-a para seu tamanho. A cabeça do Myst caiu para trás e esta gemeu ante a entristecedora sensação de plenitude.

Myst levantou a perna para pô-la sobre o joelho que Wroth tinha colocado contra a parede, como se essa fosse sua intenção. Aberta para ele, moveu os quadris grosseiramente.

Em seu ouvido, o vampiro retumbou as palavras:

— Goze para mim, milaya.

— Ah, sim... Wroth — gemeu Myst outra vez, a ponto de sucumbir a suas carícias. Soltou um grito estrangulado e chegou ao clímax com uma ardente e úmida pulsação que a fez cambalear, e a ele soltar um gemido como se também o tivesse alcançado.

— Posso te sentir explorar — sussurrou ela enquanto o agarrava, fazendo rodar os quadris contra seu tato magistral até que esteve muito sensível para continuar. Mas não parou até que a teve gemendo seu nome sem pensar entre seus atraentes braços.

Quando esteve saciada, deixou-se cair contra ele, ainda ondulado fracamente. Seus mamilos estavam molhados e doloridos por sua língua.

Agarrou-a pela nuca e a atraiu de um puxão, olhando-a com luxúria, mas suas palavras foram mais.

— Serei bom contigo, Myst. Te protegerei. É minha.

Estava dizendo essas coisas porque estava a ponto de empurrar nela com seu enorme membro, para reclamá-la. A verdadeira Noiva de um vampiro. Agarrou-lhe a perna e a colou a seu quadril, a ponto de liberar seu membro.

Os olhos entrecerrados do Myst se acabavam de abrir com verdadeiro alarme quando ouviu um pequeno sussurro à entrada da masmorra.

Antes que Wroth pudesse reagir, Myst se apartou longe. Por que faria isso? A mão do vampiro saiu para alcançá-la, mas ela retrocedeu. Por que não estava dentro dela nesse momento? Assegurou-se de que estivesse úmida, pronta para recebê-lo...

Ouviu um movimento e girou abruptamente a cabeça, com as presas afiando-se em fúria.

— Olhe os pombinhos. — Uma criatura similar ao Myst estava parada na entrada à cela, com um arco preparado.

Uma segunda com a pele brilhante e luminosa se uniu à primeira, mascando chiclete feliz e lançando uma adaga ao ar.

— Não me faça olhar... acredito que vou ficar doente. Myst, brincar com um vampiro é baixo mesmo para você.

— O que é isto? — exigiu Wroth, avançando majestoso para elas.

A arqueira colocou uma flecha com velocidade sobrenatural e a deixou assobiar sem vacilação. Wroth se lançou para esquivá-la, mas ela antecipou seu movimento e a flecha o cravou à parede. A segunda lhe agarrou o outro ombro, perfurando quinze centímetros a pedra com sua ponta. Jogou-lhe um olhar assassino, depois se lançou adiante para deixar que as flechas simplesmente o atravessassem, mas estavam cravadas como garras de tubarão.

Quando se deu conta de que não ia se mover, gritou com raiva.

Viu Myst recolocar a roupa, virando para a porta.

— Não se atreva a fugir de mim.

— Sinto interromper seus planos para esta noite. — Lançou-lhe esse olhar doído — Quase me fez esquecer que veio aqui embaixo para me torturar. Quer aprender? Saiba que odiamos a tortura. Começa a somar ao longo dos anos...

— Isso foi antes de saber que era a minha Noiva.

A cara do Myst se voltou fria ao momento.

— Antes que soubesse que finalmente me podia possuir? Agora que seu corpo funciona, não sinto a pele esfolada?

— É minha Noiva. Minha. Pertence-me.

Ela se lançou contra ele, enfurecida. A criatura brilhante lhe lançou uma adaga e Myst a agarrou por detrás sem olhar. A mente do vampiro lhe exigiu de novo saber o que era.

Lhe pressionou a folha contra o jugular. Suas pupilas eram chapeadas e os relâmpagos bombardeavam o castelo.

— Se pertencesse a cada homem que me desejou ou a cada vampiro que fiz sangrar, não ficaria nada de mim. Mas ninguém se importa com isso.

— Não sangraste a outros. Estariam aqui te protegendo, lutando por ti.

— Não... — Myst se aproximou mais, inclinando a cabeça como um animal — ...sim, matei a todos.

Depois lhe agarrou a parte de atrás da cabeça e atirou para ela, pressionando os lábios contra os seus. Beijou-o com dureza. E assim Wroth logo provou... seu sangue? Justo quando ele gemeu, Myst se apartou com expressão inescrutável.

Não imaginou que seu sangue fosse tão quente e rico, tão delicioso como toda ela. Wroth se estremeceu em êxtase ante o delicioso sabor.

— Sabe que agora não desejarei nada mais — sussurrou ele.

Em resposta, ensinou-lhe os dentes, zangada. Às outras ordenou:

— Deixe-o — então saiu da cela.

A arqueira e a criatura brilhante intercambiaram um olhar confuso.

— E por “deixem” claramente quer dizer deixá-lo decapitado, estripado, e cheio a transbordar de plumas como uma almofada.

— Escutaram-no... sou sua Noiva.

— Ohhh! — Disse a brilhante, fazendo um globo — Quer dizer que não se ... umm... já sabe, derramou, a primeira vez desde seu sangramento? — Então com uma olhada rápida para o meio de suas coxas, disse: — E fica assim sem você, não é mesmo? — riu entre dentes. — Estou de acordo com o plano.

A arqueira não estava convencida.

— Não me interprete mal, desfruto tanto condenando vampiros a interminável tortura sexual como a seguinte guerreira com talento fabuloso...

— Quando Wroth ouviu um guarda entrando, ela lançou sem pressa uma flecha nessa direção, inclinou a cabeça ante o resultado, e depois suspirou a Myst — Mas Noiva de um vampiro soa tanto a filme de série B. Simplesmente te arrastou ao mundo desses filmes.

A brilhante fez sua voz excessivamente dramática, para dizer:

— Só por isso... deve morrer. Sério, Myst. Seu “marido” danificou irrevogavelmente sua popularidade, a menos que o mate como os outros.

Estavam todas loucas.

E ele continuava estando duro, morrendo por seu corpo, devido ao sangue que lhe acabava de dar para torturá-lo.

— Maldita puta malvada e provocadora. Me mate então.

Durante apenas alguns segundos acreditou ver compaixão nos olhos de Myst, mas quando ela deu de ombros, sua mente nebulosa finalmente entendeu que ia deixá-lo ali, sozinho, com um corpo duro de luxúria por ela e uma amostra de sangue pelo que ficaria de joelhos.

— É a puta mais maliciosa que conheci.

— Adulador — gorjeou ela.

Ao outro lado do corredor, Myst saltou com facilidade à janela doze metros acima, abrindo as venezianas para tirar as barras não reforçadas do oco, como se fosse pôr uma cortina. Ajudou com uma mão às outras.

— Te encontrarei — soltou Worth com raiva — Te encontrarei e te farei pagar por isto mil vezes.

A brilhante saltou e agarrou o dedo indicador do Myst com o seu.

— Sonha como se estivesse organizando uma entrevista — disse ela enquanto se desprendia.

—Oooo! — ronronou Myst, seu olhar fixo oscilando sobre ele — Vá com roupa informal.

Capítulo 4

Atualmente.

Constante desejo sexual que nunca podia ser acalmado.

Sabendo... encantada... o entregou a esta tortura. Sua noiva o tinha sangrado, lhe dando sua primeira necessidade como vampiro, logo tinha alimentado essa necessidade até um extremo febril e a primeira vez, só ela podia liberar seu corpo para que pudesse aliviar-se. Se só tivesse ficado tempo suficiente para que ele a tomasse embora uma única vez, ou somente lhe permitir tocar sua pele enquanto dava alívio a si mesmo, poderia ter evitado isto. Mas bem, claramente havia dito que esse era o plano.

E passados cinco anos, Wroth tinha estado amaldiçoado com mais que isso. Do mesmo modo, estava amaldiçoado pelas lembranças que tinha dela.

A minúscula gota de sangue tomado diretamente de seu corpo provocou que outro sangue tivesse sabor de alcatrão... Provocou exatamente o que os *Forbeareres* temiam. Com seu sangue vivo, chegaram os sonhos onde se desdobravam suas lembranças, tão reais, que era como se estivesse ali para experimentar os aromas que ela cheirava e as texturas que sentia. Às vezes até podia sentir suas mãos apertadas pela ira. Mas não contou a ninguém, mantendo seus segredos porque não queria perder seu poder no exército... nem que o matassem.

Cada entardecer se levantava e comprovava seus olhos, para ver se aparecia o indicador vermelho. E cada dia, se conseguisse dormir, era objeto da mesma série de lembranças que pouco a pouco cresciam sutilmente em detalhes.

No primeiro: ela estava sobre uma colina, o sol brilhava, ainda havia neve no chão.

— Te amaldiçoei até o inferno, — vaiava Myst na convocação de uma tosca lápide. Carregada de tanta hostilidade que Wroth soube que tinha sido ela a que matara quem quer que jazesse ali. Falava em uma Linguagem Antiga que Wroth não deveria entender, mas entendia. Sentia as sensações que ela sentia, o constante vaivém da corrente que levava na cintura, o aroma do oceano justo debaixo dela, água salgada em um dia frio.

Outro sonho familiar: um senador romano bêbado ajoelhando-se a seus pés.

— Ao final, estou a ponto de ter a Myst a Cobiçada. E já não será cobiçada, será possuída, — pôs-se a rir — Já não me fará retorcer em seu pequeno anzol.

Wroth tinha descoberto o nome completo de sua atormentadora. Myst a Cobiçada.

Com desgosto, Wroth viu o romano levar o delicado pé do Myst à boca, sugando gananciosamente, acariciando-se a si mesmo, enquanto ela levantava lentamente a saia sobre suas coxas de seda para ele. Como sempre, Wroth lutou para não ter que ver isso, lutou para despertar. Apesar do tempo, a violenta repulsão nunca diminuía.

A primeira vez que tinha tido esse sonho, tinha sido aliviado quando outra cena se desdobrou antes que esta chegasse a uma espécie de viciado final. Mas nunca mais...

Myst corria passando perto de uma partida de assalto Viking na costa de alguma terra do norte. De propósito. Queria que eles a caçassem. Que a apanhassem e a atirassem sobre a terra, na dura neve. Que classe de retorcida necessidade tinha? Estava excitada, o sangue bombeando. A pele estava como se estivesse vaiando com eletricidade, gerando um raio devido a sua excitação. Ocultou um sorriso, quando com bramidos e vivas os homens começaram a persegui-la...

Como sempre, Wroth forçou a sua mente a apartar-se antes de ver uma dúzia de Vikings em fogo com sua noiva. Para deleite dela.

Esta noite um sonho novo: finalmente. Havia neve fora, empilhada tão alto que cobria a metade da janela. Mulheres, ou outras criaturas como ela, reuniam-se ao redor de um grande lar. Eram irmãs e Wroth percebeu seus rostos como se fossem familiares e sabia seus nomes e quem eram, como sabia Myst. Reconheceu a arqueira como Luzia, e a brilhante agora sabia que era Regin a Radiante. Nix era o nome da que faltava um olho, a maior das irmãs, da qual se dizia que era uma adivinha. A roupa indicava que eram os inícios do século vinte.

Estavam mantendo uma reunião, para falar do destino de um bebê que sua líder, uma sombria criatura chamada Annika, desejava conservar. Myst franziu o cenho em direção à pequena menina que Annika sustentava em seus braços, confundida ao sentir um indício de ternura.

—Como vamos cuidar dela, Annika? —murmurou Luzia.

Regin estalou.

—Como pode trazer um vampiro a nós quando eles assassinam a nossa gente?

A chamada Daniela, a Donzela de Gelo, se ajoelhou ao lado de Annika, olhando para cima, tocando brevemente sua pálida mão. Myst se estremeceu ao pensar na dor que acabava de sentir Dani ao lhe oferecer seu frio toque. A mãe da Daniela tinha pertencido ao povo dos Fey de gelo e ela não podia ser tocada por ninguém, a não ser que fosse de sua raça, sem sentir uma intensa dor.

— Precisa estar entre sua própria raça. Sei bem.

Annika negou com a cabeça resolutamente.

— Suas orelhas. Seus olhos. É uma Valquíria tanto quanto um vampiro. Valquíria...? Impossível.

— Crescerá para ser má, — insistiu Regin— Já tentou me morder com suas presas de bebê. Por Freya, alimenta-se de sangue!

— Bobagem, — intercedeu Myst em um tom casual — Comemos eletricidade.

A caolha Nix pôs-se a rir.

Uma menina vampiro? Comer eletricidade? Lhe acelerou o coração...

Annika disse:

— Manterei ao Emmaline longe da Horda e a guiarei para que se converta em tudo o que era bom e honorável sobre as Valquírias antes que o tempo nos corrompesse. —Suas palavras foram lançadas com tristeza e desencadearam uma lembrança que Myst odiava.

Wroth queria vê-la, mas não podia.

Annika esfregou seu nariz contra a do bebê e lhe perguntou:

— Agora, qual é o melhor lugar para esconder a mais formosa pequena vampiro do mundo?

Nix riu encantada.

—Laissez os bon temps roulez⁴...

Nova Orleans

Wroth se levantou da cama de um salto e o corpo empapado em suor.

Minha noiva é uma Valquíria? Pensou afogando-se com a tosse. Sua mente não podia abranger a idéia.

Nem sequer sabia que existiam. Estava unido, por toda a eternidade, a um personagem de lendas contadas ao redor de fogueiras. Pelos sonhos, sabia que era um ser místico de milênios de idade nascida de uma feroz princesa dos pictos⁵ — que tinha cravado uma adaga em seu coração antes de ser tomada viva pelo inimigo — e de deuses.

Não comia porque tomava energia elétrica da terra e a devolia em forma de raios através de suas emoções. Era uma assassina e tinha sido a prostituta de um Senador romano. Desprezava aos homens e desfrutava atormentando-os, exatamente como tinha feito com ele.

Olhou para baixo a sua palpitante ereção. Nem sequer seu ódio podia refrear sua implacável necessidade dela. Sentiu o impulso de encerrar seu membro no punho, mas lutou contra isso, sabendo que nunca poderia aliviar-se, sabendo que só aumentaria sua dor.

Por cinco anos o tinha sentenciado a sofrer por causa desta constante e penosa dor. Antes de saber que não haveria alívio sem ela, acariciou-se a si mesmo sutilmente ou esfregado contra a cama, imaginando que Myst estava encolhida debaixo dele, mas nunca tinha tido alívio.

Outras mulheres o repeliram... porque não era ela. Inclusive se acreditava que podia encontrar alívio em outra mulher, nunca se rebaixaria com outra. Podia sentir a incrível suavidade de Myst, seu úmido desejo por ele, seu corpo apertando ao redor dos dedos quando chegava ao orgasmo por causa de seu toque.

Estremeceu-se e seu membro pulsou faminto. Unidos pela eternidade. A Myst, a Cobiçada, um ser mitológico que o desprezava. A única forma de conservá-la por toda a eternidade era castigando-a por esse período de tempo.

Sabia que a queria como nenhum outro tinha feito. E agora sabia onde encontrá-la.

Capítulo 5

Os gases do pântano, cachorros-quentes cozidos ao vapor e cerveja azedada flutuaram pelo ar até Myst e suas irmãs, quando se posaram em um terraço por cima do caos que era Bourbon Street.

Havia rumores de vampiros correndo por Nova Orleans.

Vampiros em Louisiana? Sem precedentes.

Se só tivesse sido uma história de sanguessugas, então ela, Regin e Nix estariam de volta a Vahalla, sua mansão do bayou, jogando videogames. Mas um

⁴ Deixe os bons tempos rolarem

⁵ O Pictos: ocuparam o norte e o nordeste da Escócia. Eram soldados excelentes e o Romanos os chamavam de “Picti” (pintados) pois, na maior parte do tempo, iam para a batalha completamente nus para mostrar seus corpos tatuados. Na verdade, eles eram Celtas, os antepassados daqueles que construíram monumentos circulares.

amigo demônio tinha jurado que tinha visto um, e um fantasma tinha sussurrado que não havia só uma facção de vampiros, mas sim duas.

Os olhos do Myst passaram velozmente pelo panorama, tentando permanecer concentrada e não dar-se conta dos casais que se esfregavam freneticamente, uns contra os outros, nos becos escuros. Se Daniela estivesse aqui lhes sopraria um beijo e os esfriaria, congelando as mãos nos traseiros, no meio do amasso e fazendo que suas irmãs rissem e rolassem pelo terraço. Myst supôs que a Valquíria estaria entretida facilmente.

Mas concentrar-se estava resultando inútil desde que o seu coração tinha acelerado com a idéia de vampiros aqui. Se por alguma razão tinham vindo ao Novo Mundo (o qual a *Horda* achou historicamente vulgar e abaixo deles) mesmo assim isso não queria dizer que fosse ele.

Wroth. Um de seus verdadeiros arrependimentos na vida.

Cada dia, meditava que não deveria ter deixado que o vampiro sofresse, devia tê-lo matado.

Regin lançou sua folha para cima, agarrou a ponta com sua garra, logo a atirou uma vez mais.

— Sabe, não acredito que haja vampiros reais aqui, porque é um rumor absurdo, mas se estivessem, deveriam saber que este é nosso território.

— Deveríamos lhes pedir para lutar? Ou talvez esmagá-los? — Perguntou Nix enquanto trançava com rapidez o cabelo negro até a cintura — Ouvi que estes podem ser a ruína dos cemitérios, — inclusive luzindo o penteado passado de moda e um ocasional olhar confuso, via o futuro mais claramente que o presente, Nix ainda parecia uma supermodelo.

— Falo sério — disse Regin — Nova Orleans pode ter sido uma vez o crisol místico do mundo, mas nós controlamos este lugar agora.

— Sempre podemos enviar a Myst, a Admiradora dos Vampiros a combatê-los — disse Nix pensativamente — OH, espera! Escaparia correndo com eles.

Regin acrescentou:

— Ou usaria sua famosa “língua de assalto” para flagelar a pele de seus corpos enquanto eles inexplicavelmente ficariam em fila para sacrificarem-se.

— Ja, Ja, Ja e Ja — murmurou Myst, meio escutando. Tinham-lhe estado tirando o sarro com isto continuamente. E o merecia. Bem que podia ter sido pega fumando coca com o fantasma do Bundy. Naturalmente os outros haviam corrido para ouvir as brincadeiras no sabá e a notícia se espalhou. Inclusive as demais facções do *Lore* (como as ninfas, essas pequenas prostitutas) sussurravam sobre sua repugnante predileção pelos vampiros. Mas não era pelos vampiros em plural, mas sim por um em particular.

Wroth. Ela tremeu. Com seus lentos, quentes dedos...

Em sua cama de noite, quando se tocava, sempre fantasiava com ele, recordando seu peito duro e seu membro mais duro ainda, imaginando sua ferocidade, sua intensidade, se alguma vez a encontrasse de novo.

Sinceramente, pensava que devia havê-la encontrado a estas alturas. Havia-lhe, acidentalmente, dado seu sangue, possivelmente lhe dando suas lembranças, o que podia lhe conduzir diretamente aqui. Ela freqüentemente meditava sobre aquele imprudente beijo. Não tinha tido intenção apreciável de lhe dar seu sangue, mas não sabia no fundo de sua mente que suas presas seriam lâminas afiadas com a chegada de suas irmãs? Tinha querido que a encontrasse?

Sacudiu a cabeça, precisando permanecer alerta. Annika, Daniela e Lucia estavam lá embaixo em algum lugar.

— Olhe isso — disse Regin, assinalando abaixo — Homens tão grandes não deveriam ser como tanques.

Myst voltou sua atenção para o homem alto que recordou ao Wroth pelas costas. Por que não podia tirar-se esse vampiro da cabeça? Embora este fosse muito mais magro de constituição. O homem se apoiava em outro tipo enorme, pendurando-se dele, procurando equilíbrio enquanto caminhavam. Deu-se conta de que suas garras se estavam curvando.

— Myst, não pode controlar isso? — Perguntou Regin com um fugaz olhar a suas garras. — É embaraçoso.

— Escuta, não posso evitá-lo, eu gosto dos tipos grandes com ombros amplos. E aposto que embaixo dessa trincheira tem um traseiro que roga ser agarrado.

Nix ofereceu:

— E não é que possa lhes pôr tiras...

— Merda! — exclamou Regin— Vejo um brilho. Ghouls, descendo pelo Ursulines Avenue.

— Malditos sejam. — murmurou Myst— Em público outra vez? Então estão desesperados recrutando — os Ghouls eram lutadores maníacos decididos a incrementar seu número convertendo humanos com suas dentadas e arranhões contagiosos. Tinham o sangue verde e gelatinoso, e a cidade de Orleans se voltava pegajosa cada vez que o sabá os combatia.

— Outra vez — suspirou Nix— E só podemos convencer umas poucas vezes aos turistas bêbados que são extras de um curta de ficção científica.

Regin deslizou a folha na capa de seu antebraço.

— Stargate parte doze está oficialmente no exterior — se levantou—. Iremos beijar os Ghouls. Você segue atenta aos vampiros — fez um som fantasma — E trate de não levantar a cauda para nenhum deles, ok?

Enquanto Myst punha os olhos em branco, suas irmãs uniram os braços e saltaram abaixo, movendo-se tão rapidamente que eram como um borrão. Como sempre, ninguém pôde vê-las, e se o faziam nesta rica cidade, no *Lore* ninguém o registraria.

Myst contemplou o brilho de longe. Não era muito grande, assim soube que podiam dirigi-lo. Como a maior, Nix era forte e Regin era ardilosa. Além disso, Myst tinha posto as botas novas e que a condenassem se perdia outro par na épica batalha que tinha lugar entre o suave e flexível couro italiano e a lama. Muitos acidentes já. Era terrivelmente entristecedor. De verdade.

Sua atenção caiu com facilidade uma vez mais no homem da rua, e elevou uma sobancelha. Se sua frente fazia jogo com suas costas, estaria tentada. Tinham passado gerações, literalmente, desde que tinha tido um pouco de “ação”, e merecia...

Aspirou bruscamente, saltando para trás contra a janela do sótão. O bêbado não estava bêbado absolutamente, como pôde ver quando ele observou com atenção um beco, lhe dando seu perfil. O corpo que esteve comendo com os olhos era o de seu “marido separado”, como gostava o sabá de brincar.

Não se cambaleava pela bebida e sim pela debilidade, sua constituição era diferente porque tinha perdido peso. E esse era seu irmão Murdoch lhe ajudando... ajudando ao Wroth a encontrá-la.

Tremendo, engatinhou ao longo do telhado, apertando-se ao redor das janelas, esperando escapar antes que a visse. Ele se deteve, levantando a cabeça sobre a multidão fervilhante, então se girou em sua direção.

Seu olhar caiu diretamente nela, os olhos negros, ferozes e fixos nela com uma expressão de total posse. Quando o olhar do Murdoch seguiu a do Wroth, mostrou-lhe uma expressão quase compassiva, então aplaudiu ao Wroth nas costas antes de seguir adiante.

O sangue deixou sua cara. Saltou do telhado ao edifício adjacente, ganhando velocidade para o seguinte...

Gritou quando a magra cara do Wroth apareceu diretamente a sua frente. Localizada. Acelerou na outra direção, mas a prendeu contra seu peito, sujeitando-a a ele, fazendo-a sentir sua grossa ereção contra ela. Deu-lhe uma cotovelada na garganta, caindo de seus braços, e se lançou sobre o beiral. Caiu em um pátio fechado com cercas altas, aterrissando sobre as mãos e os pés, logo se levantou engatinhando para saltar fora, ao espaço às escuras. Mas a velocidade não foi rival para seu rastreamento.

Enganchou-a outra vez, e embora lutasse, ele era de algum jeito mais forte inclusive em sua condição... talvez por causa de sua condição. Uma de suas mãos lhe tirou a camiseta curta.

— Wroth! Não faça isto!

— Cinco anos de inferno — disse com desprezo, aplaudindo seu traseiro com brutalidade — Merece ser fodida até que não possa andar.

Tragou, tremendo.

— Assim, o senhor da guerra reclama seu prêmio? Imagina que pode tomar a sua Noiva tanto se quiser como se não. Faria-me recordar ser forçada?

Depois de uma pausa, ele mastigou as palavras.

— Não. Deus, não! — ouviu-lhe liberando-se— Myst — grunhiu —, só me sinta, — tomou a mão e a fez embalar seu pesado saco, então agarrou seu pênis. Nunca havia sentido tal dureza — Acaricie a cabeça — lhe disse com voz áspera no ouvido, fazendo-a tremer enquanto sentia a umidade — Isso é tão perto como posso estar sem ti. Preciso trepar tanto que estou pondo-me mau.

— Wroth não...

Com uma amarga maldição, ele inclinou a cabeça, a frente contra seu pescoço, mas só empurrava contra seu traseiro.

— Não posso parar — chiou, e soube então que não ia tomar seu corpo, só tocá-lo, usá-lo. Por que se refrearia por ela...?

Seus dedos espremeram seu mamilo. Acendendo... Não, não podia desejar isto.

Seu fôlego era quente nela e fez que seu corpo se voltasse líquido. Podia desejá-lo, tanto como o fazia cada noite em sua cama solitária. O ar era abafado, fragrante com o aroma do jasmim e inclusive mais úmido do que o normal pela fonte da esquina. Ninguém estava em casa. Não tomaria, assim por que não desfrutar disto por escassos momentos?

Quando se voltou suave em seu agarre, enlaçando os braços para fechar-se atrás de sua cabeça, grunhiu e chutou seus pés contra os dela, fazendo-a separar as pernas. Estremecendo-se, esfregou-se implacavelmente contra sua carne, então jogou para trás a cabeça e gritou justo antes de gozar. No último minuto se separou dela e começou a derramar sua semente no chão.

Estava congelada, incapaz de ver, e por alguma razão isso a afetou mais, por só ouvir suas reações, os grunhidos guturais brotando do profundo de seu peito. Sentiu seu violento tremor, a força em seu destruído corpo enquanto a agarrava com força através de ondas de prazer.

Seguiu e seguiu, cada segundo que passava lhe recordava o muito que ele tinha necessitado isto. Então lhe pôs os lábios no pescoço, sujeitou-a com força o traseiro e soube que estava se acariciando diretamente para ejacular outra vez. Quando pensou na quantidade de noites que ele teria imaginado isto, a cabeça lhe caiu para trás contra seu ombro.

A segunda vez foi inclusive impossivelmente mais poderosa enquanto a beijava desesperadamente e lambia sua pele, espremendo um peito e logo o outro, lhe recordando agudamente quando a tinha levado a orgasmo aquela noite na masmorra. Queria unir-se a ele... queria aqueles dedos trabalhando nela a próxima vez.

Quando teve acabado, ele a levantou o cabelo e a acariciou o pescoço com os lábios, tremendo e respirando pesadamente.

Arrumou as roupas de novo e lhe baixou a saia, logo a girou para ele para olhar em seus olhos. Cavou a mão em sua nuca fortemente, puxou-a bruscamente para que o enfrentasse, mas em vez de beber dela, ou golpeá-la, estreitou-a em seu largo peito, a mão movendo-se pela parte de trás de sua cabeça, agasalhando-a com aqueles poderosos braços. O qual era desconcertantemente prazeroso.

Curiosa, deixou que a abraçasse, relaxando uma fração de segundo, e em troca, ele baixou sua cabeça para lhe beijar o cabelo. Finalmente se apartou para lhe enfrentar. Sua expressão não era tão selvagem, a não ser lúgubre.

— Estive te procurando, Noiva.

— Estive aqui mesmo.

— Me tratou mal, me deixando naquele estado.

— Minhas irmãs foram te matar, mas salvei sua vida. E você estava a ponto de me tratar muito pior.

— E esmagar minha presa?

Isso foi um acidente! Mesmo assim, levantou o queixo e disse:

— O mínimo que podia fazer já que estava a ponto de me torturar. Considera-o uma lembrança.

Sua cara se endureceu ante isso, mas então pareceu manter seu temperamento sob controle.

— Durante cinco anos imaginei o castigo que te imporia, imaginando constantemente te fazendo pagar pelo que me fez — exalou um comprido fôlego — Mas estou cansado disso, Myst, cansado de carregar isto. Quero olhar para diante e seguir com nossa vida — Nossa vida? — Daqui vou começar do zero. Estamos iguais em nossos crimes contra o outro e esqueceremos qualquer passada indiscrição que pudéssemos ter cometido antes que nos conhecêssemos.

— Indiscrições? —que magnânimo por parte do vampiro lhe dar um cartão de pontuação vazia. Para enchê-lo de novo.

— Seu sangue me deu mais que um mero sabor. Como acha que te encontrei?

— Assim reuniu minhas lembranças? — encantador. Sabia que agora ela estaria totalmente descoberta por ele? Tinha recolhido todo seu conhecimento sobre o *Lore*? — Divertiu-se contando a seu irmão e a seus amigos tudo sobre minha vida... meus pensamentos privados e meus... atos íntimos?

— Nunca contei a ninguém nada do que vi. Acredite-me — acrescentou em um tom estranho. — E te juro que nunca farei. Isso fica entre nós.

— Pode jurar que nunca usará informação a respeito de minha família para lhes fazer mal?

Ele franziu o sobrecenho.

— Esquece-o, então. De todas as formas não importa — disse, tentando retorcer-se para afastar-se dele — Não há um começo para nossa vida... inclusive se não tivesse estado a ponto de fazer... O que essa noite? Romper-me os dedos? As pernas?

Não negou estas coisas.

— Isso é no passado e me pagaste por isso da mesma maneira. Se for consolo o que quer. Sabe que sofri muito mais dor do que pude ter sonhado alguma vez te infligir. Durante todos estes anos, não podia dormir, não podia beber. Quão único podia fazer, era fantasiar te penetrar, sem alívio.

A calidez floresceu em seu ventre, mas então franziu o cenho.

— Isso não me consola. Só quero que me solte de seus braços e me permita ir. Minha classe aborrece a sua. E inclusive se eu gostasse e fosse

decente comigo, minhas irmãs te matariam, e seria condenada ao ostracismo por cada ser no *Lore*. Não há modo de que escolhesse ser uma pária contigo ao invés de minha vida atual, da qual desfruto muitíssimo, assim me largue. Não quero ter que te fazer mal outra vez.

Levantou uma sobancelha condescendente ante isso, o qual a fez enfurecer-se, então disse:

— Não posso te deixar ir. Nunca o farei. Não até que morra.

— Dei-te um aviso e só direi mais uma vez... me solte!

— Nunca ocorrerá. O que fará para que aceite isto? Um juramento? Feito. Juro-te que nunca usarei o que aprendi para causar mal a sua família. Como seu marido nunca poderia lhes ferir, porque o final seria doloroso para ti.

Quando viu que era mortalmente sério com isto, deu-se conta que o jogo com ele acabou. Ia tentar obrigá-la a viver com ele. Porque sentia que esse era seu direito sobre ela.

Não era diferente dos outros. Seu nome deveria ser Myst, a Posse.

Perguntou-se se houvera desvanecido? Se finalmente tivesse pedido estar com ele?

— Wroth — sussurrou, serpenteando, seus braços para cima por seu peito para enroscar os dedos atrás de seu pescoço. Ele se inclinou para ouvir — Sabe o que faria que me convertesse em sua Noiva na verdade?

— Me diga — disse ele rapidamente.

— A vida deixando meu frio e morto corpo — lhe deu um joelhada, decidindo no último minuto não lhe romper o cóccix com o golpe. Quando caiu sobre seus joelhos, deu-lhe um reverso, enviando-o voando seis metros até o muro do pátio.

Ele rugiu de ira, levantando-se lentamente, enquanto ela percorria a toda velocidade uma passagem coberta entre os edifícios, aproximando-se das portas de ferro forjado da rua. Mas ele seguiu a pista, tratando de agarrá-la, acariciando suas costas com as gemas dos dedos, então se enganchou à corrente. Gritou de dor quando se rompeu.

Grande Freya, a corrente não. Se ele compreendesse o seu poder sobre ela, não importaria o quanto ela era forte como Valquíria ou quão bem lutasse. Correu por sua vida, rompendo as portas fechadas, as fazendo voar de suas dobradiças com estrondo e faíscas pela rua. Durante dois mil anos tinha sido inquebrável.

Não escute, não escute, corre, escape de sua voz...

— Myst, pára! — rugiu, com a frustração lhe afogando quando só encontrou o fino fio de ouro de sua cintura.

Mas ela se congelou, quase a ponto de cair para diante quando seus pés se cravaram tão rapidamente.

Girou-se para ele, perambulando pelo corredor para reunir-se com ele no pátio. Lambendo os lábios e alisando seu cabelo, disse:

— Isso é meu e o quero de volta.

Estendeu a mão para o fio, mas ele o sustentou em alto longe dela. Não estava magicamente inclinado, não tinha acreditado no *Lore* até que foi convertido, mas inclusive ele sentia o poder no fio de ouro. O poder do que?

— Quanto?

Um raio rasgou o céu atrás dela. De fato devia querê-lo muitíssimo.

— Me roubaria?

— Você me roubou. Anos... levou-me anos.

— Acreditei que estávamos iguais.

— Isso foi antes de tentar me amedrontar.

— Serei mais amável contigo se me devolver isso.

Seus olhos eram hipnotizantes, e ele teve que sacudir-se a si mesmo.

— Passamos desse ponto. Tudo o que queria era fazer minha vida com você. E me deixou na dor — mais cedo, quando finalmente se livrou das noites de tortura sem fim, sentiu uma entristecedora gratidão para ela; irracional, desde que lhe tinha condenado a isso, mas tinha conhecido uma grande quantidade de satisfação pela primeira vez em anos. Então ela tinha repartido golpes a destro e sinistro outra vez. — Depois desta noite, compreendo que nunca te porei na cintura — apertou a corrente, recordando antes como se deteve tão subitamente — A menos... —foi se afastando, olhando-a aos olhos, fixos nos seus — De joelhos.

Os joelhos dela tocaram a pedra como se tivesse sido empurrada para baixo.

Suas sobrancelhas se uniram pela surpresa, respirando com rapidez.

—Treme — lhe ordenou, sem acreditá-lo totalmente...

O fez, e sua pele se arrepiou como se tivesse frio. Seus mamilos se endureceram e se abraçou a se mesma.

Soube que seu sorriso era cruel. Cinco anos a imaginar, não lhe tinham preparado para isto.

— Agarra meu cinto.

Ela olhou para cima com pavor, estava-o olhando nos olhos, suplicante quando disse:

— Vêem.

Capítulo 6

Logo que sua mente registrou a ordem, seu corpo se apressou a obedecer com um rápido e ardente apertão que a deixou debilitada contra ele. O agarre em seu cinto era a única coisa que evitava que caísse... como ele tinha antecipado.

Quando o êxtase finalmente terminou e pôde recuperar o fôlego, levantou a cara, separando os lábios para perguntar...

— Outra vez?

Ela gemeu, incapaz de liberar seu cinto enquanto se retorcia e se cambaleava de joelhos, roçando os seios freneticamente contra suas pernas.

— Pára, por favor... — Ela pressionou o rosto contra seu membro imenso, necessitando-o, seu corpo apertando só o vazio. Percorreu-o com a boca enquanto lhe rogava que parasse. Embora lhe tivesse feito mal, ele estava se recuperando justo entre seus lábios.

— Goze mais forte.

Para sua vergonha, ela o fez, arqueando-se para trás e gritando, abrindo os joelhos e ondulando os quadris para que ele a enchesse.

Quando as ondas de prazer cederam, ela fracamente notou que a elevava nos braços. Estava débil, incrédula, ainda com todos os nervos ardendo. Houve escuridão, enjôo, e então esteve em um novo lugar, em um escritório escuro e com painéis.

Ele a pôs em pé, mas ela se ficou sem forças com suas ordens e com sua... localização.

Com voz trêmula, perguntou:

— Onde estou?

Ele a sustentou até que esteve firme, então cruzou para abrir uma pequena parede secreta. Atirou a corrente e fechou a porta.

— Está no Blachmount, minha propriedade no Eesti. Isto, Myst, é seu novo lar.

Os lábios se abriram de repente.

— Não pode me manter aqui...

— Aparentemente posso fazer tudo o que quiser no que concerne a você. É aqui onde permanecerá e onde eu vou te mostrar toda a compaixão que você me mostrou.

Os olhos dela se abriram.

— Me escute cuidadosamente. Este lugar é indestrutível e você nunca, nunca tocará a fechadura. Nunca trate de deduzir a combinação ou conseguir-la de mim. Entende? Responda-me.

— S... sim.

Ele andou a pernas até ela, agarrou-a por braço e a transferiu ao que parecia um quarto. Uma guarida de vampiro. Com a cama no rincão, no piso, tal como eles preferiam. Ela tremeu, sabendo que estava bem e verdadeiramente fodida em cada sentido possível.

— Dispa-se — ordenou Nicolau da ducha.

O choque tinha sido substituído rapidamente pelo rancor, e lhe olhou enfurecida antes de obedecer. Ele não se importou. Olhando-a atirar suas roupas do banheiro úmido era como presenciar um presente desembulhando-se.

Ele estava sob a água, seu corpo curando-se a uma velocidade que nunca tinha imaginado. Tinha recebido um golpe dela que o teria paralisado durante dias no passado, e agora estava duro por ela outra vez. De fato, a dor tinha sido a única coisa que lhe tinha evitado cobri-la no pátio e afundar-se nela enquanto se retorcia em seu orgasmo, seus olhos lançando brilhos de prata com o prazer. Agora nada a salvaria.

Quando esteve completamente nua, ele olhou fixamente os seios robustos que o tinham obcecado, se fazia água na boca com os cachos castanhos entre as pernas. O que lhe poderia fazer? As possibilidades eram infinitas. Poderia lhe dizer que o tomasse em sua boca e ver quantas vezes poderia seu membro levantar-se sob sua língua. Poderia forçá-la a rogar por fazê-lo, a lhe rogar que empurrasse dentro dela. Depois destes últimos anos de agonia, e agora ter tal presente como esta corrente...

Se Wroth tivesse senso de humor, possivelmente teria rido.

Não entendia o poder da corrente, só sabia que estava sobre ela. E ele era quem para meditar sobre sua origem. Se gastasse tempo questionando cada novo progresso em sua vida durante os últimos séculos, ficaria louco. Era o instrumento que necessitava. Bastante simples.

Tinha decidido enterrar o passado, mas esta noite se deu conta de que ela era muito selvagem e muito mal-intencionada para aceita-lo. Ela comprovaria que era como seus sonhos lhe tinham contado. Com essa misteriosa corrente, poderia convertê-la em uma esposa manejável em sua vida... e em sua cama?

Mais cedo, ele tinha sido muito consciente de sua reação quando chegou ao clímax. Ela tinha esfregado a cara contra seu pênis, querendo-o. No beco, com suas roupas postas, tendo tido sua virilidade golpeada, não tinha podido tirar completo proveito da necessidade dela. Mas na ducha...?

— Se junte a mim, Noiva.

Ela foi obrigada, embora tivesse uma expressão de repugnância na cara.

— Segue me chamando assim, mas não tem o direito. Não te dei consentimento, assim acredito que o termo que busca é escrava.

Seus olhos se estreitaram enquanto a agarrava pela cintura diminuta e a empurrava para a água com ele.

— Semântica. O fim é o mesmo. Esquece que sou de uma época aonde os homens não necessitavam consentimento para ter o que queriam.

— E esquece que vivi nessas épocas também e estava contente de havê-las deixado para trás. Quase tinha esquecido o que era ter que matar a todas os sanguessugas como você quando seus pequenos corações irritantes pulsavam por mim — Lhe lançou um olhar de puro veneno — Mas está retornando para mim.

Quando ela se agachou para lavar os joelhos, ele cruzou para sentar-se no banco de mármore ao final da ducha, olhando-a mover-se.

— Se eu não fosse um vampiro e não tivéssemos uma história, seu corpo se excitaria com o meu?

Ela estava completamente de pé para levantar o rosto para a água. Com suas palavras, apertou a mandíbula.

— Me responda.

— Sim — respondeu chiando os dentes.

— Bem. Vêem aqui. Mais perto. — Quando ela finalmente se aproximou furtivamente, ordenou, — te ajoelhe uma vez mais.

— Não pode me obrigar a fazer isso. —vaiou inclusive enquanto obedecia

— Não vou te obrigar a fazer nada. Nunca te obrigarei a me tocar ou te forcerei. — Explicou enquanto a expressão dela se voltava incrédula — Não importa quão mal me tratou. De fato, para fazê-lo mais difícil para você, nunca te tocarei nem beijarei a menos que me peça. Será muito mais doce quando alcançar a pôr as mãos em meu pênis e me suplique que te possua.

— Nunca.

Ele ignorou seu protesto.

— Se em qualquer momento em algo que façamos, quiser aprofundar a experiência, por exemplo subindo aqui para me montar, deixarei.

— Não tomaste seus remédios?—disse ela bruscamente, mas ele podia dizer que estava nervosa.

Brandamente embalou seu rosto com ambas as mãos, acariciando seu brilhante lábio inferior com os polegares.

— Te toque.

Ela ofegou, a mão voando para sua pele como se estivesse magnetizada. acariciou-se acima e abaixo entre seus seios.

— Mais abaixo — ordenou. Os dedos serpentearam abaixo do estômago plano embora ela resistisse claramente à ordem — Mais abaixo.

Ela se moveu nervosamente pela luta, mas obedeceu, os dedos descendo para seu sexo.

— Abre os joelhos amplamente e se dê prazer como se eu não estivesse aqui.

— Não — sussurrou ela, ainda enquanto abria os joelhos para passar um dedo delicado contra a carne.

Seu membro pulsou e a cabeça cresceu escorregadia. Depois de longos momentos de simplesmente olhar fixamente com admiração como ela começava a tremer e seus olhos cresceram chapeados.

— Está molhada?

— Sim — gemeu.

Ele sentia a eletricidade emanando dela, cravando sua pele, revelando quanto prazer estava experimentando, e isso apressou sua própria necessidade. Ordenou:

— Dentro. Ponha o dedo dentro.

Quando seu dedo escorregou dentro de seu sexo, ela jogou a cabeça para trás, gritando.

— Dois dedos. Mais profundo. — Ele apertou o bordo do banco, e o mármore se gretou sob seu punho — Mais forte.

Ela obedeceu, atirando esta vez sua cabeça para frente, o cabelo caindo em cascata sobre o peito dele enquanto gemia contra seu pau. Tirou rapidamente a língua enquanto ofegava contra ele.

— Ah, mais profundo. Mais rápido...

Ela gemia ao redor dele esta vez, porque ela tinha tomado a cabeça na boca. Continuou trabalhando seu corpo com uma das mãos, os dedos deslizando-se dentro e fora de seu calor. A outra mão foi por toda parte sobre ele, procurando maliciosamente, os lábios tão úmidos e cheios e famintos, comportando-se justo como ele tinha suspeitado que faria...

Sua Noiva estava de joelhos, os dedos profundamente dentro de seu corpo a sua ordem, chupando com avidez seu pau. Disse-lhe:

— Quer que te toque os seios?

Quando ela assentiu com ânsia, ele chiou:

— Tem que me pedir isso

Os dedos se afrouxaram, e ela o liberou de seus lábios, embora a cabeça estava inclinada ainda. Ele não queria que parasse, sabia que a tinha empurrado muito longe.

—Myst, quero... quero ter minhas mãos em seus seios formosos. Sonhei com isto durante muito tempo — admitiu.

Ela vacilou, seu corpo tremendo.

— Os tocará? —ela respirou, então voltou para seus serviços.

Ele se estrangulou com um gemido quando ela beijou por toda parte a cabeça, molhando-a com sua língua, ao igual com sua boca. Tomou com tal abandono que soube que ela estava no bordo outra vez. Ele alcançou para baixo e lhe cobriu os seios com as mãos, fechando os olhos com a sensação, apertando, parando sozinho para beliscar e acariciar com os polegares os mamilos.

A pressão crescia dentro dele. Seu corpo se esticava, os joelhos abrindo-se e os calcanhares plantando-se no chão enquanto se esticava para esperar. Não sabia como tinha vivido tanto tempo sem este prazer deslumbrante.

— Olhe enquanto gozo. — grunhiu ele.

Ela levantou o rosto, e de algum modo soube que ele queria que olhasse aos olhos e não como derramava sua semente. Os olhos chapeados não se separavam dele, ela trabalhava com seu punho no membro, bombeando-o ao mesmo tempo em que seu dedo se afundava dentro dela... como se quisesse que a enchesse.

Este pensamento o enviou ao bordo. A pressão intolerável estalou enquanto ejaculava, empurrando mecanicamente contra sua mão, os braços se dispararam para embalar seu rosto com ambas as mãos. Quando lhe viu esperar, seus olhos se aumentaram antes de revoar e fechar-se e gritou, movendo-se contra seus dedos enquanto chegava ao clímax.

Caiu sobre seus joelhos, ainda estremecendo-se, agarrando-se à perna dele como na noite no Oblak. Antes que ela o abandonasse, sangrando e dolorido. A necessidade se apagou, o familiar ressentimento explodiu.

Acariciou-a a um lado e ficou de pé, enxaguando sua semente, olhando fixamente à aturdida, maligna criatura ainda de joelhos, com as mãos em suas coxas enquanto ofegada. A vista de seu perfeito, generoso traseiro e seu úmido cabelo caindo ao longo de suas costas magras o deixou excitado outra vez.

Mas ela respirava com dificuldade e soube que a tinha trabalhado sem piedade para sua primeira noite juntos.

— Se levante e vêem.

Quando ela o encarou, seus olhos eram duros, piscando em cores, mostrando quão aturdida estava enquanto tropeçava para obedecer e sem compreender. Ele sentiu uma punhalada de culpa, mas se fez recordar todos os dias que tinha passado derrubando-se na dor. As noites que tinha suado por

agarrar desesperadamente nos lençóis para obter alívio. Ela o tinha reduzido a isso.

Ela receou, aproximando-se dele lentamente, e quando esteve à distância de um braço, ele disse:

— Dorme.

Então a agarrou enquanto caía sem forças. Esclareceu e secou o corpo dela e o seu próprio, então a levou a sua cama.

Deveria ter sido um tempo de satisfação... por Cristo, tinha a uma Valquíria viva, respirando em sua cama, e era sua Noiva... o que não era pouco. Estava totalmente sob seu controle, mas desejava que não tivesse que está-lo.

Como um vampiro nascido natural, ele se encurvou sobre ela, arrastando a beleza às sombras com ele enquanto se deitavam na cama da esquina.

Amanhecer

Myst ouviu nebulosamente a ordem, sabia que devia estar sonhando ainda porque sua pele tocava a de outro, embora ela não tivesse dormido com um amante pelo que recordava. Franziu o sobreceño, desconcertada porque seu corpo estava tão maleável, cada músculo liberado da tensão que normalmente tinha. Mas por que estava seu rosto apertado contra o peito nu e largo de um homem? Ela estava rodeada por seu aroma delicioso que a fez enfraquecer-se e voltar-se líquida. Aninhando-se mais perto, ela arrastou uma perna sobre a dele.

Ouviu um som masculino de prazer, e seus olhos se abriram. Disparou-se para cima, puxando o lençol até o pescoço. O terror se assentou nela quando os acontecimentos da noite retornaram a sua mente. Estava na cama de um vampiro, aqui, como uma escrava para todos seus caprichos. Ou como o figurou, estava no inferno.

— Estava sonhando com ontem à noite?

— Não — respondeu honestamente. Ela estava pensando em lamber cada polegada do duro macho embaixo dela.

— Como nos sentimos a respeito do que fizemos?

— Nós? O que você fez.

— Eu só te ordenei te dar prazer. Por vontade própria me tomou na boca — Ele levantou uma sobrancelha — Com avidez.

Ela se afastou bruscamente.

— Então me sinto envergonhada.

— E...?

Quando lhe franziu o sobreceño, ele disse com sua voz profunda

— Poucas vezes há um caso onde as emoções não se oponham. Que mais sente quando pensa em ontem à noite?

Ela recordava estar sem sentido pela luxúria como nunca tinha estado antes, faminta de sua imensa vara. Tinha querido cavalgá-lo e lentamente trabalhá-lo dentro dela. Tiritando pela deliciosa imagem, lutou por evitar admitir seu desejo.

— Ex... excitada.

— Está excitada agora?

Ela se sentia ruborizar-se profundamente. Myst nunca se ruborizava.

— Sim.

— Precisa gozar?

Oh, Deus, não! Como podia lhe perguntar isso justo quando estava revivendo a noite passada?

— S...sim — Ela se voltou para ele, curvando os joelhos contra seu peito
— Mas não lhe pedirei isso.
— Nem sequer quando posso te dar o que necessita?
— A única coisa que pedirei é que me devolva minha corrente.
— A recuperará quando estiver convencido de que permanecerá comigo
— lhe disse — Me explique o que é.

Quando ela não respondeu, ele chiou.

— Me responda.

— Chama-se o *Brisingamen*.

— Por que a leva?

— Por castigo e para protegê-la.

— Castigo por quê?

Ela colocou uma mão a seu lado e se voltou para ele, seus olhos verdes burlando-se.

— Quando tinha dezessete anos, fui pega em uma posição comprometedora com um semideus sem nenhuma importância ou prestígio mais que seu talento de quebrar a mente ao beijar. Minha família não se alegrou.

Um músculo tremeu em sua mandíbula. Semideus? Wroth era um vampiro marcado pela luta que nunca andaria ao sol com ela.

Ela estudou sua expressão.

— Ciumento, vampiro? Ou se deu conta de que estou fora do seu alcance?

Ele ignorou suas palavras.

— Assim que sua família te castigou com uma vulnerabilidade que dava aos homens o controle de seu corpo? Quantos o tiveram, te ordenando foder por sua vida?

Quando ela o olhou, ele disse calmamente.

— Responde. Completamente.

— Não havia vulnerabilidade. Nunca foi quebrado. Estive vinculada a ela, coagida por ela, inclusive mantida em cima de um fosso de alcatrão fervente por ela. Tratei de tirá-la de mim nos dias antigos e cortá-la recentemente. Nada podia tocar a integridade da corrente antes...

— Antes que a tirasse livre como um fio? Assim sou o primeiro. — Isso o agradou e exalou um suspiro de alívio, só para franzir o sobrecenho imediatamente — Não acredita que seja mais que coincidência ter sido entregue a mim, sobre todas as outras mulheres de qualquer tempo e lugar, para ser minha Noiva, assim como eu te liberei de algo que nenhum homem pôde antes?

Ela apertou a mandíbula.

— Como encontra estes fatos? Responde honestamente. Agora.

— Eu os encontro... Eles possivelmente sejam... Possivelmente esteja destinado — disse ela.

— Devemos estar predestinados. — Ele já o tinha sabido sem dúvida nenhuma. Não podia acreditar que seu coração pulsasse por uma mulher que nunca poderia amá-lo. É óbvio, ela havia dito que tinha havido outros aos que sangrou... portanto matado.

— Sim, mas simplesmente porque fomos estabelecidos por um destino com um senso de humor doente, não significa que meus sentimentos por você mudarão. Vai manter-me prisioneira durante toda a eternidade?

— Antes de permitir que vá flertar com seu semideus? Sim.

Os ombros magros se estiraram e ficou de pé.

Ele se tombou, olhando avidamente o traseiro de sua Noiva enquanto passeava ao redor da habitação, estudando seus novos arredores. Myst não podia simplesmente passear, ele tinha descoberto... que cada movimento era material de fantasia, igual a cada toque. Não tinha tido a oportunidade de

reclamá-la a noite passada porque tinha estado muito encantado com seu úmido beijo, mas já estava duro outra vez e remediaría isso logo.

— Então, que proeza milagrosa da engenharia trouxe uma instalação de encanamentos modernos a este pestilento lugar?

— Pestilento?

Ele franziu o sobrecenho com sua pergunta, olhando como ela passava a mão pelo papel de parede velho. Abriu uma portinha oxidada e olhou para fora a noite, vendo, ele sabia, jardins enredados e deteriorados pelo abandono. Teve o impulso repentino de desculpar-se por seu lar estar nessa condição.

— Vai manter-me aqui? Sua tortura é diabólica e ilimitada, Wroth.

Ele apertou a mandíbula, então lhe disse:

— Como te disse, chama-se Blachmount e estava acostumado a atemorizar e o voltará a fazer outra vez, mas a propriedade esteve abandonada durante muitos anos. Enquanto te buscava, vivi em Nova Orleans, e no Oblak antes disso. Só venho aqui em determinadas ocasiões. — Quando sentia falta da sua família.

Ela suspirou, vagando até sua pilha de roupas, rasgadas e manchadas no piso. Olhou-as fixamente piscou para ele, claramente perguntando-se qual seria seu próximo movimento. Isto lhe golpeou com força, e não importava como se sentisse a respeito dela, era sua responsabilidade cuidá-la. Era sua aturdida esposa, com seu selvagem cabelo vermelho e sua suave e pálida pele, quem estava totalmente deslocada aqui, estaria vivendo com ele sob seu teto... melhor que conseguisse que o esqueleto ancião recuperasse sua anterior glória e lhe dar um lar como merecia.

Sabia que haveria coisas que ela requeria que não poderia prever, porque ele estava além de conhecer as necessidades femininas. Se atreveria a levá-la para conseguir suas coisas?

Logo que se deu conta de onde vivia, deixou Oblak para trás e comprou uma propriedade longe das multidões de Nova Orleans onde poderia viver durante a busca. Wroth podia ter examinado daqui para lá, mas a mudança de tempo significava que cada noite ele encararia a alvorada no Oblak. Tinha sido fraco, e percorrer a distância mais curta ao renovado moinho nos subúrbios do povo tinha demandado menos.

Agora precisava voltar para moinho pelo fornecimento grande de sangue que tinha deixado ali. Estava mais sedento do normal, e reclamá-la nesta condição não seria sábio. Assegurou-se que era só porque seu apetite havia tornado a despertar e não porque com o passar do dia, tinha sonhado em beber de suas brancas coxas.

Poderia verificá-lo com o Murdoch, mandar recado ao Kristoff de que tinha encontrado a sua Noiva, e beber em preparação para finalmente reclamá-la. Enquanto em Nova Orleans, poderia também visitar uma casa de Valquíria.

—Vamos pegar seus pertences esta noite.

Capítulo 7

— Como vamos fazer isso? —Perguntou ela— Só pode ir a lugares onde estiveste ao menos uma vez.

— Mas posso chegar a qualquer lugar. —Respondeu Wroth lhe tirando importância, como todo um moderno senhor da guerra.

Uma vez de volta a casa com a roupa rasgada e a pele ardendo da noite passada, seu corpo ainda clamava pelo toque do vampiro.

Encantador. Nunca poderia esquecê-lo e para um imortal a palavra nunca já é por si só muito lamentável.

Sim, voltar para a Valhalla poderia ser uma possibilidade de escapar, mas tampouco podia matar a uma de suas irmãs se elas tentassem liberá-la. Quando ele se levantou alcançando o armário em uma pernada, ela estudou seu corpo comprovando uma vez mais quão incrivelmente forte era.

Ele virou e desabotoou um botão, apanhando seu olhar assim que seu duro membro se disparou para cima. Ela quase perdeu a camisa e ele sorriu com satisfação fazendo-a virar seu rosto rapidamente.

— Vêem aqui, — ordenou-lhe e ela começou a aproximar-se muito devagar.

Suas mãos a alcançaram recolhendo e amontoando seu cabelo detrás da cabeça, precisava inclinar-se e aspirar sua fragrância ao longo de seu pescoço, então lhe sussurrou ao ouvido:

— Noiva, isto me resulta embaraçoso, mas acredito que acabo de te surpreender olhando fixamente meu pau, — disse fazendo-a estremecer. Alguns anos antes ela também tinha brincado a primeira vez que ele contemplou seu pescoço completamente embevecido.

— Você gosta, não é mesmo? — Acrescentou com voz sensual.

Essa última pergunta a sacudiu. Abriu seus olhos incrédula, ficou sem palavras. Como pôde lhe dizer isso? Deveria lhe responder? Ele deslizou seus lábios sobre seu ombro e disse:

— Me diga a verdade.

“Quero me enredar entre suas pernas, repousar minha cabeça sobre seus quadris e te levar até minha boca para te saborear durante horas”, faltou-lhe pouco para dizê-lo em voz alta, mas pôde conter-se a tempo e lhe deu outra resposta não menos honesta.

— É muito grande.

Ele soltou seu cabelo e voltou a sorrir com satisfação.

— Te resulta mais terrível que tentador? — Perguntou-lhe usando as palavras que tão bem recordava.

Ela sabia que se estava vingando a sua maneira, e agüentou chiando os dentes para não dizer nada, mas perdeu.

— Ambos.

Então estalou a língua fixando-se em seus quadris.

— Entrarei devagar em você para não te machucar, e as primeiras vezes te montarei brandamente.

Myst ficou molhada e sem palavras ante a aguda e engenhosa indireta sexual.

Entrar nela? Era arrogante!

Quando se voltou para a ducha, ela tentou não olhar como suas costas se estreitava para uns estreitos quadris desembocando em um musculoso e duro traseiro com covinhas em cada lateral. Estava pedindo a gritos que alguém o agarrasse e apertasse.

Demônios, morria por fazê-lo.

— Estou seguro de que você gosta de tudo em mim, — disse do interior do banho.

Desconcertada olhou para o teto, não recordava havê-lo visto antes assim. Certamente tinha sabido que o olhava fixamente, que ardia sob sua pele. Enquanto se vestia pensou que ele tinha razão; se o analisava, gostava de seu físico por inteiro. A maneira em que a tinha feito sentir a noite anterior, não lhe deixou nenhuma dúvida de que ele não só conseguiria que lhe pedisse para tê-lo dentro, mas também lhe suplicaria por isso.

Tinha que escapar antes que ele a reclamasse. Não tinha bebido dela e não tinham tido sexo. Assim, enquanto a situação permanecesse inalterada ela poderia superar este capítulo de sua vida.

Ao retornar à habitação vestido como o homem de seus sonhos, ela se sentiu ridícula envolta em uma camisa que lhe chegava até os joelhos. Nunca se havia sentido tão insegura, mas tampouco lhe deu tempo para pensar sobre isso quando ele a sujeitou pela cintura.

— Está preparada? — Perguntou-lhe contemplando-a. Preparada? Para lhe beijar, lhe abraçar, ficar de joelhos? O que?

Atraiu-a contra seu corpo envolvendo-a entre seus braços.

— Fecha os olhos, — ordenou-lhe. Ela o fez.

— Abre-os.

De repente se encontravam em uma garagem. Era a primeira vez que tinha feito a translação e tinha podido compreender o processo. Em seu momento tinha caído em um ou dois feitiços embriagadores e agora se encontrava na mesma situação. Ao princípio se sentiu vacilante, mas o ar cheirava como o bayou com a maré alta, úmido e pesado e ela gostava.

— Nova Orleans, mas onde? Que lugar é este? — Perguntou-lhe apartando-se dele para jogar uma olhada.

— Uma velha oficina ao norte da cidade, —disse Wroth— Onde vivi ultimamente enquanto percorria as ruas atrás de você, nas noites em que ainda podia fazê-lo. Antes de desfalecer por causa da dor e da debilidade.

Ela desviou rapidamente seu olhar para longe, lutando contra uma labareda de culpabilidade até que descobriu os carros. Tentou acalmar-se, mas Wroth já a tinha pego olhando ao Maserati Spyder e soube que ele reconheceu sua piscada de assombro. Às Valquírias gostavam das coisas da melhor qualidade. Eram ambiciosas, não podiam evitá-lo. Sua própria mãe lhe havia dito que a primeira palavra de Myst, foi dito assim: “*dêem-me.*”

Abriu-lhe a porta do Spider e uma vez dentro ela se acomodou sobre a pele suave do assento, adorava. Uniu-se a ela com expressão inescrutável.

—Temos sorte, Myst. Desejará ser minha esposa só por isso.

Ela já era afortunada. O acordo que estabelecia a partilha dos benefícios dos investimentos era o suficientemente generoso. Ela disporia de suficiente dinheiro para comprar toda a roupa que quisesse, até gastar dois mil dólares em conjuntos de lingerie de alta costura para aplacar sua obsessão. Em voz baixa resmungou:

— É genial! Sou rica!

Ordenou-lhe que se dirigisse a sua casa, o qual não supunha por si mesmo um crime imperdoável. Não ocultavam sua direção como a cova do Batman, não era necessário, pois não havia muitos intrusos no Valhalla. Quando sua respiração se cortou ante a vista da mansão, lembrou-se do porquê.

— É aqui onde vive? — Freou, incrédulo, reclinando os antebraços sobre o volante.

Ela tentou vê-la por si mesmo. A névoa cobria a propriedade, e os relâmpagos a iluminavam com um ritmo contínuo. Havia varas chamejantes em qualquer parte, mas não podiam vê-las todas, pois a fumaça ainda cobria os grandes carvalhos que se vislumbravam na distância. E as ninfas dos bosques, essas diminutas rameiras, supunham-se que se encarregavam da manutenção das árvores. Sim, Myst as ouviu queixar-se: “— Myst, havia uma orgia, — desculpando-se uma vez mais.”

— É infernal. — disse Wroth

Ela inclinou sua cabeça. Nos velhos tempos estavam acostumados a cravar uma espada na terra para assinalar um sepulcro, e ela sempre fantasiava que as estacas faziam com que este lugar parecesse um desses lugares de

enterro. Inclusive a esta distância, podiam escutar-se os chiados do interior. As Valquírias estavam acostumadas a gritar. E se Annika estivesse suficientemente zangada, podia ser como o estrondo formado pelos alarmes de todos os carros de três povos.

Bom em realidade, tudo isto resultava um pouco demente.

— É hora de alguém te afastar daqui, — disse enquanto se aproximava.

Ela franziu o sobrecenho.

— Esquece que pertenço a este lugar. Sou tão monstruosa como o que encontrará clandestinamente.

— Pode ser muitas coisas Bride. Mas não um monstro.

— Tem razão. Sou como o monstro que se esconde sob as camas dos meninos.

— Mas não tem estado na minha, que é aonde pertence.

— E terei que seguir brigando nesta nova vida, que sua enlouquecida mente planejou para nós?

Ele sacudiu a cabeça bruscamente como se tivesse caído terra em cima.

— Não. Sou consciente de que é muito mais forte do que aparenta. Sei que outros prefeririam morrer antes que arriscar-se a incorrer em sua cólera. Mas nunca permitirei que volte a pôr sua vida em perigo.

Ela bateu suas pestanas em um gesto de paquera e com um tom insinuante disse:

— Sou tão infelizmente valiosa para você?

— Sim. — respondeu sem mais, fazendo-a pôr os olhos em branco. Saiu do carro e o seguiu, mas ele tinha ido diretamente a lhe abrir a porta e a olhou como se estivesse louca por não esperar que a ajudasse.

Perfeito. Um cavalheiro guerreiro. Isso significava que ela poderia ter descoberto seu ponto fraco. À medida que se aproximavam, ele disse:

— Agarra minha mão.

— O vampiro grande está com medo de que a pequena Valquíria escape?

Ele se voltou para ela olhando-a com intensidade.

— Só queria segurar sua mão.

O que significava esse revôo em seu estômago? E por que não lhe importava que sua mão se deslizasse em outra grande e áspera que a envolvia completamente, fazendo-a se sentir segura? Desta maneira se dirigiram para um lado da caverna-mansão de trinta habitações.

A tensão era sentida no ambiente, estava preparado para fazer a translação em menos de um segundo, e ela quase estava arrependida por lhe haver levado até sua casa quando compreendeu que ele nunca tinha visto nada igual. Ele pertencia ao Lore e de certo modo, ainda era tão humano como havia sido anteriormente.

Quando pediu que lhe indicasse qual era a janela que dava a sua habitação lhe assinalando o lugar, ele pôde fazer a translação para o interior. Uma vez dentro observou minuciosamente todas as rendas e sedas que enchiam a habitação, estudando tudo com seus sagazes olhos. Ela era a moça do sabá com suas velas e lençóis de seda, sua habitação e um estilo de vida que gostaria qualquer ser humano.

Sua habitação estava junto à de Cara, a qual só continha uma espartana esteira para dormir, um antigo capacete com asas e uma corrente com as presas dos vampiros que guardava como troféus.

Cruzando a galeria, o quarto da pequena e tímida Emmaline. Embora fosse parte Valquíria, também tinha parte de vampiro. Fazia seu pequeno ninho no chão, sob a cama sem usar.

Podia-se argumentar que Emma tentava provar a todo mundo que nem todos os vampiros eram demônios e que o sabá podia conviver com um deles.

Mas Emma era a filha de uma Valquíria muito querida e se pensou que precisamente essa metade poderia dominar à outra. Se havia feito uma exceção com ela, mas Myst se perguntava freqüentemente, se era a única que notava como Emma retrocedia e tremia fazendo cintilar seus enormes olhos azuis com apreensão, cada vez que o sabá gritava e amaldiçoava contra as sanguessugas assassinas. Realmente era um assunto delicado quando se pensava nisso.

— O que é o que quer que recolha? — Perguntou Myst.

Arqueando uma sobancelha disse:

— Supõe-se que é uma perita nisso. Escolhe suas roupas como se fosse escapar com seu amante.

Zangada dirigiu suas mãos para as gavetas que continham seus conjuntos do Agent Provocateur, Strumpet e Pink e sua coleção do Jillian Sherry e todo o montão de coisas que tinha comprado durante a semana anterior.

— Isso depende de que amante.

Tirou um sutiã de couro vermelho e um robe com ursinhos completamente transparente e os mostrou.

— Ambos. — pigarreou com uma expressão doída. Estava ficando duro outra vez. O se deu conta de que ela sabia e seus olhos se voltaram mais escuros.

Assumindo uma pose enérgica ela cruzou para o armário e tirou uma mala de fim de semana. Mas em um momento, ele a segurou pela cintura afastando-a do armário para pegar uma mala muito maior, e jogando-a aos seus pés disse:

— Será melhor que a encha porque nunca voltará para esse lugar.

Ante suas palavras assentiu sarcasticamente. Reconhecendo, que em seu interior ela pensava em como equivocado estava, respirou esgotado. Se tivesse que lutar contra ela durante o resto de suas vidas, o faria.

Voltou para ajudá-la, mas cada gaveta de sua habitação estava cheia de cordões, laços, sutiãs e pequenas camisolas de seda que fizeram que seu sangue pulsasse com força. Tinha uma gaveta unicamente cheia de ligas. Levaria meses arrancar de seu corpo tudo isso com os dentes.

Franziu o cenho. As mulheres colocavam tudo isto para agradar seus amantes. Quantos teria tido? Ao imaginá-los deleitando-se com sua beleza, a corrente de ouro chocando cadenciosamente contra seu corpo enquanto estava com eles, afundou um poste de ferro de uma das esquinas de sua cama.

Agora o olhava astutamente, seus sentimentos eram transparentes.

— Nicolau, se não for capaz de controlar seu ciúme teremos que nos divorciar. — Dando ligeiros toques com os dedos em seu queixo acrescentou — Toma nota de que ficarei com a casa, os meninos e o cão de guarda. Pode conservar sua coleção de camisetas com mensagens publicitárias.

Olhou-a com o cenho franzido, antes de dar a volta para observar com mais atenção seus pertences. A coleção de filmes era enorme, a maioria não lhe eram familiares, pois estava acostumado a ocupar seu tempo livre fazendo outras coisas em vez de ver filmes.

— Quais são seus preferidos?

Ela odiava claramente ter que lhe responder e lutava contra isso todas às vezes.

— Eu gosto dos de terror e romances.

— É uma combinação muito diferente.

Ela o olhou:

— É curioso mas eu estava acostumada a pensar o mesmo.

Ignorou o comentário e jogou uns poucos DVDs na bolsa.

Sobre a mesa, com a parte interna do antebraço recolheu dúzias de vidros de esmalte de unhas os jogando na bolsa. Seu olhar o desafiou a fazer

qualquer comentário. Mas o tema do esmalte de unhas estava completamente fora de sua compreensão e tão somente se encolheu de ombros.

Entrou no banheiro revisando as cestas e gavetas.

— Não há remédios, nem essas coisas que as mulheres necessitam...

— Nunca me ponho doente, nem me afetam essas questões fisiológicas. Exatamente como você, vampiro.

— Nenhuma delas? — perguntou-se se podia ficar grávida. Possivelmente depois de tudo não teria que ser tão cuidadoso como tinha pensado.

— Nenhuma. Poderia me obrigar a me deitar contigo durante todo um mês sem parar.

— E por que iria te obrigar, quando apenas posso manter afastadas suas mãos e sua boca de meu corpo?

— Wroth, querido — ronronou sorrindo muito docemente—, não posso esperar a próxima vez para pôr minha boca sobre você. — Nesse momento o sorriso desapareceu encaixando uma careta em seus dentes e atirando de sua cabeça para baixo como se fosse comer algo mastigando-o.

Nem sequer teve tempo de abaixar-se porque então ela estava roçando-se contra sua camisa. Ante a vista do corpo nu, seu membro se disparou duro como o aço. Era a sensualidade que ela destilava, ao colocar lentamente a roupa íntima sobre suas pernas, atando-a com um só laço para logo enfiar-se em uma saia. Mal reprimiu o impulso entristecedor de tomá-la pelos quadris e alimentar-se dela, gritos irromperam da planta inferior.

No limite de seu controle se encaminhou para onde provinham os gritos, fora da habitação encontrando dez ou mais Valquírias no piso de baixo. Algumas estavam no sofá em frente ao televisor com vasilhas de pipocas sem comer. Alguém se levantou de repente e começou a lutar com o que parecia um fantasma ou uma aparição. Quando o casal passou na frente do televisor, as outras começaram a chiar e lhes lançaram as pipocas.

Então uma pequena Valquíria entrou airadamente pela porta. Estava coberta de sangue.

— Cara! — Gritaram ao recebê-la, sem surpreender-se absolutamente por seu aspecto.

— Em que confusão se meteu esta noite? — Perguntou uma desde sua posição elevada sobre a mesa.

Cara embainhou sua espada atrás de suas costas.

— Meu humano me levou sem dar-se conta a um bar de demônios. A uma diablesa ocorreu pôr ciúmes em seu amante nos utilizando de isca, —sacudiu sua cabeça. — Não me deixou outra alternativa que evitar que o demônio rasgasse o pescoço do Michael com seus dentes.

— Como o fez?

Sem nem sequer pestanejar, disse:

— Rasguei o pescoço do demônio com os meus.

Quando todas riram, Wroth levantou uma sobrancelha, jurou que Myst nunca voltaria a ver essas maliciosas criaturas de novo. Jamais. Sem essa influência ela seria amável e gentil.

Ela estaria tão segura, como que o inferno não podia piorar.

—Myst ou Daniela retornaram? — Perguntou Cara.

—Não. Para Myst é algo habitual.

— Por que costuma sair por aí com homens?

— Assim é, mas não Daniela. Ela nunca se move da vizinhança.

— Bom, há alguns assuntos que poderiam mantê-la ocupada. Acabo de ver Ivo o Cruel pela vizinhança.

Quando voltaram a rir de novo, ela disse:

— Deveriam saber que por agora não brinco com os vampiros salvo que estejam mortos.

Todas se acalmaram e alguém perguntou:

— Voltou por Myst? Alguém deveria adverti-la.

Wroth voltou rapidamente para a habitação. Mas Myst se foi.

Moveu-se para a janela aberta e mais abaixo para o final do limite do campo a viu ao longe correndo a toda velocidade. Gritou para que se detivesse mas de algum modo não deixou de correr.

Ela era muito rápida e tinha tomado muita vantagem percorrendo várias milhas graças a sua velocidade sobrenatural. Mas ele se teletransportou, lançando-se com ímpeto para seu tornozelo conseguindo apanhá-la. Usava fones no ouvido. Enfurecido os arrancou escutando a música que saía deles e arrojou o aparelho para o bosque.

Quase tinha conseguido escapar dele antes que a reclamasse. Suas idéias os tinham afastado. Uma sombra caiu sobre ela e ele a cravou contra o chão, subiu-lhe a saia rasgando a seda de entre suas pernas, deleitando-se com isso. Finalmente tomaria.

Desconcertado, compreendeu que ela ainda se esforçava em lutar com ele. As palavras que lhe havia dito ressonaram em seu interior.

— Você deseja, Wroth? Pois vem pegar.

Ele sempre lutaria com ela, sempre. Mas teria que fazê-lo pelo direito a seu corpo?

— Então é minha.

Capítulo 8

Estava a ponto de ser apanhada em um pesadelo.

Quando afundou os dedos em sua pele, arrastando-a sob ele, golpeou-lhe na testa com a sua. Ele rugiu de cólera, até que ela se retorceu a um lado e dirigiu o cotovelo para sua garganta. Enquanto lutava por respirar, tomou vantagem afastando-se dele o suficiente para lhe chutar o peito, empurrando-o cambaleante.

Por que uma cotovelada direta à garganta não tinha quebrado o pescoço? Tinha-o feito antes com outros vampiros. Por que duvidava quando a ação significava lhe fazer dano? Não o voltaria a fazer, pensou enquanto saltava sobre ele, lhe sacudindo a cara com o punho tão rapidamente que pareceu um borrão. Partiu-lhe o lábio. Outros dois golpes em sucessão rápida. Pensou que lhe tinha quebrado o maço do rosto.

— Agora já não terei piedade, — disse ele entre dentes, os olhos obscurecidos, a voz profunda ressonando quase irreconhecível. Agarrou-lhe o punho quando ela golpeou de novo e apertou. Com a outra mão lhe arranhou sob a camisa, no pescoço, vaiando com fúria. Um relâmpago descendeu repentinamente. De algum modo conseguiu apanhar o punho que tinha livre e girou sobre ela, lhe sujeitando ambas as mãos sobre a cabeça.

Justo quando se esticava para lhe chutar diretamente entre as pernas e lhe lançar voando para diante, ele gemeu com desespero, lhe afundando profundamente os dentes no pescoço. Ela se estremeceu e gritou, seu corpo debilitando-se baixo o dele. Seus olhos se aumentaram pela comoção enquanto olhava os raios que brilhavam por cima dela. Não lhe produzia dor.

Sua dentada a fazia entrar em êxtase.

Ele a mordeu uma e outra vez descendendo pelo pescoço. Cada mordida, cada vez que suas presas penetravam em sua pele a sensação era similar ao

impulso de um homem em seu interior. Cada vez que os caninos abandonavam sua pele era como uma retirada lenta e controlada. O prazer a aturdiu. Era uma agonia deliciosa.

Nunca tinha sido derrotada em uma luta corpo a corpo, nenhum homem tinha sido o suficientemente forte. E Myst sentia em seu interior a profunda necessidade animal de um homem poderoso como este que a pudesse agradar, fascinar e vencer. Sua mente se rebelou, lhe recordando o que ele era. Tinha matado aos três últimos que a tinham feito sangrar e desejar. Por que não a ele? Tinha planejado torturá-la nessa masmorra horrível, pensava dominá-la com a corrente.

Mas sua mordida... Fez que seu corpo exigisse, umedecesse-se, sentisse-se vazia sem ele impulsionando-se apertadamente em seu interior.

Por favor, seja o suficientemente forte... por favor... Poderia um homem tomar o controle por uma vez na vida? Finalmente, desta maneira, ela poderia perder a posição dominante.

Quando lhe sujeitou as bonecas com mão firme, arqueou as costas com prazer. Com a outra mão lhe rasgou a camisa e o prendedor despindo seus peitos. Acariciou-os, e então se desabotoou os jeans liberando sua virilidade. Entre ambos se elevou uma enorme ereção com seu pesado saco debaixo.

Seus olhos se aumentaram e lutou de novo fincando os talões no chão para escapulir-se. Muito grande para ela. “Domá-la lentamente...” Isso era o que havia dito.

Aplaudiu a parte superior de suas coxas, lhe elevando a pélvis. Com as mãos soltas, ela se incorporou e lutou com ferocidade contra ele, arranhando, mordendo e golpeando, mas foi inútil. Ainda apertando as coxas utilizou os polegares para abrir seu sexo, então a dirigiu para seu membro. Gritando brutalmente, enquanto ela chiava de dor, enterrou seu grosso pênis em seu corpo até que o teve em seu interior pulsando profundamente.

Tinha-o feito. Sempre se tinha murmurado que Myst desejaria ao primeiro homem que pudesse derrotá-la.

Acertaram. Desafiou-o e ele foi melhor. Pensou que merecia reclamar o prêmio sem ter em conta as consequências.

Ele se deteve, inclinou a cabeça para ela e deslizou a língua sobre seu mamilo para acalmá-la. Como se em algum lugar de sua enlouquecida mente, desejasse lhe agradar.

Um comprido momento dedicou sua atenção ao outro mamilo, logo lambeu de novo seu pescoço. De algum modo a dentada converteu a dor em prazer, aumentando a umidade de seu sexo e ajudando a seu corpo a aceitar a invasão. Ela se livrou dos restos da camisa aberta para poder acariciar o amplo peito e isso também ajudou.

Enquanto se retirava lentamente, gemeu.

—Tão úmida.

Mas quando empurrou de novo, ela vaiou em busca de fôlego, os olhos chorosos.

—Wroth, realmente dói — sussurrou.

—Não posso parar — espetou. O pescoço e o peito lhe brilhavam com o suor, os músculos estavam rígidos pelo esforço que realizava.

— Disse que não sentiria dor.

— Ah! Myst, não dói. — Sua voz era desigual — Não quero que sinta dor. — Imediatamente, a dor se aplacou transformando-se em uma sensação de plenitude.

Quando bebeu dela, retirou os quadris e depois tentou empurrar, ela gritou de novo. Ele se esticou.

— Não, Wroth... Está bem!... Siga, não pare.

Ele continuou. Cronometrou cada extração de sangue com o meneio dos quadris, e ela soube que se submeteu, que se tinha abandonado ao movimento, arqueou as costas, os braços sujeitos sobre a cabeça. O relâmpago provocou um vento que se precipitou sobre seu corpo acalorado, sobre seus mamilos eretos.

Ele elevou o peito, ajoelhando-se. Ela choramingou quando pensou que se retiraria, mas a arrastou consigo até que a sentou escarranchado sobre ele. Separou os joelhos para poder empurrar dentro dela. Seu membro estava aumentado muito para poder mover-se em seu interior, já golpeava a base de seu útero assim ele não poderia tomar até o final.

Seu corpo era enorme a seu redor, fazendo-a se sentir vulnerável. Como se lesse seus pensamentos enlaçou os braços estreitamente ao redor dela, sujeitando-a pelos flancos. Apanhou-a mantendo-a em seu lugar enquanto, de baixo, introduzia-se em seu corpo.

Relaxou todos os músculos do corpo... por que não? Esta era uma posição que nunca se permitiu, era impossível brigar embora quisesse. Sabia que ele não a deixaria partir nem cair. Relaxou-se entre os braços que a estreitavam, seus seios nus pressionados contra seu peito cheio de cicatrizes.

Manteve-a imóvel enquanto a tomava como se fosse um pistão. Ela jogou a cabeça para trás e aturdida olhou ao céu com prazer, vendo seu próprio resplendor golpeando a terra.

Tão perto do êxtase que se intensificava transbordando-se.

— Myst — grunhiu ele, liberando seu pescoço.

Acreditou que lhe ordenaria correr-se, estreitou-a ainda mais em seus braços e ela pensou que ao ameaçá-la ele suspeitava que lhe fosse desobedecer, mas não o fez.

— Milaya, te quero tanto.

Milaya, o antigo apelativo carinhoso dito com seu acento, enviou-a ao limite. Gritou com um estalo de prazer, esgotada. Mas só foi para que o prazer crescesse quando ele, impaciente, impulsionou-a de cima para baixo em seu membro enquanto se esticava para ejacular.

Gemeu, grunhiu, deu-lhe outra dentada que a fez estremecer com um segundo orgasmo. Então ele jogou a cabeça para trás, o pescoço e o peito modelados com tensos músculos, bramando pelo esforço. Notou-o em seu interior de forma evidente, abrasador, parecia não ter fim ao bombear uma e outra vez dentro dela. Ela teve orgasmo após orgasmo, seu corpo tremente ao redor de seu grosso pênis.

Os estremecimentos dela continuaram. Os braços dele se afrouxaram embora não o desejasse. Não queria que este momento terminasse.

Quando suas respirações se tranquilizaram, separou-se dela para lhe olhar o rosto. Seus olhos se esclareceram.

— Não quis te machucar, — disse com voz áspera — Eu não... seu pescoço — disse comovido, olhando-a fixamente.

Ela esfregou as gemas de seus dedos sobre as marcas que lhe tinha feito.

— Não dói. Inclusive antes que você... nós... oh, fizemos. — Não eram nada e no dia seguinte estariam curadas.

— É verdade que não fez isto antes?

— Nunca.

— Foi sua primeira dentada?

Não sabia por que isso a agradava. Confundia-a o por que não se afastava dele com desgosto. Simplesmente estava afligida com todo o ocorrido. E se sentia... suave para ele. Sim, Myst sempre tinha sido a menina do sabá, mas nunca em sua larga, larga vida se sentiu realmente feminina até que este macho a tinha espremido entre seus braços e tinha tomado o comando. Em toda sua existência nunca tinha experiente tanto prazer.

— Nunca me alimentei com sangue porque sabia o que podia passar. — Descansou a testa contra a dela. — Myst, por isso meus olhos ficarão vermelhos. Me transformarei.

Estava tão horrorizado, que as palavras lhe escaparam.

— Só quando matar ao beber sangue fresca seus olhos se tornarão vermelhos. Os únicos aos que mudam os olhos são aqueles que sugam até a medula das vítimas, chupando o fundo de sua alma. Absorvem todo o mau, toda a loucura, todo o pecado.

A mandíbula lhe afrouxou.

— Por isso os vampiros puro-sangue ficam loucos?

Ela negou com a cabeça.

— É mais que isso. Ficam viciados no assassinato, o que significa que nunca podem beber da mesma fonte. Depois de matar durante muitos anos às pessoas, as diferentes lembranças das vítimas vão somando.

Ele cavou a mão na parte posterior de sua cabeça.

— Cada pôr-do-sol examinava meus olhos, não estava seguro se seu sangue me transformaria. Não sabia se meus irmãos teriam que me matar.

O tom não era de recriminação, mas infernos, ela poderia sentir-se mais culpada? Ele estava ainda em seu interior, dentro de seu corpo que retumbava como nem sequer sabia que podia fazê-lo... e o tinha torturado.

— Wroth, você é um vampiro. Pode ser que outros não estejam de acordo, mas acredito firmemente que você tinha a intenção de se alimentar. Para conectar, para viver. Mas nunca pensou matar desse modo. E para que as lembranças se acumulem é necessário assassinar diariamente durante décadas.

— Não me transformarei. O que me importa é me alimentar. — disse aturdido. Seus lábios se curvaram, ainda sustentando-a com um braço lhe acariciou o cabelo. Nunca a deixaria partir. Ela tremeu... “ele é melhor que eu”.

— E você encontrou prazer nisso.

Não era uma pergunta, mas respondeu.

— O único que te salvou de uma forte patada entre as pernas foi a dentada. — Quando ele sorriu abertamente, ela acrescentou brandamente—. Foi um grande prazer.

Grunhiu com aprovação e, ainda semi-ereto, empurrou uma vez mais dentro dela. Para sua surpresa, ela gemeu, o desejo de novo avivado.

— Penetrei-te muito? —perguntou. Ainda de joelhos, deitou-a até que esteve em posição horizontal, segura entre seus braços, uma mão lhe agarrando a cabeça, a outra lhe sujeitando os ombros por debaixo enquanto a movia ao longo de seu eixo com um impulso comprido e forte.

Moveu os olhos sob suas pálpebras, e respondeu sem pensar.

— Aqui a imortal. Lembra-te?

De repente se deteve, atraiu-a de volta a seu peito, seus braços, de novo protetores, ao redor.

— Ouvi algo.

— Não é nada. — Frustrada, chutou-lhe o traseiro com os talões, balançando-se sobre ele. Reprimiu um gemido mas não empurrou. Quando ela abriu os olhos, tropeçou com seu olhar furioso e reparou em... a ponta de uma espada sob seu queixo.

Regin pressionava o suficientemente forte para derramar um filete de sangue. A seu lado estava Luzia preparada com uma flecha.

— Não — gritou Myst com voz rouca — Não faça isso.

Regin a olhava incrédula. Regin, cuja raça tinha sido destruída por vampiros... e quem, em segredo, tinha aprendido a contar pelas marcas de dentadas de sua mãe.

— Esta coisa acaba de te violentar...

— Regin, seguimos o relâmpago até este lugar. — interrompeu Lucia— Independentemente do que ele fizesse, ela o permitiu.

Não se podia imaginar como se estivesse em um campo de batalha. Teriam lutado sem piedade. Estariam machucados, ensangüentados, as roupas feito farrapos.

Por que ele não a tinha afastado? Por que não a tinha tirado do meio e atacado a Regin? Imediatamente suspeitou a resposta, queria que a vissem assim. Sua relação não podia ficar mais clara. Afastou-se dele, mas seus braços se esticaram a seu redor para impedir-lhe.

— Por favor, Wroth —lhe sussurrou ao ouvido—, me deixe enfrentá-las. Finalmente a soltou.

Myst não queria que suas irmãs vissem Wroth excitado, enorme e magnífico. Ciumenta, estendeu a saia sobre ambos enquanto ela se separava, então puxou para baixo a aba da camisa. Pensou de forma irracional que ele era dela. Tinha sido avarenta toda sua vida mas nunca com homens. Agora queria possuir.

Myst tropeçou e Wroth alargou a mão para sujeitá-la, mas Regin elevou a espada contra ele, lhe cravando várias polegadas em seu peito. Ele não se defendeu, apenas sentiu a espetada, tinha-lhe prometido não fazer mal a sua família.

Estava eufórico. Ali estava sua Noiva, elevando o queixo enquanto fechava a camisa. Reivindicando. Reprimiu um sorriso diabólico. Tinha testemunhas. Nunca poderia voltar atrás. Ela era dele.

Seu coração pulsou desbocado, o sangue se precipitou em suas veias, por ela... e também por seu delicioso sangue. Tinha desfrutado com sua dentada, os relâmpagos tinham atravessado o céu cada vez que alcançou um orgasmo... foi testemunha de seu prazer. Cada vez que se alimentou lhe provocou raios, sem temer transformar-se, sem temer a lhe fazer dano. Acabou-se isso de examinar seus olhos a cada pôr-do-sol.

Podiam manter um ao outro. Jamais tinha conhecido uma satisfação maior.

Só lhe faltava conseguir que a bruxa de sua irmã deixasse de lhe ameaçar.

— Acaba de ter relações sexuais com um vampiro. — disse Luzia — Myst, onde deixou sua inteligência? Sabe as repercussões. Será rechaçada pelo Lore, perderá sua confiança.

Regin acrescentou em um tom letal.

— Quando as Fúrias se levantarem...

Independentemente do que essa declaração significasse, fez que as sobancelhas do Myst se franzissem de repente. Parecia comovida, a chegada de suas irmãs foi como um cubo de água fria que despertou de um sonho. Ele precisava levá-la para casa, afastá-la delas.

De repente Regin ofegou e olhou ao Myst horrorizada.

— Oh, querida! — sussurrou — Onde está sua corrente?

— Rápido — Wroth fez um ruído seco enquanto a alcançava—, agarra minha mão.

Myst obedeceu, inclinando-se para diante para agarrá-lo. Transportou-os justo no momento em que Regin saltava para sujeitar ao Myst pelas pernas e uma flecha assobiava para ele, ao desaparecer lhe golpeou no ombro mas não o atravessou.

De volta ao Blachmount, depositou Myst na beira da cama.

— Fique aqui — ordenou, em seguida voltou com a maldita bolsa com a que chegou ao princípio. Justamente quando chegava à habitação, Regin e Luzia subiam as escadas correndo.

— Lhe devolva a corrente, sanguessuga!

— Reclamei-a. Agora é minha esposa — disse simplesmente. Como se lhe ocorresse nesse momento se elevou com uma facilidade que nunca tinha tido, cobrindo a distância.

De volta a casa lançou as coisas a um lado e a sujeitou pelos ombros.

— Descansa, milaya. Tome um banho quente e relaxe até que eu volte.

Ela não respondeu. Não queria abandoná-la insegura por ter sido transportada e tremente pelos sucessos da noite, mas tinha que notificar ao Kristoff que Ivo estava no Novo Mundo. Deviam lhe caçar e lhe destruir.

Olhando para baixo, a sua Noiva, Wroth se perguntou como era possível que Ivo não estivesse procurando-a.

Apartou-lhe o cabelo do rosto, querendo procurar seus olhos.

— Sinta-se como em sua casa. Suas roupas estão aqui. Agora este é seu lar.

Quando ela assentiu distraidamente, as pupilas dilatadas, os olhos duros, soube que não podia deixá-la nessas condições. A faria reagir com um banho temperado e depois a deixaria na cama.

Abriu a água, despiu-a e a introduziu na banheira. Ela se sentou silenciosa enquanto lhe limpava a sujeira e os restos de erva, sustentou um pano em seu pescoço, nas marcas das dentadas que danificavam sua pele de alabastro.

De repente, voltou-se para ele e colocou as mãos em seu rosto.

— Wroth, jurou que nunca faria mal a minha família?

— Sim. Reitero-o.

— Acredito. Esta noite pôde rastrear e atacar a Regin e a Luzia e não o fez. Mas, por favor, se te apropriar de mais memórias esta noite, não mostre nossa debilidade a outros. Não permita que outros lhes façam mal.

Para quem era sua lealdade? Para seu rei ou para ela? Ela era sua Noiva, e enquanto a olhava aos olhos, deu-se conta que isso significava que era sua família. Para o Wroth a família sempre foi o principal, e nada tinha mudado à exceção de que agora tinha incluído ela.

— Se me inteirar por outras facções informarei. Mas nunca o farei sobre sua gente.

Atraiu-lhe para si e lhe beijou brandamente com lábios trêmulos.

— Obrigado — murmurou contra ele, sorrindo-lhe tremulamente. Isto provocou que seu coração transformado sentisse coisas que nunca havia sentido, que ele recordasse, quando era um ser humano.

Seus ombros se esticaram quando ouviu vozes que provinham de baixo.

Intrusos em sua casa. As presas se afiaram. Que alguém se atrevesse a entrar na casa quando tinha a sua Noiva nela...

— Myst, termina. Vai para o quarto e me espere. Se alguém, à exceção de mim, entrar, corre o mais rápido que puder e escape.

Transportou-se escada abaixo, sentindo os músculos tensos, gana de matar com as mãos. Tinha força pelo sangue imortal tomado diretamente dela, tão poderoso como sempre se imaginou, e o utilizaria para protegê-la. Suas presas estavam afiadas como lâminas...

— Wroth, compadeço-me daquele que queira fazer mal a sua Noiva, — cantarolou Kristoff sentado na larga mesa da sala de jantar principal. Murdoch e um casal de anciões se achavam com ele, as sobranceiras de todos se elevaram ante sua presença.

Enquanto lutava por recuperar o controle, imaginou como o estavam vendo. A roupa estava imunda, a camisa rasgada e furada e, que Deus lhe ajudasse, o saboroso sangue do Myst lhe sujava a pele e as roupas.

Também estava quase seguro de que ela tinha conseguido lhe encaixar alguns golpes na cara.

— Eu não gosto de recebê-lo nestas condições. Irei me lavar e trocar...

— Não, sabemos que está impaciente para estar com ela o que resta da noite, — Kristoff parecia orgulhoso. — Felicidades, Wroth. Reclamou apaixonadamente a sua Noiva. — Estudou-o. — Foi recente. Embora pareça como se ela não consentisse.

Wroth permaneceu incômodo, recordando que lhe tinha chutado, como se esporeasse a um cavalo, quando tinha parado.

— Eu gostaria de conhecê-la.

— Está descansando.

— Suponho que deve estar cansada. De fato, perguntávamos se não o estaria. — ouviram-se um par de risadas dissimuladas. Wroth lhes lançou um olhar e eles se calaram. — E você, bebeu seu sangue esta noite?

Os olhos se estreitaram. Como tinha podido pensar que Kristoff não se daria conta?

— Bebeu seu sangue enquanto fodia?

Não podia fazer nada salvo admitir o crime mais atroz entre a ordem. Ergueu os ombros.

— Sim. — disse.

— Tire a camisa.

Murdoch captou o olhar, preparando-se para lutar, mas Kristoff lhe indicou que se acalmasse.

— Sente-se, Murdoch, ninguém vai morrer esta noite.

Talvez Kristoff só fosse arrancar a pele das costas. Wroth se tirou a camisa, esperançado. Pela primeira vez em sua vida, tinha uma esposa lhe esperando e por uma vez lhe importava se vivia ou morria.

— Tombe na mesa.

Carrancudo, o fez. Os olhos do ancião se aumentaram, as brancas mãos sobre a mesa. Kristoff farejou o sangue de Myst, e os outros também o cheiraram.

— Como foi, Wroth? — perguntou Murdoch com voz rouca.

Wroth não respondeu. Kristoff elevou uma sobrancelha lhe dando uma ordem silenciosa.

Depois de um momento, Wroth chiou os dentes.

— Não há nenhuma descrição suficientemente precisa.

— E como se sentiu ela com a dentada? — perguntou Kristoff.

Não queria que soubessem como reagiu ela, como tinha gozado com uma intensidade que lhe deixou assombrado.

O olhar do Kristoff era impassível.

— Resiste a responder ante seu rei depois de confessar que cometeu o crime mais degradante entre nós?

Era sua Noiva de que estavam falando. Quis mentir, dizer que não estava seguro, que não sabia, mas não podia. Responder à pergunta não era romper o juramento que tinha feito a ela, e se Kristoff ordenasse que lhe matassem, não poderia proteger a Myst do Ivo. Embora lhe incomodasse, respondeu.

— Encontrou um grande prazer. — resmungou aborrecido entre dentes.

Kristoff pareceu agradado. Ou até mesmo aliviado.

— Acreditam que devo perdoar ao Wroth a transgressão? Algum de nós teria podido resistir a tentação da chamada quando esta provém de nossa Noiva e seu delicioso sangue?

Wroth dissimulou seu assombro. O normal teria sido que Kristoff lhe encadeasse em um campo aberto para que o sol o queimasse até que se convertesse em cinzas.

— Continua como até agora, mas se seus olhos se transformam lhe destruiremos. — Mantinha o olhar fixo na camisa destroçada marcada pelo sangue da Valquíria.

— Esta noite vim ao Oblak para te dizer que Ivo foi visto em Nova Orleans. Está procurando a alguém... e suspeito que poderia ser Myst. Eu preciso... — disse Wroth uma vez se recuperou da surpresa.

— Nos encarregaremos de tudo. — interrompeu Murdoch com dureza— Pelo amor de Deus! Permanece aqui e... desfruta... de tudo.

— Averigua tudo o que possa dela. — Kristoff lhe olhou com perspicácia enquanto se levantava para ir-se. — E já nos contará se as lembranças seguem ao sangue.

Assentiu direta e rapidamente. Enquanto Wroth deixava a habitação, aturdido pelo acontecido, escutou o que Kristoff perguntava.

— Quem se oferece voluntário para acompanhar Murdoch a Nova Orleans onde se encontra esse sabá do Valquíria?

Wroth ouviu arrastar as cadeiras quando ficaram em pé.

Como um gato que lambe suas feridas, Myst recordava a briga sentada no banheiro.

Desde que o golpeou, perguntava-se se poderia ter ganho, se realmente poderia ser a melhor. Mas então flexionou os dedos do punho que ele tinha pego. Estavam doloridos, mas não quebrados. Ele também se conteve.

Suspirou, incapaz de suportar a afronta que deveria sentir em seu interior ou preocupar-se com a ameaça que poderia vir do piso inferior. Wroth se encarregaria de tudo. Era forte. Encolheu-se de ombros, seu pensamento voltou facilmente para os fatos transcorridos durante a noite. Agora suas irmãs sabiam que a corrente tinha desaparecido e que um vampiro a tinha reclamado.

O que não podiam saber é quanto tinha gostado. A dentada a virou do avesso, até os dedos de seus pés se flexionaram. Inclusive agora, ao pensar nisso, tremia porque sabia que não era correto que suspirasse por isso. Seria impraticável, mas desejava que a penetrasse uma e outra vez.

Além disso, Wroth tinha feito amor como ninguém. Embora ela atuasse como se tivesse tido um montão de amantes, só tinha tido um par de companheiros formais. Tinha ficado com um bruxo durante séculos, mas isso fazia muito tempo, porque necessitavam meio ano para ficar e finalmente seus caminhos se separaram de forma amistosa. Também tinha dormido com outros dois, com ambos durante muito tempo. Tinham sido divertidos e agradáveis. Mas ela tinha visto e conhecia muito, sabia que Wroth meneava e usava seu corpo de um modo divino. E, além disso, acreditava que só podia melhorar. Tremeu de novo, não podia imaginar como era possível sentir mais prazer sem morrer. Então, havia uma boa razão...

Tinha-a libertado da corrente quando nenhum outro pôde.

Este era o meio que ele tinha utilizado para conservá-la? Para dominá-la? Queria possuí-la, submetê-la como se domina a um gênio em sua garrafa? Sempre lhe tinha dado pena a situação dos gênios, inclusive uma vez, salvou a um jovem de enlouquecer. Em lugar de lhe agradecer o pirralho a assaltou.

“— A cada qual o seu, puta dos relâmpagos! — gritou-lhe.”

Depois de secar-se, Myst vestiu uma camisola verde esmeralda muito singela que não animava a jogos sexuais. Tombou-se na cama, dando-se conta de que estava muito relaxada. Era estranho, mas se sentia como em casa nessa mansão fria e vazia.

Meia hora mais tarde ele retornou e tomou banho. Haveria alguma ameaça? Provavelmente seu irmão, que se tinha apresentado bem a tempo para

ver o Wroth como se tivesse lutado por sua vida. Teria que havê-la visto quando não brigou.

Quando Wroth se juntou a ela, perguntou-se fariam amor outra vez. O tempo que haviam dedicado a isso só tinha servido de pré-aquecimento, acendendo-a como nunca antes tinha ocorrido. Estava dolorida, mas se lhe exigia voltar a fazê-lo de novo... entretanto só lhe sujeitou entre seus braços para que descansasse sobre seu peito. Deu-se conta que estava excitado, mas não tentou nada.

Ao final, elevou-lhe o queixo com um dedo levantando seu rosto para ele. Apartou-lhe os cabelos para ver as marcas das dentadas. Deixou cair o cabelo, suas palavras retumbaram enquanto dirigia seu olhar ao teto.

— Lamento haver te feito mal. O número de dentadas, o pouco cuidado que tive...

Entendeu o que queria dizer, lamentava não ter dedicado o tempo necessário para preparar seu corpo e facilitar sua primeira invasão. Quando pensou em como ele teria aprendido a fazer amor ou em quão hábil era, sentiu uma chama abrasadora de... ciúmes, tão forte, que a golpeou. Ciumenta? Quando alguma vez poderia querer a outra a não ser ela pelo resto da vida?

— Não posso acreditar que perdesse o controle assim. Não costumo me apaixonar. Não estou familiarizado com o fato de ser um marido. Mas te prometo que a partir de agora as coisas serão diferentes, serei mais amável.

Desde que haviam voltado, esta declaração foi a primeira coisa que ameaçou seu ânimo imperturbável. Ela não queria que o sexo entre eles fosse distinto. O sexo. Grande Freya, pensava retê-lo a seu lado? Se acostumaria a seu tamanho, e depois lhe pediria que fosse algo menos amável. Não podia ter encontrado um parceiro melhor na cama e estaria louca se lhe deixasse que contivesse toda essa maravilhosa força.

Fisicamente era tudo o que sempre tinha sonhado. Só as cicatrizes... reprimiu um gemido mas suas garras se curvaram. Era um guerreiro, com uma mentalidade de guerreiro, o qual admirava. Nenhum de seus amantes tinha sido guerreiro. Não, tinham sido um bruxo, um sultão imortal e um arquiteto. Possivelmente por isso se sentia tão atraída por Wroth.

Ela e Wroth eram almas gêmeas.

— Fale comigo. — ordenou ele, para corrigir-se rapidamente. — Não vai falar comigo?

— Quero minha corrente de volta. Quero poder escolher. — Se ele a desse, poderia ficar. Suas irmãs já a tinham visto agarrada com um vampiro e, durante algum tempo, ela também poderia desfrutar de do prazer.

Aproximou-se de seu lado, apertando-a contra ele. Descansavam olhando-se aos olhos. A aurora estava próxima e ela não queria que isto terminasse sob nenhuma circunstância. Acariciou-lhe o ombro. A palma era toska pelas privações e o punho da espada, e lhe agradou a sensação.

— Não posso te perder. O mero pensamento me faz enlouquecer. Nem sequer posso imaginar que me deixe. — Afastou-lhe a mão.

— Tão seguro estás?

— Sim. Estou. — disse com voz áspera. O tom não era de culpa, era como se estivesse explicando algo que lamentava, mas que era inevitável.

Não o negou, porque ele provavelmente estava no certo. Chamava-se seu marido, mas não o reconhecia como tal. Não o reconhecia como aquele a cujos braços sempre correria para que a estreitassem. Poderia ficar por um tempo, mas no final se iria.

Capítulo 9

A dura luz do dia. Ou noite, refletiu Myst. Dura luz do despertar estava sobre ela.

Em lugar da vergonha e do desgosto que deveria sentir, era tratada por grandes e cálidas mãos massageando suas costas até convertê-la em um montão desossado de felicidade. Gemeu, sua mente fracamente registrou que os amantes vampiros poderiam ser imensamente mal compreendidos. Possivelmente desfrutava de um estado de adaptação antecipada.

— Tenho que ir reunir-me com meu irmão por um par de horas, poderia permanecer aqui.

— Uh...hum — resmungou

— Não vá.

O quê? Não ia a nenhuma parte, estava muito relaxada e em casa.

Ele se inclinou para murmurar em seu ouvido.

— Peguei a roupa. Vestiria para mim, milaya? — E logo desapareceu.

Estranhamente frouxa, tomou outra hora antes de que finalmente se levantasse. Levantou uma sobancelha ante o conjunto que ele tinha separado para ela, um consistente e acetinado sutiã bordado de encaixe transparente que só cobria seus mamilos, ligas intrincadas, meias de rede e tanga todo em negro. Tremeu. O General Wroth tinha uma veia retorcida.

Queria vesti-la para si mesmo. E ela não tinha problema algum com isso. Estava agradada, finalmente alguém poderia desfrutar de suas fabulosas sedas e lingerie. Havia uma enorme diferença, que lhe tivesse perguntado em lugar de ordenar-lhe. Mas assim que entrou no banho refletiu que ainda se encontrava em uma posição onde dependia dele continuar mostrando a mesma consideração. O que era intolerável para uma criatura como ela.

Ainda esperava que suas irmãs tivessem chegado já, Nix freqüentemente podia encontrá-la, mas soube que se elas ainda não tinham chegado, teria que ganhar sua liberdade com suas próprias ferramentas e talentos. Ele havia dito que devolveria a corrente quando tivesse a confiança de que nunca o deixaria. Quão difícil poderia ser atuar como se pensasse em ficar para sempre?

Secou-se, com a cabeça lhe dando voltas ante a lingerie. Por que não usar a sedução, para lhe fazer acreditar que o desejava acima de tudo para sempre? Jogar amor e atuar como se se rendesse. Quando deslizou as médias sobre suas pernas, perguntou-se se a traição alguma vez tinha sido tão deliciosa.

Começou a tremer quando se colocou o sutiã e o material do top se deslizou sobre seus duros mamilos tão docemente. Já estava molhada de antecipação.

Depois de vestir-se, voltou para a cama. Fantasiando a respeito do tê-lo dentro enquanto suas grandes mãos lhe trabalhavam o corpo. Beberia dela? Imaginou ele montando-a por trás, a longitude de seu corpo estirado sobre ela enquanto tirava de seu pescoço também.

Seus dedos encontraram o caminho sob seu ventre e dentro de suas calcinhas. Supunha-se que ele chegaria logo mas em realidade não lhe importava se a surpreendia. Já tinha feito isto para seu próprio prazer. E o que faria se a encontrasse fazendo-o e não gostasse? Romperia com ela?

Um golpe sobre seus clitorís fez que arqueasse seu traseiro. Alguma vez tinha estado tão molhada? Não, não até encontrar-se esperando impacientemente na guarida de um vampiro vestida em ajustado cetim negro para seduzir a um senhor da guerra.

Fechou os olhos e deixou cair as pernas quando deslizou seu dedo mais abaixo. Quando abriu os olhos com as pálpebras meio levantadas, encontrou ao Wroth olhando-a fixamente do pé da cama.

— Não pôde esperar? — Sua voz era rouca, seus olhos escuros. Já estava arrancando as roupas, seu eixo pressionando contra o tecido de suas calças.

Sacudiu a cabeça.

Wroth sabia que seu Myst era pagã, mas nunca tinha visto realmente até que a encontrou dando-se prazer a si mesma em sua cama com meias negras, ligas e cetim, as pernas abertas com abandono. Seu glorioso cabelo vermelho esparramado pelo travesseiro e a mão em suas calcinhas delicadamente espremendo seu sexo.

A mão se deteve quando ele chegou.

— Não podia te haver sonhado assim, acredito que estou sonhando agora.

Ela arqueou as costas

— Estava pensando em mim? Diga que sim... — Jamais tinha querido escutar algo tão travesso.

Sua voz desejosa era tão sexy como seu corpo

— Sim, Wroth.

Ele gemeu

— Em que pensava?

— Em ti, me bebendo enquanto estava dentro de mim. — disse gemendo as últimas palavras.

Desejava que a mordesse também?

— Um sonho.

Ela se molha os lábios

— Em seu sonho me fazia esperar mais tempo.

— Desejas isto livremente. — começou a desatar cinto surpreso por encontrá-lo difícil. Finalmente só o rasgou. Seus quadris reagiram lançando-o para frente.

— Sim!

— Sem jogos?

— Não! — ela ofegou. — Simplesmente te necessito dentro de mim.

— Seu corpo precisa ser penetrado?

Ela gemeu, seus dedos se moveram mais de pressa.

— Sim!

— Por mim?

— Sim! — gemeu.

Ele tinha antecipado que tomaria meses de planejamento para convencê-la, até que verdadeiramente o desejasse e não tivesse que usar poder e dar ordens.

Mesmo assim se esfregava a si mesma em sua cama como se esperasse sua volta, desejando-o. Isso era muito incrível e suspeito.

— Me convença.

Ela o olhou fixamente sem piscar, suas pálpebras eram pesadas. Lenta e sensualmente afastou os dedos de si mesma. Levantou-se se movendo até apoiar-se contra a parede para tirar a magra tira traseira de sua roupa interior.

Sem uma palavra simplesmente estendeu as pernas e se inclinou até que seus antebraços descansassem sobre o muro. Quando a posição elevou seu traseiro e ocultou seu viçoso sexo, ele disse com voz áspera.

— Esse é um argumento convincente. — Foi ultrapassado pela visão de sua carne esperando ser cheia e pelo fato de que tudo começou com ela masturbando-se com fantasias dele fodendo-a.

Ele chutou suas botas, arrancando a roupa e depois parou atrás dela. Deslizou seu polegar dentro de sua estreiteza, enquanto fechava brevemente os olhos ao encontrá-la tão deliciosa e suave. Seu corpo inteiro tremia o que o afetava enormemente. Com um gemido substituiu o polegar por dois dedos.

— Em meus sonhos te penetrava, mas começava lentamente, deslizando meu pau dentro, polegada a polegada. Quando estivesse gotejando umidade e pronta, te penetrava com toda a força de meu corpo.

Com um pequeno grito ela elevou o traseiro mais alto.

— E o que é o que faço? — Ela respirou.

— Goze uma e outra vez, não porque a ordene isso, a não ser unicamente por prazer.

Ele a estendeu, conteve-se lutando por não inundar-se nela quando a cabeça tocou seu quente orvalho. Estremeceu-se violentamente pela batalha, mas não podia recompensar esse presente machucando sua pequena entrada apertada.

A cabeça estava apenas dentro dela quando o relâmpago explorou no exterior, porque já estava gozando, deixando sulcos na parede, gemendo.

— Wroth agora... por favor!

— Eu... — ele gemeu, detendo os quadris, obrigando a cada músculo a entrar brandamente, fazer isto bom para ela.

Seus olhos se aumentaram quando sentiu as unhas cravar-se em seu traseiro para tratar de colocá-lo.

— Duro! — gemeu ela com voz gutural

— Não quero te fazer dano. — afogava-se, então respondeu com um grunhido, empurrou nela forçando seu pau entre os comprimidos espasmos de seu orgasmo como se fosse um apertado punho. Inclusive quando a teve penetrado profundamente, ela continuava culminando em torno dele. Podia já lhe deixar no corpo seu leite.

Mas desejava fodê-la. Tomá-la tão fortemente que ela esquecesse outro homem. Marcá-la como dele. Apertou os quadris se balançou e logo empurro dentro dela, golpeando o final de seu sexo.

— Sim! — gritou ela

— Pode saber o que me faz? — disse arrastadamente. Movendo os quadris, ela gemeu sujeitando-se à parede — Verte enquanto te toca pensando em mim? — saiu completamente para depois enchê-la com outro impulso brutal.

— Ah Wroth...! Sim! Oh, Deus...! — Ela se veio repentinamente. A casa se sacudiu por um relâmpago. — Bebe! — Ela soluçou por sua incredulidade — Oh, Deus! Por favor, bebe de mim.

Ele rasgou o encaixe despidendo seus peitos, logo os cobriu com as mãos, beliscou com os dedos e atirou de seus mamilos quando ele a atraiu contra seu peito.

— Deseja minha mordida?

— Sim! — gemeu.

— Tanto como desejas meu pau?

— Sim, Wroth! Me dê tudo!, sim...!, sim...!, sim...! — repetiu ofegando entre palavras, empurrando e girando os quadris, para trás, para ele. As presas perfuraram sua pele enquanto ele empurrava.

Aproximou-lhe a cabeça a seu pescoço com força a fim de que não pudesse deter-se. E voltou a culminar gemendo seu nome para fazê-lo sentir as palavras enquanto a mordida. Não pôde parar somente grunhiu contra sua pele enquanto ejaculava, empurrando inconscientemente contra ela, suas mãos espremendo seus pesados peitos. Seu sangue lhe queimando por dentro enquanto bombeava sua semente dentro dela, uma após a outra. Depois,

quando voltou a si, sujeitou-a contra seu peito porque ela se encontrava instável, mas então era somente ele. Retirou-se devagar, sujeitou-a em seus braços, cruzando para a cama. Quando a olhou, seus olhos eram prata e seus lábios se curvavam em um sorriso.

Ele a olhou fixamente, ainda sem acreditá-lo.

— Assim, realmente?

Ela cabeceou

— Desejas mais? — perguntou enquanto a sujeitava na cama.

Em resposta ela se ajoelhou retirando o cabelo e lhe oferecendo o lado que não tinha mordido de seu pescoço.

Sua voz soou rasgada pela luxúria

— Isso não foi o que quis dizer, mas poderíamos fazer algo assim...

A maior parte das horas que precediam à alvorada, passaram lambendo-se, trepando e mordendo-se. Um sobressalto esmagador de prazer. O que menos tinha acreditado era que sua noiva compartilhasse felizmente, não agressivamente.

Para o final da noite, começou a vê-la como um quebra-cabeça. Não sabia qual faceta gostava mais. A sereia em Cetim negro que lhe fazia doer o pau e as presas ou este anjo de brilhante cabelo vermelho estendido pelo travesseiro, que lhe fazia doer o coração.

Ela passou o dorso dos dedos por seu rosto.

— Wroth, desejo que isto cresça naturalmente entre nós, sem a corrente. — sussurrou-lhe — Me dê sua palavra por duas semanas, nos dê uma oportunidade, unicamente me dê a oportunidade de desejar isto livremente.

Desejava acreditá-la, e acreditar em si mesmo que poderia convencê-la de ficar. Realmente desejava lhe ordenar fechar os olhos e abrir as mãos e então ver seu rosto uma vez que tivesse posto a corrente aí.

Duas semanas para ganhá-la.

— Sim, Milaya. Te dou minha palavra.

Nunca em sua vida como humano ou sua existência como vampiro o tinham preparado para viver com uma Valquíria.

Myst possuía uma energia ilimitada, era poderosa, destilava uma sensualidade quase fora deste mundo, que prendia fogo a seu sangue. Cada noite a levava a sítios diferentes para lhe fazer amor. Ele a teve contra o pé de uma pirâmide, olharam-se fixamente com reverência enquanto o montava sobre uma praia iluminada pela lua na Grécia, lambeu seu sexo sob uma sequóia até que ela rogou compaixão.

Ao longo daquelas noites, uma vez que ele e Myst tinham satisfeito até o limite sua necessidade, falaram durante horas e ele aprendeu mais sobre ela e sua raça. Tinha-lhe dado a cruz que ela tinha admirado no Oblak, mas quando as jóias cintilaram na luz a gás de seu quarto, ela tinha parecido entrar em um transe. Finalmente, ele o tinha coberto, e uma vez que ela se sacudiu, tinha admitido, herdamos a cobiça de Freya. Coisas brilhantes, jóias e gemas... Não podemos separar nosso olhar sem treinar durante anos e o brilho repentino é às vezes irresistível.

Wroth tinha amaldiçoado interiormente que ela tivesse essa fraqueza. Ele pensava que uma Valquíria era uma criatura quase perfeita.

Não precisava comer, era imortal e se fortalecia com a idade. Mas tinha aprendido que era uma das muitas espécies do Lore que podiam morrer de tristeza. E se um deles se enfraquecia os outros sofriam por que estavam conectados por um poder “coletivo”.

Não podia protegê-la sempre. Desde então havia tratado de usar a corrente o menos possível. Sussurrava-lhe quando dormia que não teria mais essa fraqueza.

Wroth teria estado contente escutando falar só dela, mas se mostrou surpreendentemente curiosa sobre seu passado. Encontrou-se revelando coisas que nunca havia dito a ninguém, até se sentia nu por isso.

Contou-lhe da dor que ele e Murdoch tinham sentido ao voltar para casa e ver seus outros seis irmãos e seu pai morrer de praga. Os olhos do Myst tinham lacrimejado quando tinha falado da decisão dilaceradora de fazê-los beber. Então começou a vigília agonizante enquanto se perguntavam se sua família renasceria, qualquer um deles. Ao final, perderam a seu pai e irmãs, mas tinham recuperado seus dois irmãos.

A noite que ele mesmo tinha "morrido" parecia fasciná-la, e repetidamente lhe pedia para contar a história de como tinha feito reivindicações ao Kristoff. Ela nunca deixou de lhe dizer quão orgulhosa estava dele. Aquele comentário o tinha feito sentir-se particularmente incômodo. Estes dias não havia muito de que estar orgulhoso. Ele evitou ao Kristoff, lhe dizendo pouco do quanto realmente era. Obrigava sua Noiva a ficar com ele, e suspeitava que se, ao final das duas semanas, ela quisesse abandoná-lo, ele romperia seu voto em menos tempo que um batimento do coração.

Procurava qualquer indireta que pudesse lhe dizer como ela se sentia e ele pudesse decidir. De vez em quando era otimista. Quando lutaram falsas batalhas com um jogo de estratégia militar, ela pareceu desfrutar e gostar do fato de que sempre a vencia. Ela não era uma estrategista, tinha-lhe explicado. Era "péssima" de primeira linha mas apreciava seu talento. Em uma ocasião estava de pé e se moveu furtivamente para montá-lo, lhe colocando as mãos sobre seus peitos. Quando se deslizou abaixo para seu eixo, sussurrou em seu ouvido.

— Meu sábio Senhor da guerra. Faz curvar os dedos de meus pés, está bem. — Ele se tinha estremecido violentamente e teve que lutar para não gozar em um instante.

De fato parecia deleitar-se em cada lembrança de que tivesse lutado ou guerreado. Admirou sua espada, seus olhos se abriram ante o considerável peso desta, só para estreitar-se sobre ele e tornar-se prata com desejo. Seus olhos só tiveram que cintilar prateados e ele ficou duro como o ferro.

E a última noite que passaram jogados na cama, finalmente lhe tinha perguntado:

— O que encontra atraente em mim? — Isso podia possivelmente competir contra um Semideus com o beijo da loucura.

Sem nenhum tipo de dúvida respondeu:

— Suas cicatrizes.

Suas sobranceiras se uniram de surpresa.

— O que? Por que?

— São a evidência da dor a que sobreviveu. Sobreviver à dor constrói a força. — deslizou-se para seu estômago — Esta é a que te matou?

— Sim.

— Então é esta que admiro mais. — Deslizou os lábios brandamente sobre ela — Esta me atrai a você.

Mas sua alegria não estava nunca completa. Nunca tinha estado apaixonado. Não acreditava em passar a noite com a mesma mulher duas vezes, ainda agora desejava tudo desta pagã imortal, estava doente de desejá-la. Desejava despir a alma e fazê-la toda dele. Tudo o que tinha sido no princípio antes que o tempo a mudasse.

Seus sonhos lhe recordavam o passado dela, lhe impedindo de apaixonar-se completamente. Agradecidamente nunca a tinha visto fazer amor com outro e por alguma razão, acreditava que nunca poderia, enlouqueceria só pela idéia dos amantes que ela tinha tomado em seu corpo. Perguntava-se

enlouquecido como se comparava com eles. Cada indecente coisa que lhe fez, tinha-o olhando fixamente no teto com a agonia do prazer e comoção, voltava a se perguntar mais tarde onde tinha aprendido.

Quantos tinha tido? Tinha dois mil anos. Um amante por ano? Dois por ano? Um amante por mês...?

E como poderia ele competir, por Deus, com ela? Era uma criatura tão apaixonada e formosa, que era claro que tinha sido feita para ser amada só por eles.

Os sonhos lhe impediam de acreditar e deslizar-se na vida, eles poderiam compartilhar a vida, que tão desesperadamente desejava provar.

Temu dormir e teve nenhuma ajuda para fazê-lo. Seu cansaço aumentava a cada dia, apesar de que seu sangue lhe construía os músculos, fazendo-o fisicamente mais forte mais do que alguma vez se imaginou. Cada pôr-do-sol, tratava-a com frieza. Então lhe perguntou sobre seus sonhos. Mas mentiu.

Ela aceitaria sua relutância, sorrindo-lhe desde seu lugar na janela. Seu sorriso poderia derrubar a um exército, provavelmente o tivesse feito.

Como tinha podido pensar que era rival para algo assim?

Minhas desculpas, Myst pensou enquanto olhava fixamente ao Wroth, fazendo rodar seus quadris sobre ele. Mas desfrutava como um inferno de seu vampiro.

Seus olhos eram tão ferozes, seus músculos magníficos, duramente esculpidos sob suas unhas enquanto se adiantava até lhe colocar o peito na boca. Ele chupou e gemeu ao redor de seu mamilo, enquanto se esticava para vir-se, e quando ela explodiu, ele lançou um jorro quente dentro dela. Ela se desabou sobre ele, amando-o quando pôs seus braços a seu redor e a apertou contra seu peito enquanto se estremecia durante muito tempo depois.

Quando finalmente a soltou com um beijo para que pudesse vestir-se e ir ao Oblak, ela disse:

— Bem. Estou farta de ser seu pequeno e sujo segredo escondido aqui. Mas não posso me sentar sozinha neste quarto durante horas quando se vai.

— O que é que necessita amor? — perguntou-lhe subindo os cachos sobre a cabeça, parecia fascinado por seu cabelo, sempre tocando-o.

Espera, tinha-a chamado amor?

— Sabe o que é um Xbox? Não? Bem, pois sua noiva tem uma pequena queda por isso...

Anotou-lhe o modelo de console e os jogos que desejava enquanto tomava banho e se vestia, justo antes de sair, tomou as mãos e o olhou solenemente.

— Me traga isso e poderá também matar um dragão para mim.

Enquanto esperava se pintou as unhas de seus pés. As Valerias amavam pintá-las uma vez que era a única forma em que podia alterar semi-permanentemente sua aparência e de forma fácil pensar que tinha resolvido isso.

De fato, só existiam três coisas que evitavam que estivesse verdadeiramente confortável nesta situação. A primeira, apesar de que viajavam a maior parte das noites, não a levaria a conhecer sua família e amigos e não a deixaria ver os seus tampouco. Tinha-lhe explicado que desejava sua completa atenção por essas duas semanas.

Suspeitava que ele esperasse até que sua relação estivesse consolidada, o que acreditava podia ocorrer em três dias, ao final do que ela tinha chamado: a demonstração de vampiro de duas semanas. Resultaria isto em uma venda? Sabia que podia significar o capuz de pária no Lore e a necessidade de deixar a

sua família. Não podia simplesmente imaginar-se levando o Wroth ao pacto. Suas irmãs lhe agradeceriam a surpresa e então se jogariam em cima, espadas e garras voando com regozijo.

Como irmã gêmea de Furie, Cara só lutaria com ele até a morte simplesmente por ser o que ele era, e mesmo que Wroth fosse incrivelmente poderoso, Cara era mais rápida com milhares de anos mais de experiência e o ódio fervente de um gêmeo separado. Os dois juntos seriam como Godzilla contra Mothra ou alguma série épica de merda.

A segunda era sua preocupação por ele. Frequentemente ia ao Oblak e em cada ocasião ela se perguntava se confrontava a alguma facção do Lore que tentava matá-lo simplesmente por ser um Vampiro. Acreditava em quando lhe contou sobre a agenda do Kristoff e não viu conflito de interesses com seus pactos, assim chamem-na pessoa horrível, mas trocou a informação lhe ensinando como proteger-se.

Sua terceira razão era que cada pôr-do-sol quando eles despertavam estava insuportavelmente áspero e cortante com ela. Temia que tivesse visto as memórias de suas paqueras e inclusive fazendo amor. Embora Nix lhe havia dito em uma ocasião que os recipientes de suas visões nunca tinham visto coisas das que não pudessem recuperasse e usualmente só testemunhavam eventos que mudavam a vida. Assegurava-lhe uma e outra vez que não era nada, mas Myst tinha suspeitas, mesmo assim tolerava suas maneiras porque passava o resto da noite tratando-a como uma rainha.

Justo quando suas unhas dos pés estiveram secas, ele retornou com o dragão morto e seus desejados jogos e os pôs a seus pés. Olhou-a com suas sobrelhas mostrando o quanto tinha sentido saudades e seu coração fez estranhos tombos no peito. Teve o impulso de saltar para ele, então o fez.

Somente depois de que a tivesse apertado entre seus braços, compreendeu que ela tinha corrido para chegar a eles.

Capítulo 10

Wroth saiu disparado da cama, sentindo-se enojado, fisicamente doente por seus pesadelos.

Tinha sido açoitado pelo usual sonho no que ela se regozijava em uma tumba, logo o romano a acariciava, quando ela subia lentamente a saia pelas coxas.

“— Te possuirei Myst, a Cobiçada...”

Em cada instante as lembranças se faziam mais nítidas e detalhadas. Esta vez tinha ouvido que a Myst divertia a idéia, dita em suas palavras.

“— Ninguém me possui, só em suas fantasias... — te matarei tão facilmente quando te beijar... — E serei tua, só tua.” — ronronou, embora o detestasse.

Agora tinha visto algo novo. Uma lembrança diferente e mais recente. Myst estava alisando sua manga, seu pé se posava delicadamente na cama, quando ela tomou uma decisão para... Se enganava? Para atuar como se houvesse facilmente desistido de liberar-se de suas amarras.

Jogar no amor e fingir rendição.

Sustentou sua testa na mão. Irrracionalmente, esperou o suave toque de sua mão nas costas. Ela era sua Noiva, sua mulher, e nunca lhe ofereceu consolo.

Esse impulso que ela teve era sincero, ele não era, pois ainda em segredo lhe ordenava dormir durante o dia. Assim não escaparia dele e começaria a tortura outra vez.

“Te matarei tão facilmente quando te beijar...”.

Tinha imaginado que tinham um ponto de onde começar, de onde andar, mas tinha sido enganado por sua beleza e despreocupação. Tinha-o seduzido, certificou-se que "tomasse" trabalhosamente seu corpo essa mesma noite, sabendo que ele perderia o julgamento ao vê-la.

Foi tão parvo como o romano, apaixonado por uma fantasia que não existia. Pelo menos o antigo-morto Romano não tinha sofrido o engano de que ela o cuidaria. Tinha sabido que era incapaz de sentimentos e mesmo assim só tinha querido possuí-la.

Wroth tinha caído em uma fantasia, uma que facilmente o manipulou.

Ela desejava sua liberdade e utilizaria qualquer meio que tivesse disponível para conseguí-la, desaparecendo logo que tivesse êxito.

Tolo!

Quando Myst despertou, escondeu-se debaixo das cobertas, sentindo-se relaxada e satisfeita por toda parte.

Hoje era o dia D, o dia em que a entregaria a corrente, o fim da manifestação que realizava como resultado da troca.

Afundou-se em seu travesseiro, adorando seu aroma, e considerou seus novos sentimentos. Tinha temido por sua vida quando se inteirou que, ao terminar o minuto, ele tinha prometido lhe devolver a corrente. Foi um salto de fé por parte dele e ela tinha respondido a isso. Respondido com a mesma moeda. Era um pouco irônico que tivesse planejado às escondidas do menino que ela mesma se enredasse em suas próprias maquinacões. Tinha agüentado só uns poucos dias de jogo fácil até que se foi. Fácil, esta mulher fatal planejava culminar seu plano saltando... oh!, ruidosamente nos braços dele.

Sorriu no travesseiro. Lhe devolveria a corrente, mas unicamente porque a olhava tão condenada e descaradamente.

Quando se levantou e estirou, encontrou-o olhando-a. Seus lábios se curvaram, mas não lhe devolveu o sorriso, apenas deu uma olhada a seus seios descobertos, quando falou bruscamente.

— Ponha algumas roupas.

Esfregou a cabeça, franzindo o sobrecenho.

— Está zangado comigo? — geralmente era brusco quando despertava, mas podia afirmar que nesta ocasião era muito pior. Estava desconcertada pelo que poderia ter acontecido desde que dormiu, encolhida outra vez contra o peito dele, segura sob seu poderoso braço. Seus olhos mostravam de alguma forma loucura e desolação ao mesmo tempo, seu rosto estava esgotado. O alarme começou a formar-se dentro dela.

— Temos muito que discutir esta noite. — Atirou-lhe uma bata — Ponha isso e sente-se.

Não teve mais alternativa que obedecer. Ele se teletransportou e retornou segundos mais tarde, sustentando uma corrente em seu pálido punho.

— Esta noite realizaremos alguns ajustes entre nós ou para ser mais exatos, em você.

Seus olhos se alargaram.

— O que está fazendo Wroth? — perguntou lentamente — Prometeu que a devolveria hoje.

— Uma mulher como você deve entender de juramentos quebrados.

— Do que está falando? Como pode me fazer isso agora? — a noite em que havia resolvido ficar.

Sua cara era mais cruel que jamais tinha visto.

— O que supunha depois das últimas duas semanas? Simplesmente porque quis ser fodida e aceitei não significa que não te tratarei como merece.

Protegeu o rosto com o dorso da mão como se tivesse sido golpeada. Ele não disse "te tratarei como uma puta", não a chamou dessa forma, mas de algum modo assim a fez sentir.

— Como mereço, — repetiu fracamente.

Agarrou seu braço, apertando-o duramente.

— Não posso viver assim, Myst. Com isto. — Ao ver a expressão confusa dela, disse: — Vi seu passado. Sei o que foi, o que é.

— O que fui? — Seu cenho se aprofundou. Sua vida não tinha sido perfeita, tinha tido muitos deslizos e julgamentos errôneos mas nunca sentiu o menor rastro de vergonha por isso. Era o assassinato muito difícil de entender? Ele tinha sido um líder desalmado! — Se me encontrar falhas, deve saber que lamento muito poucos de meus atos em minha longa vida.

Isso pareceu enfurecê-lo.

— Não? Que tal jogar no amor e fingir rendição?

— Wroth, isso foi...

— Silêncio! — beijou-a bruscamente, duramente, embora ela lutasse contra ele, ele foi o primeiro a separar-se — Me dei conta de que é desumana. — Seus olhos pareciam atormentados, todo seu corpo rígido pela tensão. — Mas o que acontece se te ordeno ser mais carinhosa, então a faria esquecer-se de todos os homens que vieram antes de mim? A faria esquecer tudo isso, se esqueceria de suas cruéis irmãs que assassinam sem nenhum remorso?

Ofeçou, os olhos chorosos, mas não podia falar depois da ordem. Suas mãos se contraíram em um apertado punho. Nunca tinha querido gritar mais em sua vida, até seus lábios separados foram silenciados de repente quando ele disse:

— Acredito que acabo de te ordenar que me queira tão ferozmente que não possa pensar em nada nem em ninguém mais.

Uma voz lhes interrompeu da planta baixa.

— General Wroth, necessitam-no imediatamente no Oblak.

— O que? — bramou. Myst sentia seus olhos sobre ela quando se cambaleou no assento junto à janela, enquanto as lágrimas lhe começavam a cair. Estremeceu-se, inclinando a testa contra o vidro.

— Seu irmão foi gravemente ferido.

Indicou-lhe:

— Permanece aqui, — então desapareceu. Escutou-o no andar de baixo, encerrando outra vez sua liberdade, então sua presença desapareceu uma vez mais. Permanece aqui? No quarto ou na propriedade? Ele tinha estado tão confundido pela notícia que não tinha explicado sua ordem detalhadamente.

Assim tropeçando, agarrando-se pela parede, canalizou sua energia, até que finalmente avançou até o escritório. Empurrou o gabinete, encontrando a caixa forte atrás dele. Quando localizou a fechadura, sua mão se separou de sua trajetória como se fora empurrada por uma força invisível. Mordeu o lábio e tentou outra vez, lutando simplesmente para roçar o metal.

Ordenou-a não tocá-lo. Como lhe ordenaria esquecer-se de quem tinha sido, inclusive de que teve uma família. Um relâmpago estalou nos subúrbios enquanto soluçava. Ele tinha estado a ponto de fazê-lo.

Era verdade então. Os vampiros não eram de confiança, isto tinha permanecido fora de sua mente com raiva. Por que tinha ido contra tudo o que sempre aprendeu para estar com ele?

Os anos estavam pesando nela e se sentia curvada pelo desejo de apoiar-se simplesmente em alguém, apenas um momento, por ter um companheiro com quem olhar para trás e ter alguém quando o necessitasse. Com segurança se convenceu a aceitá-lo porque ele era forte e ela tinha crescido tão fraca. Já não.

Havia maneiras em que podia evitar suas ordens, usando a astúcia e a criatividade. Quando as lágrimas caíram de seus olhos, a tormenta piorou com furiosos e constantes relâmpagos, ela se derrubou sobre a parede, na dura pedra que a acolheu.

Então a utilizaria? Como um brinquedo. Uma escrava sem inteligência. Faria ajustes?

Brinquedo, isca de peixe, puta... “simplesmente porque quis ser fodida”, escarneceu.

Dois milhões de pessoas pensavam que podiam utilizá-la. Sempre utilizá-la.

Pegaria essa caixa de segurança com os dentes se fosse preciso.

— Deve ver o outro tipo. — Murdoch chiou da sua cama quando Wroth se teletransportou em seu quarto.

Wroth se estremeceu ao ver o destroçado rosto de seu irmão e a várias partes de seu corpo torcido. Como sabia que não podia morrer por nada que não fora a decapitação ou a luz do sol recuperou a compostura.

— O que te aconteceu? — perguntou, sua voz áspera.

— Posso te perguntar o mesmo? Por Deus, Nicolau! Está pior que eu.

Pensou a respeito de como tinha deixado ao Myst na janela, chorando, olhando fixamente ao exterior e na tormenta que se produziu desde seu interior. Afligiu-o tanto pensar em sua dor...

— Falaremos de meus problemas mais tarde. Quem te fez isto?

— Ivo tem demônios. Demônios contra vampiros. São fortes, não pode nem imaginar. Ele procura a alguém, mas não acredito que seja a sua Noiva, eles mencionaram algo a respeito de um halfling⁶.

— Quantos demônios têm?

— Havia três em seu grupo e outros tantos vampiros também. Demos baixa a dois dos demônios mas ainda sobrou um. — Olhou detrás dele — Onde está sua Noiva?

Depois de uma breve vacilação, explicou-lhe tudo, procurando ao mesmo tempo aliviar os sentimentos que lhe embargaram quando falou com Myst. A expressão de seu irmão se escureceu completamente.

Passou um comprido momento de silêncio antes que dissesse com incredulidade.

— Wroth, tomou a liberdade de uma criatura que desfrutava dela a mais de dois mil anos. Apostaria sobre o vencedor que ela a vai querer de volta.

— Não, não entende. Ela é cruel. Incapaz de amar. Isso me corrói, sua traição, porque é o único que tem sentido. — Mais para si mesmo, murmurou — Por que mais ela me quereria?

Murdoch agarrou fracamente a boneca do Wroth.

— Em todos estes anos te vi escolher continuamente as melhores opções, as soluções mais racionais, inclusive se estas eram muito difíceis. Estive orgulhoso de seguir sua liderança porque atuou sempre com valor e sempre, sempre com racionalidade. Nunca imaginei que teria que te informar que sua razão e julgamento falharam, Nicolau. Se ela for tão má como diz então tem que... não sei, ajudá-la a mudar, mas não pode ordená-la. Volta pra ela. Explique-lhe seus temores.

— Não acredito que possa. Você a viu, Murdoch. Por que consentiria tão rapidamente?

⁶ Halfling: Seres similares aos seres humanos mas da metade de seu tamanho. Filhos de um pai humano e de um pai duende.

— Por que não o pergunta?

— Porque não quero lhe mostrar outra vez no covarde que me converti querendo-a.

— E sobre os outros homens, embora sejam mais de 1600 — disse Murdoch — Não é a mesma coisa, é imortal, não é uma noiva de dezoito anos de um convento que se ruboriza por tudo. Ela não pode mudar estas coisas, se você a quiser, tem que aceitá-lo.

Wroth percorreu o rosto com uma mão e burlou-se.

— Quando passou pelo bloody⁷ o compreendeu?

Murdoch encolheu os ombros.

— Tive a alguém que me explicou algumas das regras do Lore e aprendi que nós não podemos aplicar nossas esperanças humanas aos seres deste mundo mágico.

— Quem te disse isso? — Quando não respondeu, Wroth não o pressionou, não com todos os segredos ele mesmo mantinha.

— Estará bem? — perguntou.

— Isso é o mau de ser imortal. Sempre parece pior do que é.

Wroth tentou um sorriso e falhou.

— Boa sorte, Nicolau.

Fora do quarto, falou com os encarregados de vigiar Murdoch e fez insistência no que lhes aconteceria se seu irmão piorasse, logo concentrando-se teletransportou-se em volta. Quase se alegrou quando Kristoff chamou uma reunião para falar sobre uma nova ameaça mais, agradecido pelo tempo que lhe permitiria acalmar-se antes de enfrentar-se Myst outra vez.

Kristoff não vacilou em perguntar.

— Por que sua esposa não te informou sobre os demônios convertidos?

— Não sei. Perguntarei quando estiver com ela. — Ele também se perguntou: Ela teria sabido? Não, tinha estado lhe ensinando tudo o que sabia, lhe ensinando constantemente.

Por que o faria se ela só planejava escapar dele?

Quando ele se encolheu de ombros, deu-se conta de que Kristoff ainda o estudava.

— Algo que adicionar?

Ele devia ao Kristoff sua vida e a vida de seus irmãos. Três irmãos e mesmo Myst, ele devia a seu rei. Poderia lhe dar informação sobre a raça do Myst embora o relacionasse com o resto.

— Aprendi bastante sobre o Lore ao qual ela pertence e quero discuti-lo com você, mas deixei a minha esposa sentindo-se mau. Quero voltar com ela.

— É obvio, — disse Kristoff, com o rosto impassível — Mas amanhã falaremos sobre isto.

Wroth assentiu, então se teletransportou para trás, para Myst, franziu o cenho ante uma brumosa idéia que surgiu na confusão de sua mente. O coração de seu irmão tinha pulsado? Mas antes que pudesse analisar em profundidade esta situação, a atenção do Wroth se distraiu pela forma adormecida de Myst. Baixou o olhar para ela, o peito lhe doía como de costume. Às vezes amaldiçoava seu palpitante coração por causa da dor que parecia lhe seguir.

Murdoch tinha razão. Ela não podia mudar o que era, e ele se equivocou com ela, hoje. Se só pudesse pensar com mais claridade sobre ela em vez de reagir visceral e primitivamente. Antes, nunca tinha entendido aos homens quando falavam da loucura e do amor ao mesmo tempo. Agora os entendia.

Só esperava que quando lhe pedisse perdão por sua fraqueza, ela o fizesse.

⁷ Bloody: Transformação de Sangue.

Depois de despir-se, subiu à cama com ela. Atraíu-a o mais próximo a ele, percorreu com suas mãos a delicada pele, enterrando o rosto em seu cabelo e cheirando o doce e suave aroma. Finalmente ao amanhecer, inundou-se no esgotamento. Quando sonhou, abriu sua mente às lembranças, que se tinham convertido em seus pesadelos. Todas estas desbancaram em outras visões de batalhas e fome porque lhe eram mais dolorosas. Viu-a em uma sórdida luz. Castigando-se a si mesma.

Observando-o todos.

Capítulo 11

O sonho do romano apareceu primeiro. Worth impaciente esperou a cena habitual, procurando ver mais. Realmente o queria? Poderia voltar depois disto?

Muito tarde, parecia. Sabia que tinha aberto as comportas e que esses sonhos chegariam a seu fim, cada volta de seus horripilantes e pervertidos finais.

Myst lentamente se levantou a saia. Embora então Worth sentiu algo novo. A frieza avançava lentamente por sua coluna vertebral, enquanto ela olhava atentamente ao romano com seus lábios molhados e suas furiosas carícias.

Estava envergonhada por sua atuação e apartou sua mente disso. Ela era a isca. Faria qualquer coisa para libertar a sua irmã.

— Possuirei a Myst, a Cobiçada...

“Ninguém me possui exceto em suas fantasias. Te matarei tão facilmente como te beijo...” O romano tentava convertê-la em seu brinquedo tal como tinha feito com Daniela seis meses atrás.

De repente, Myst olhou para cima e Wroth viu através de seus olhos. Luzia tinha a Daniela em seus braços, o corpo da garota sem forças e a maioria de sua gelada pele queimada. Daniela tinha sido torturada, Myst se deu conta de que tinha sido por esse animal que tinha a seus pés, por seu mesmo toque. A raiva familiar estalou dentro dela. *“te controle... só um momento mais...”*

— E serei tua, só tua, — de algum modo ronronou.

Quando Luzia fez um sinal, Myst assentiu, tirando seu pé, os lábios dele produziram um ruidoso som de sucção que a fez encolher-se. Deu um golpezinho no protuberante nariz do homem com o dedão do pé. Em um tom que exalava sexualidade disse:

— Provavelmente não sobreviverá ao que vou te fazer. — Sua voz soou como um suspiro baixo que deixou ao homem confundido — Mas se sobreviver, aprenderá e contará a outros que nunca... — um golpezinho com o dedão do pé — nunca... — golpe — deve fazer mal a uma Valquíria.

Então, deu-lhe uma patada lhe enviando ao outro lado da habitação.

Outra cena começou, a festa de incursão, em que sempre temia ver mais. Os homens se aproximavam, podia ouvir sua pesada respiração, um tropeção. Tudo formava parte do jogo.

Alguém a bloqueou e derrubou na neve. Os outros sujeitaram seus braços. Ela estava fingindo sentir medo, lutando fracamente. Enquanto os outros lhe aclamavam, o corpulento viking se ajoelhou entre suas pernas e lhe disse:

— Espero que viva mais que a última.

Um raio golpeou a parte de trás da cabeça do homem e o vento pareceu segui-lo... uns poucos olharam ao redor com inquietação e risada nervosa.

— Os nomes das últimas eram Angritte e sua filha Carin. — informou-lhe Myst.

Carin, tão jovem, de mente simples, imediatamente tinha reconhecido a Myst pelo que era.

— A donzela cisne. — tinha sussurrado a moça, pronunciando um dos nomes mais formosos das Valquírias.

Ambas, tanto a descuidada mãe como a inocente filha, foram assassinadas, asfixiadas sob o peso desses homens enquanto eles as tratavam brutalmente.

— Viverei mais que elas... e vocês.

Houve uma mudança nela, como uma sede de sangue, os pensamentos se voltaram selvagens, para a raiva...

O cenho no rosto do atacante foi a última expressão que viu. Elevou-se se tirando facilmente aos poderosos homens. Tinha amado a Carin por sua inocência e alegria, e estas bestas tinham roubado a Myst essas coisas; ao mundo, era a pior das perdas...

Enquanto o relâmpago pintava o céu, sem pensá-lo, reduziu a distância entre eles. Quando todos, exceto um deles, foram abatidos, disse ao que permitiu viver:

— Se alguma vez pensa perseguir uma mulher ou forçá-la, se pergunte se não serei eu. Perdoei-o, mas minhas irmãs desatariam sua ira contra você com um movimento rápido de suas garras, nem pode imaginar sua ira. — limpou o rosto com o braço, encontrando-a molhada.

Agachou-se sobre o homem e pôde ver a expressão de seus olhos.

— Há milhares de nós ali fora. Ao longo da costa, esperando.

Seus olhos eram chapeados, e seu rosto estava sulcado de sangue. Ele estava congelado de medo.

— E eu sou a mais gentil delas.

Girou-se para ele, sacudindo o pó das mãos e disse para si mesmo

— Assim é como começam os rumores.

Mas sua leveza desapareceu junto às toscas lápides no alto da colina, de frente para o mar... a de Carin junto à de sua mãe.

— Você, humana estúpida, — vaiou para a da mãe—, a amaldição a seu inferno. Por que me desobedeceu? Te disse que pegasse Carin na primavera quando eles baixam e que permanecesse longe da costa, — disse, sua voz soava como um sussurro, como se soprasse por cima da lápide da moça. Enroscou-se contra ela, seu rosto descansando contra a inscrição. Então a golpeou, seu sangue gotejou pela nova fratura aberta.

Ficou assim, imóvel durante dias, enquanto os aldeões mantinham uma vigília na base da colina, oferecendo tributos próprios de uma deusa, em busca de sua proteção e sua benevolência. Worth se estremeceu ante a dor física que Myst não parecia sentir... sua mão congelada no sangue da pedra, seus músculos atados, sua pele áspera pelo frio. Ao terceiro dia, sua irmã Nix a encontrou e a levantou da neve tão facilmente como se fosse um travesseiro. As lágrimas estavam geladas em seu rosto.

— Shhhh, Myst. — murmurou Nix, — Já ouvimos as histórias de sua vingança. Nunca farão mal a outra donzela. De fato, duvido que essa aliança de homens volte a dar problemas por esta costa outra vez.

— Mas... a garota, — sussurrou Myst alagada, em confusão, com lágrimas renovadas — simplesmente se foi. — A última palavra foi um soluço.

— Sim querida, — disse Nix — nunca voltará.

Myst estava chorando.

— Mas... mas dói quando morrem.

Nix pressionou os lábios contra a frente do Myst murmurando:

— E sempre o fazem.

A Worth doía o peito com a pena de Myst, como nenhuma ferida física lhe tinha doído nunca. Ela tinha escapado dos homens, porque aqueles que perseguiriam uma donzela "necessitada" eram os que morreriam. Worth teria querido ficar com essa lembrança, para assegurar-se de que ela se recuperava desta dor horrenda, mas então outro sonho familiar começou. A neve fora chegava tão alto que cobria a metade da janela. A reunião ao redor do lar.

— ...ensinaram-lhe tudo o que era bom e honorável sobre a Valquíria...

Myst fechou os olhos contra uma lembrança... que ele lutava por ver... que nunca poderia apagar, nunca aliviar. Recordou e jurou de novo que seria digna.

Estava em meio de seu primeiro campo de batalha, ali como selecionadora da matança. Tinha sido enviada jovem, tinha apenas quinze anos, porque tinha nascido de uma valorosa picta, que tinha enfiado uma adaga em seu próprio coração. Supunha-se que Myst seria forte assim.

Mas não o era. Não ainda. Estava doente de terror.

Cem mil homens, cortados em partes, com seu sangue até os tornozelos como se fosse um rio.

— Eram todos valentes, — disse, olhando atentamente a seu redor, girando vertiginosamente em círculos, enquanto a eletricidade partia dela feito ondas. Soando perdida, sussurrou:

— Como devo escolher? Um mendigo que reparte moedas... — Começou a tremer de forma incontrolável pelo medo.

Ele queria estar ali protegendo-a, reconfortando-a.

Outra lembrança. Nova para ele. Poderia suportar outra?

Myst correndo para ele, quando retornava do Blachmount de algum recado e ele a tinha apertado e elevado entre seus braços e a tinha beijado, ela tinha pensado:

"Simplesmente corri a seus braços. Só... Uau. Uau. Uhn... Uh".

Wroth recordou que ela se baixou apartando-se dele, ficando vermelha e muito nervosa, brincando sobre a Xbox dizendo que se sentia "um pouco como Bobby Brown" por lhe iniciar em um jogo aditivo.

Agora sabia porquê ela tinha sentido pânico. A Myst, igual à suas irmãs, tinham-lhe ensinado que reconheceria seu verdadeiro companheiro quando ele abrisse seus braços e ela compreendesse que sempre correria para eles.

Worth despertou com seus próprios gritos, destroçado, aferrando-se a ela. Equivocou-se em cada coisa que pensou dela. Doía-lhe o peito pela perda e a angústia que ela tinha experimentado.

— É livre, Myst...

A cama estava vazia.

Ficou em pé de um salto, examinando o quarto, encontrando uma nota ensangüentada sobre a mesa junto à cama, sob a cruz.

"Coração por coração..."

O temor se apoderou dele, nublando sua mente, enquanto o pânico se intensificava apunhalando seu corpo como uma faca. Meio cambaleante, entrou no escritório, fixou os olhos na caixa forte da parede. Para seu horror, não viu nenhuma caixa forte, mas quando se aproximou, ficando mais doente a cada passo, encontrou sangue na pedra em que tinha estado encaixada, arrancada em um frenesi. Ela tinha escavado com as mãos para chegar a sua corrente, a sua liberdade.

Wroth caiu de joelhos, a cabeça se inclinou enquanto um som gutural de dor surgia de seu peito. À primeira oportunidade, tinha-a torturado, somente para seguir roubando sua liberdade.

E então...

Coração por coração. Ela tinha golpeado o seu. Teria quebrado ele o dela? Tinha-a perdido. E o merecia.

Capítulo 12

O sabá se reuniu ao redor da caixa de segurança, todas elas à espera de que Regin brandisse a Espada do Woden e atravessasse o metal do amuleto protetor do vampiro. A espada do Woden atravessava qualquer coisa. Bem, qualquer coisa exceto a corrente, tal como Myst e Regin puderam testemunhar depois de um horripilante experimento que quase fez a Myst menor.

As irmãs ainda estavam discutindo quem aceitaria a responsabilidade da corrente porque Myst já não estava autorizada, não enquanto Wroth vivesse. Mas ninguém queria a coisa, e matar ao Wroth parecia a solução ideal para elas.

Regin levantou a espada por cima dela, e até os espectros voando no exterior que tinham sido alugados para proteger o Vahalla contra os intrusos (como Wroth) pareciam retardar seu círculo para alcançar uma janela. Com um suspiro dramático, Regin partiu a caixa de segurança tão facilmente como o pó, embora saltassem faíscas. Quando tudo se limpou, Myst cansativamente estendeu a mão para recolher seu suplício.

Franziu o cenho ao encontrar outra ornamentada caixinha de madeira dentro. Todas as irmãs pareceram dar-se conta ao mesmo tempo do que era pelo tamanho do estojo de veludo... porque a sala ficou em silêncio, então se equilibraram sobre ele como um ramo de noiva.

— Brilha, dentro da caixa, brilha — uma das irmãs mais jovens choramingou. Myst estava mais perto e o agarrou, e se não o tivesse conseguido teria partido a cara da que saísse correndo com isso.

— Então, abre-o! — gritou Regin, sem fôlego.

Myst o abriu.

E dali resplandecia uma luz.

— Grande Freya — alguém suspirou — O diamante. Grande. Resplandecente.

— Isso não é uma pedra bruta, isso é realmente um estado. Quando os vampiros começaram a desprender-se dessa ostentação de jóias? Não. Caramba. — disse outra.

Myst fechou os dedos sobre o que seria um perfeito diamante de quatro quilates, assim é que poderia estar olhando o anel real. Estava gravado com seu nome.

De repente se sentiu exausta, levantou-se, arrastando os pés pela habitação da emoção, embora a vaiassem por levá-lo.

— Meu Precioso — a corrente era fria e pesada na outra mão. Nix a seguiu para cima. Era uma boa ouvinte, embora sua lucidez viesse em rajadas irregulares, tinha sido uma bênção com a que falar.

Myst olhou a sua irmã enquanto levantava o anel.

— Não parece surpreendida por isso. — as pupilas de Nix se aumentaram antes que Myst o guardasse com a corrente dentro do estojo. — Sabia o que havia na caixa?

— Não estou capacitada para predizer nada — disse enquanto se metia dois vidros de esmalte e um pouco de algodão no bolso. Saltou à cama e os colocou de modo a pintar as unhas do pé uma da outra, aplaudindo a cama ao Myst para que se sentasse. Myst se tinha perdido este pequeno ritual, mas agora

não estava precisamente interessada. Em lugar disso cruzou a habitação para a janela dizendo — Nix, por que não vieste a mim? Sabia como me encontrar?

— Estava destinada a passar esse tempo com Wroth.

Wroth. Ele que a tinha achado tão inadequada que tinha necessitado mudá-la.

O que ele tinha visto que lhe tinha aborrecido tanto? Espremeu o cérebro os últimos três dias, mas não tinha encontrado nada que fora verdadeiramente vergonhoso, certamente nada que faria um vampiro perder a complicada cabeça.

— Agora mesmo está ali fora — Myst olhou fixamente para o pátio coberto de névoa — Observando esta casa, esperando uma oportunidade para me apanhar outra vez. Mas se permaneço atrás dos espectros, então estou tão apanhada aqui como o estava ali.

— Sem a debilidade da corrente, poderia brigar com ele, não é? — Perguntou Nix — Suponho que ainda chutar algum traseiro de vampiro poderia ser bom para você.

Uns momentos mais tarde, a cabeça do Regin apareceu de repente.

— Cara e eu vamos sair fora para paquerar uns ghouls. Topa?

Myst franziu o cenho, enquanto se voltava para Nix.

— Alguma razão pela que não deveria?

Mordeu-se o lábio, cravando os olhos no teto como se tratasse de recordar quando era justo o contrário.

— Não, acredito que é justo o que necessita.

Myst assentiu lentamente.

— Bravo, não me viria mau um viscosinho.

Regin sorriu, logo deu um salto através do patamar para gritar escada abaixo.

— Myst está em linha de novo!

Pronta para brigar, necessitando-o, rapidamente se vestiu enquanto Nix polia sua descuidada espada. Myst não tinha nenhuma dúvida de que Wroth estaria lá fora observando-a e que o notaria cada hora. Quanto tempo seguiria a sua “opaca” prometida? Perguntava-se, mas sabia a resposta, havia sentido a selvagem emoção turvando em seu interior. A seguiria eternamente.

Wroth avançou a rastros entre as sombras enquanto Myst se separava de Regin e Cara em um extenso cemitério. Myst facilmente saltou para a parte superior do mausoléu para observar o campo abaixo dela, onde os ghouls tentavam morder-se, enfrentavam-se entre eles ou vadiavam na umidade da noite.

Estava encantado, observando enquanto permanecia no beiral, pendurada como o faria uma gárgula. Os olhos formando redemoinhos de prata e as unhas cravadas na argila da telha. Estava claramente ansiosa pela presa, mas esperou, estudando-os. Era a primeira vez que a via em dias.

Depois de que Wroth se inteirou de seu desaparecimento do Blachmount, rastreou-a até seu horripilante lar, mas chegar a encontrá-lo tinha sido mais horripilante. Fantasmagóricas e uivadoras criaturas em esfarrapadas vestimentas rodeavam a mansão como um tornado. Deu de ombros e localizado sua habitação, mas as coisas o apanharam. Tinham um agarre que nunca teria imaginado, e quando finalmente aterrissou, tinha aprendido a lição. Fez girar o braço, contente de que finalmente tivesse sido capaz de obrigar a isso a retornar a seu lugar.

Esses seres rodeavam a casa para protegê-la, faziam-no sem cessar e sem falta, como bem podia atestar. Mas a sentinela que protegia ao Myst das ameaças como Ivo, também mantinha ao Wroth afastado dela. Myst ficava atrás

deles noite após noite, mas agora por fim a tinha encontrado desprotegida, sem dúvida à espera de que suas irmãs voltassem e assim pudesse atacar.

Mas o amanhecer se aproximava e ele necessitava...

Saltou do teto, tirando a espada de sua capa traseira enquanto se deixava cair no meio do grupo de ghouls. Havia pelo menos cinquenta.

— Que diabos está fazendo? — bramou, indo para seu lado, desembainhando sua própria espada.

— Isto não está acontecendo — disse a si mesmo — Não vais arruinar minha vida pessoal e minha avantajada carreira, Wroth.

— Mas no meio?

— Estou enfurecida o suficiente para fazê-lo. Não tem nem idéia. — arremeteu, seccionando um ghoul do meio das pernas até o pescoço — de quanto necessitava isso.

— Posso fazer uma idéia — uma perfeita. Tinha sentido em seu interior a cólera dela e sua necessidade de brigar. Embora lhe houvesse dito que como sua esposa nunca mais brigaria.

— Faria melhor em partir, porque uma vez que termine com eles, não me deterei.

— Mereço sua cólera. Ofendi-te e procuro te compensar — não era otimista sobre as oportunidades. Ela já não poderia ser todas essas coisas para ele e logo perdoar em cima disso.

— Você acredita? — enquanto a garra de um ghoul se aproximou do pescoço dele, retrocedeu de um salto e ela o partiu. — Não deixe que lhe arranhem!

— Preocupada comigo, Myst? — não se atreveu a esperar-se.

— É obvio, não quero que lhe arranhem. — o olhou — Os vampiros são mais fáceis de matar.

— Se te ajudo falará comigo?

— Não preciso de sua ajuda — e era certo. Estava-os derrubando alegremente um após o outro com uma habilidade que o impressionou, sua espada voava tão rápido que logo que era visível.

— Então terá que me escutar aqui — chiou, aprofundando-se na briga com ela — Passei cinco anos de tortura. Sofri um inferno te querendo e temendo que me abandonasse à primeira oportunidade. Então tive sonhos de suas lembranças. — esses ghouls lhe irritavam, especialmente quando se interpuseram entre ele e Myst enquanto tratava de convencê-la sobre um assunto tão importante. Começou a matá-los mais rápido — Em cada um deles foi má... uma sedutora.

— Ainda sou, Wroth — chutou a um ghoul na barriga, liberando a espada do peito.

— Não, não é...

— Se abaixe! — a espada lhe assobiou sobre a cabeça decapitando a um ghoul detrás dele — Sim, bem, tal e como eu o recordo, cada pôr-do-sol te perguntava sobre seus sonhos e rechaçava meus cuidados.

Ele matou a duas de uma estocada.

— Sei. Deveria haver perguntado, porque todas essas cenas tuas insuportáveis... fazendo coisas totalmente deslocadas — quando o ghoul maior ali fora uivou e o atacou, Wroth apunhalou a coisa na cara, deixando-o cair. Arqueou as sobrancelhas como se estivesse impressionada, logo olhou carrancuda, recordando-se a si mesmo.

— Myst, inclusive então estava apaixonado por ti.

Isso ao menos a obrigou a fazer uma pausa. Separou de um sopro um cacho dos olhos e justo quando se esticou para esquadrihar atrás dela, ela

tomou as duas mãos e afundou a espada para trás ao longo de seu flanco para matar ao ghoul a suas costas.

Agora ele levantou suas sobrelanceiras, mas continuou.

— Estava zangado quando descobri seu plano para me enganar, mas ao final compreendi que com toda a razão queria recuperar sua liberdade. Agora sei o que e quem é. Ao fim vi claramente todas as lembranças. Não fora de contexto — maldição, mais ghouls? — Myst, podemos falar sobre isto? longe daqui? O amanhecer se aproxima e tudo o que quero pedir é uma oportunidade para...

— Te dei uma oportunidade. Livrementemente. E a desperdiçou. Esteve a ponto de me lavar o cérebro.

Com uma mão, ele trinchou a um ghoul.

— Não pude viver comigo mesmo por isso. Estava equivocado de muitas formas. Tomei sua liberdade quando a necessitava, e te fiz mal quando se entregou a mim — nunca tinha lamentado tanto suas ações.

Poderia havê-la conseguido. Um coração para um coração.

— Ao te desejar tanto recorri a algo que pude e te tratei cruelmente quando não o merecia — olhou ao redor. Tinha estado tão concentrado com ela, que apenas se deu conta que tinham talhado uma fileira tal que outros tinham fugido — Se me der uma oportunidade, te compensarei.

— Oh, já o tem, Wroth. Só me deixe envolver em papel de presente minha corrente para você.

Os olhos do Wroth piscaram escuros e sua voz se voltou grave.

— Destruirei essa coisa se a vir.

Sua reação a surpreendeu.

— Certamente nunca terá isso ao alcance da mão.

— Myst, notei seus sentimentos para mim, senti sua luta contra eles. Sei que se preocupa comigo — passaram longos momentos enquanto se olhavam fixamente.

Era fraca, indigna de sua família, sabia, especialmente quando seu coração saltou ao vê-lo. Mas negou com a cabeça.

— Não posso. É muito tarde. Tenho muito a perder com isto. E não quero machucar a minha família te aceitando.

— Kristoff procura a paz. Se oporia à Horda contigo. Não haveria conflitos com eles. E poderia... fazer um esforço com suas irmãs, Myst. Agora sei quão importantes são para você. Me acredita, eu sei.

Golpeou-se ligeiramente o queixo.

— Então pode entender por que a idéia de me obrigar a esquecer-las me irritou? E o que ocorre se tiver mais visões fora de contexto? Isto poderia acontecer uma e outra vez.

— Não beberei de você.

Ela pôs os olhos em branco.

— Bravo, como eu definitivamente superarei meu vício a Xbox.

— Eu adoro que sintas o mesmo sobre essa opção. Já prometi solenemente não usar nunca mais a informação para prejudicar de nenhuma forma às Valquírias. E teria que te contar tudo o que estou pensando como se pudesse ler minha mente. Estamos casados. Poderíamos conhecer os segredos do outro. Myst, somos parecidos.

Isso a fez duvidar. Também se havia sentido desse modo. Afim.

Em que diabos estava pensando? Tinha estado a ponto de lhe lavar o cérebro.

Afirmando sua voz, disse.

— Wroth, sinto muito, mas nunca poderia confiar em ti... — suas palavras foram cortadas por um sólido braço que espremia o ar de sua garganta. Não um ghouls. Um demônio? Pensou ao azar. Um demônio convertido?

Wroth levantou a espada, um selvagem olhar assassino em seus olhos, mas o braço apertou mais e ficou imóvel.

— Não faria isso se fosse você — disse Ivo enquanto passeava tranqüilamente para a frente do seu bando de vampiros — Lhe romperá a cabeça do pescoço — o olhar vermelho do Ivo piscou sobre ela. — Agora Myst, pensei que te havia dito que esperasse em minha masmorra — disse para o demônio — Não é a única.

Estreitou os olhos ao Wroth.

— Então esse é o humano convertido que tomou meu castelo. Granadas? Armas? Te matarei só por viciar nossa guerra — passeou o olhar do Wroth para o Myst, e logo depois de volta outra vez, sorrindo ao ver que o corpo do Wroth parecia vibrar com a tensão. — Acredito que tenho algo que quer realmente muitíssimo. Tomarei sua vida em troca.

O demônio lhe sujeitou o pescoço firme em seu agarre. Ela lutou contra ele até que pôde respirar, mas era incrivelmente poderoso. Era um demônio convertido, supostamente era um verdadeiro mito. Aparentemente, a Horda tinha feito sua aposta. Tinha sabido que trazia algo na manga...

Wroth podia desaparecer em um segundo. Não poderiam apanhá-lo, a menos que tivessem a ela. Os olhos do Wroth estavam avaliando, e podia vê-lo estudando a situação.

— Caminhará para o sol, e juro pela Tradição que a liberarei. A caçarei outra vez, mas para este amanhecer juro que viverá. Em troca, se desaparecer, a levarei de volta a Helvita e jantarei em sua perfeita carne cada noite por toda a eternidade.

— Briga comigo, covarde — disse Wroth, os olhos vermelhos de ira, os músculos tensos e atados por isso.

— Por que teria que fazê-lo? — Ivo soou confundido —. Brigar contigo pelas cartas que já tenho?

Wroth era muito grande e poderoso, embora essa força lhe fosse inútil agora porque não brigariam. Ela podia sentir sua frustração turvando seu corpo em ondas.

— Sabe que aqui temos o poder. E sabe que meu juramento me obrigará a soltá-la.

Tinha visto o Wroth examinando a situação, e viu exatamente o momento em que determinou suas opções. Uma calma pareceu cobri-lo.

— Sua vida ou a dela.

Uma tensa inclinação de cabeça.

— Feito — nenhuma vacilação — Está feito.

— Capturada e liberada? — Myst se burlou do Ivo enquanto ele e sua banda procuravam retornar à sombra com ela, preparando-se para o amanhecer. O canto dos pássaros tinha começado — Está tirando um sarro? — disse para Wroth — Está ansioso de se converter em cinza?

O sol alcançou as copas das árvores, descendo polegada a torturada polegada. Estava em pé tão seguro e valente como se se orgulhasse de dar sua vida por ela.

A brisa matutina soprou o cabelo em sua cara. Não lhe tirou os olhos de cima.

Os raios de sol estavam a poucas polegadas dele, quase alcançando o musgo dos grandes carvalhos que curvavam os pés dos mausoléus. Agora ela sentiu frustração quando nunca a tinha conhecido.

— Wroth, não seja estúpido.

— Te quero, Myst — disse em um tom grave e constante.

Sentiu estalar no peito a resposta a suas palavras. Sim, tinha-a ofendido, e sim, era um vampiro, mas...

A luz lhe deu totalmente. Sem fechar os olhos à tremenda claridade que igualmente danificaria os olhos dela.

E soube que era porque queria vê-la um pouco mais.

Logo a intensidade do sol era muito forte; caiu sobre seus joelhos, as mãos crispadas em uma agonizante dor. Abriu os olhos uma vez mais. Intensa, nua. Um último olhar.

Ia morrer.

Eles sempre o fazem.

Simplesmente... desapareciam.

— Não — dizendo a palavra em voz alta foi como fazer voar uma montanha para desatar uma avalanche. Um imortal como ele não tinha que morrer. Podia ficar com ela — Não, não, não.

— Milaya, não brigue — disse — Está feito.

O demônio que a retinha cheirava a carne podre. O covarde bando de vampiros sorria sarcasticamente à morte do Wroth, quando Wroth era muito maior que eles. Como se atreviam?

Tinha esperado milênios para amar... tinha esperado por ele... e se atreviam a tirar-lhe de Myst, a Cobiçada. Gritou comprido e forte com o chiado para que seu grupo soubesse onde estava. Que precedia à morte. O demônio amaldiçoou e brigou para lhe romper o pescoço, mas seus músculos se colocaram em perfeito ajuste e alinhamento para impedi-lo.

Wroth se moveu com dificuldade para ela, tratando de chegar a ela enquanto se queimava por dentro. Batalhando por salvá-la enquanto morria.

Era dele.

Liberou seus braços e os elevou. O relâmpago apareceu para chegar a seu alcance e ocupar seu corpo. Que a desafiassem...

Os dois que a agarravam saíram disparados, um estrondo fulminante os fez explodir de dentro. Sua mão saiu disparada para baixo para recolher a espada justo quando ele foi atirado na luz.

Arremeteu, cortando e arranhando a outros com o estranho dom do relâmpago dirigido dos adormecidos derramando a força nela. Cortou o número, apenas com um estremecimento quando se rompeu o braço e o extremo de uma espada lhe fraturou a maçã do rosto. Não via por esse olho, trocou as mãos. Abriu-se passo para Ivo, que ficou sozinho.

— E eu aqui pensando que era só uma coisa bonita — com uma reverência zombadora, o covarde desapareceu.

Com o braço destroçado, a cara moída a golpes, voou para o Wroth. Inutilmente tentou cobrir seu corpo, arrastando-o para a sombra fresca inclusive enquanto se mordida o pulso abrindo-o para que bebesse. Estava inconsciente, seu corpo retorcendo-se de dor, a pele parecia como lava ardendo dentro dele.

— Parece que nós perdemos a festa —disse Regin enquanto ela e Cara planejavam sobre Myst — Como consegue Myst matar a todos os vampiros? Não. Certamente. Isto imaginando que só fossem ghouls.

— Myst, o que está fazendo? Ouvimos seu grito e pensamos que era algo importante — disse Cara. Ondeou uma mão depreciativa para a contorcida forma do Wroth, evidentemente incapazes de compreender por que Myst o arrastava freneticamente com um braço enquanto aproximava a boneca aberta a seus lábios— Ele vai morrer. Deixa-o.

— Oh, pelo amor do Freya, Myst. É um vampiro. Deixa que se asse —disse Regin.

Myst chiou estalando os dentes para suas irmãs. Então gritou duas palavras que nunca em sua vida tinha pronunciado...

— Me ajudem.

Capítulo 13

Wroth despertou pela umidade sobre seu peito.

O sedoso cabelo lhe caía pelo braço. Quando abriu os olhos se deu conta que estavam chorando sobre ele. Impossível.

— Myst? — perguntou com voz áspera. Sua cabeça se elevou e lhe deu de presente um choroso sorriso que rapidamente se desvaneceu. Deu-lhe uma palmada, forte, um golpe duro. Então saltou sobre ele, acariciando-o com o nariz, apertando, como se não pudesse conseguir estar suficientemente perto dele, como se quisesse meter-se nele.

— Não volte a fazer algo tão estúpido — lhe golpeou o peito, o qual se surpreendeu que estivesse curado.

Ele flexionou e esticou os músculos em todas as partes. Tinha partes enfaixadas, mas tinha todos os membros. Isto estava bem. Agora veria se podia apanhar a sua esposa para que deixasse de golpeá-lo.

— Se você não te detiver, milaya, discutiremos.

Então ela virou para beijá-lo outra vez lhe sussurrando ao ouvido e com lágrimas caindo pelo rosto, cada um como um presente.

— Esteve fora por cinco noites. Você despertaria no inferno.

— Onde estamos?

— Em Vahalla.

Ele se esticou.

— Não, está a salvo — se tornou para trás e levantou uma sobrancelha — Crie que ia deixar simplesmente que minhas irmãs caíssem sobre ti como se fosse uma cabeça de gado morta?

Escoiceou ante a imagem.

— Não posso esperar para conhecê-las. Como escapou?

— Ivo escapou, mas Cara e Regin estão no seu rastro.

— Simplesmente estou contente de ter estado ali para te salvar — disse Wroth solenemente, fazendo um sorriso forçado — Matou ao demônio convertido?

— O relâmpago e eu.

Recordou então. Tinha sido golpeada diretamente, cabelo revolto, olhos de prata, a mais assustadora vista jamais presenciou.

— Vi-te sendo golpeada — sua voz baixou — Sorria.

— Estava bem. É muito estranho conseguir um golpe direto.

Do lado de fora, algo, algum varão, uivou com fúria. Wroth se esticou para arrastá-la para longe.

— Oh, não se preocupe. Justo outro louco dia na casa — aliviou sua tensão. — Um Lykae capturou a jovem Emmaline e a levou de volta a Escócia. Acredita que é sua rainha ou algo assim.

— Rainha?

— Uh, hum. Então Luzia apanhou ao irmão do Lykae para influenciar, mas aparentemente demonstra estar muito pouco disposto a colaborar. De todos os modos, se conhecesse Em poderia ver quão ridícula é a idéia. Está aterrorizada de sua própria sombra, muito mais que pelos rugidos pelo único... apetite de um Lykae.

Teria que lhe perguntar a respeito disso mais tarde.

— É a única que é parte vampiro — quando franziu o cenho se apressou a tranquilizá-la — Nunca falei ao Kristoff a respeito dela, mas suspeito que Ivo a está procurando.

— Sabem. Haviam já enviado um grupo de recuperação por ela, e uma vez que a tragam de volta, estará segura aqui. Os fantasmas a manterão afastada de qualquer ameaça.

Nesse momento um passou voando pela janela cacarejando para interromper sua afirmação.

Arqueou as sobrancelhas e quando ela sorriu lhe embalou o rosto com uma mão enfaixada.

— Te quero.

— Sei.

— Poderia... poderia sentir o mesmo? Antes de me responder, quero que saiba que preciso dizer o que vou dizer. Sinto-o por te forçar a ficar e por perder a cabeça. Sempre estarei envergonhado por minhas ações.

— Wroth, queria estar contigo. Oh, um dia tinha planejado jogar contigo, mas me dei conta em seguida que estava me apaixonando por você.

Não a tinha ouvido corretamente. Sim, tinha estado preocupada com suas feridas, mas isso não significava que o amasse.

— Está dizendo que me ama também?

Mordeu-se seu lábio e assentiu.

— Sempre gostei muito de você, você sabe. Eu costumava ouvir histórias sobre você — disse ela, quando franziu o cenho — E me entristeci quando escutamos que tinha morrido. Logo te conhecemos em pessoa — ela se ruborizou um pouco. — Descobri que estava à altura de minhas fantasias.

Desconcertou-o ouvir isto de sua feroz, assombrosamente formosa esposa. Com voz grave, respondeu-lhe com total modéstia

— Isso vindo de você dá a meu ego um pouco de ânimo.

Seus lábios se curvaram.

— Entre outras coisas, o estranho presente de um golpe direto de raios, e o fato de que foi o único homem capaz de me libertar de minhas correntes, e o fato de que estivesse tão pancadamente ansioso de renunciar a sua vida pela minha — embora o deseje, se segue tentando-o, vou te matar —, todo isso me convenceu de que devíamos estar juntos.

— Sempre, Myst. Eu o farei facilmente — quando ela esteve a ponto de protestar, perguntou — Que tem a sua família? O tentarei se eles o tentarem.

— Por todas as razões que acabo de enumerar, um par de minhas irmãs decidiram que tentarão superar sua repugnância para ti.

Franziu o cenho a isso.

— Muito amável de sua parte.

— Ainda assim não desejam ter nada a ver com o Kristoff ou qualquer um sob suas ordens. É a exceção porque se sentem como se soubessem que és humano e por causa do que aconteceu entre nós. Mas se, digamos, seu irmão aparece por aqui, eles... isso seria... mau.

— Entendo.

— Se pode fazer um esforço genuíno, acredito que todos lhe aceitarão com o tempo.

Ele desejou esclarecer isto.

— Te aceitarão como minha esposa e a mim como seu marido? — queria tudo dela. Não apenas algumas décadas. Queria a eternidade. E durante tanto tempo como ela estivesse de humor para dar.

Ela assentiu, um sorriso jogava sobre seus lábios rosados.

— Nós ainda temos muitos embrulhos que arrumar, pensa-o. Nossas famílias e nossas facções, e quem fica com o controle remoto, e vivendo a

logística viva — porque Blachmount precisa dos pára-raios do TLCand em um mal caminho — ... mas suponho que tenho que tomar posse de você, já que tomei posse de meu anel de compromisso.

Ele sorriu abertamente.

— Você gostou disso, não é mesmo?

— Não podia tirar meus olhos dele — disse com uma risada descarada.

Sujeitou-a e a aproximou, sabendo que desejava ser envolta forte e segura em seus braços, tanto como ele necessita sua suavidade e confiança neles.

— Nem posso acreditar-lo absolutamente. Inclusive depois de tudo? — se ela pudesse lhe dar outra oportunidade, Wroth pensava que poderiam fazê-lo tudo juntos.

— Sim. Mas... — lhe passou a lisa parte traseira das unhas pelo braço — Terá que passar a eternidade me compensando.

Liberou-a para inclinar-se sobre ela, embalando a parte de atrás de seu pescoço. Seu olhar fixo se deslizou sobre seu rosto, encontrando depois os olhos de sua esposa, enquanto lhe sorria.

— Milaya, isso está feito. — disse roucamente, com a voz quebrada, sentindo um amor por ela tão forte que lhe doía.